Gichin Funakoshi

KARATÊ-DŌ
O meu Modo de Vida



Pela primeira vez em livro, a história da vida do pai do moderno Karatê-dō

Cultrix

Índice

Este livro foi digitalizado através de Scanner e software para reconhecimento de texto. Podem haver erros de português e concordância e, principalmente, no reconhecimento de palavras japonesas.

Se você gostou do livro, compre-o.

Apresentação

Muito já se publicou no Japão sobre o eminente mestre de karatê, Gichin Funakoshi, mas esta é a primeira tradução de sua autobiografia para o inglês. Escrita pouco antes de sua morte, aos noventa anos, a obra descreve em detalhes sucintos a vida do mestre — sua infância e juventude em Okinawa, sua luta para aperfeiçoar e popularizar a arte do karatê, suas orientações para a longevidade — e revela sua personalidade única e seu modo um tanto antiquado de ver a si mesmo, a seu mundo e à sua arte.

Através destas páginas, o praticante do Karatê-dô chegará a uma compreensão maior do modo de viver e de pensar do mestre e, como conseqüência, da arte da autodefesa que ele tanto aperfeiçoou. Recomendo entusiasticamente essas memórias de Funakoshi não somente àqueles que já praticam Karatê-dõ, ou que têm intenção de praticá-lo, mas também a todos os que se interessam pela cultura e pelo pensamento do Oriente.

A origem do karatê permanece impenetravelmente oculta pelas névoas da lenda, mas pelo menos conhecemos este fato: ele se enraizou e é amplamente praticado em toda a Ásia, entre povos que professam credos tão distintos como o budismo, o islamismo, o hinduísmo, o bramanismo e o taoísmo. No transcurso da história humana, artes de autodefesa específicas atraíram seus próprios seguidores em várias regiões da Ásia, mas existe uma semelhança subjacente básica entre todas elas. Por esta razão, de um modo ou de outro, o karatê se relaciona com as outras artes de autodefesa orientais, embora (penso poder afirmar) seja ele, atualmente, a mais praticada de todas.

O inter-relacionamento se evidencia de imediato quando comparamos o motivo por trás da filosofia moderna com o da filosofia tradicional. A primeira tem suas raízes lançadas na matemática; a última, no movimento físico e na técnica. Os conceitos e idéias, as línguas e os modos de pensar orientais foram modelados, até certo ponto, por sua conexão intima com as habilidades físicas. Mesmo naquelas situações em que as palavras, e também as idéias, passaram por mudanças de sentido inevitáveis no decorrer da historia humana, descobrimos que suas raízes permanecem solidamente encravadas em técnicas físicas.

Há um ditado budista que, como muitas outras máximas do budismo, é manifestamente autocontraditório, mas, para o karateca, confere um significado especial à sua prática técnica. Traduzido, o ditado reza, ‘Movimento é não-movimento, não-movimento é movimento.Esta é uma tese que, mesmo no Japão contemporâneo, é aceita pelos educadores e, devido à sua familiaridade, a máxima pode ser até mesmo abreviada e utilizada adjetivalmente em nossa língua.

Um japonês que busque ativamente a auto-iluminação dirá que está "treinando sua barriga" (hara wo neru). Embora a expressão possa ter implicações amplas, sua origem se encontra na necessidade óbvia de enrijecer os músculos do estômago, um pré-requisito para a prática do karatê, que é, afinal de contas, uma técnica de combate. Levando os músculos do estômago a um estado de perfeição, o karateca é capaz de controlar não somente os movimentos de suas mãos e pés, mas também sua respiração.

O karatê deve ser quase tão antigo quanto o homem, que desde seus primeiros dias se viu obrigado a enfrentar, desarmado, as forças hostis da natureza, animais selvagens e inimigos entre seus semelhantes humanos. Ele logo aprendeu, criatura insignificante que é, que em seu relacionamento com as forças naturais a

acomodação era mais sensata que a luta. Entretanto, onde havia um equilíbrio maior, nas hostilidades inevitáveis com os seus semelhantes, ele foi obrigado a desenvolver técnicas que lhe permitissem defender a si mesmo e, esperançosamente, derrotar o inimigo. Para que isso acontecesse, aprendeu que tinha de ter um corpo saudável e forte. Assim, as técnicas que começou a desenvolver — as técnicas que por fim foram incorporadas ao Karatê-dô são uma feroz arte de combate, mas são também elementos da absolutamente importante arte da autodefesa.

No Japão, o termo sumô aparece na antologia poética mais antiga do pais, o Man 'yõshú. O sumô daquele tempo (século oitavo) integrava não somente as técnicas que encontramos no sumô atual mas também as do judô e do karatê; este último teve uni desenvolvimento maior devido ao incentivo do budismo, visto que os monges o utilizavam como um meio de percorrer o caminho rumo à auto-iluminação. Nos séculos sétimo e oitavo, budistas japoneses viajaram para as cortes de Sui e T'ang, onde aprenderam a versão chinesa da arte, trazendo para o Japão alguns de seus aperfeiçoamentos. Durante muitos anos, aqui no Japão, o karatê continuou confinado nos largos muros dos templos, de modo particular dos do budismo zen; aparentemente, não era praticado por outras pessoas até que os samurais começaram a treinar no recinto dos templos e assim ficaram sabendo da existência da arte. Como o conhecemos atualmente, o karatê foi aperfeiçoado, nos últimos cinqüenta anos, por Gichin Funakoshi.

Existem muitas histórias divertidas sobre este homem extraordinário, grande parte delas contada por ele mesmo nas.páginas seguintes. Algumas talvez, a esta altura, pertençam já ao reino da lenda, enquanto outras não receberam a atenção de Funakoshi por serem parte tão intima de seu modo de vida que sequer estava consciente delas. Ele jamais se desviou de seu modo de vida, o modo do samurai. Ao jovem japonês do mundo

pós-guerra, quase tanto quanto ao leitor estrangeiro, Funakoshi talvez pareça um tanto extravagante, mas ele estava apenas seguindo o código moral e ético de seus ancestrais, um código que existia muito antes que houvesse algo como uma história escrita em Okinawa.

Ele conservava os tabus ancestrais. Por exemplo, a cozinha era um território proibido para um homem de sua classe, e Funakoshi, tanto quanto é do meu conhecimento, jamais entrou nela. E também nunca se dispôs a pronunciar os nomes de objetos tão mundanos como meias ou papel higiênico, visto que — mais uma vez segundo o código que seguia rigorosamente — essas palavras estavam associadas como que era considerado impróprio ou indecente.

Para nós que estudamos sob sua orientação, Funakoshi era um mestre notável e muito reverenciado, mas temo que aos olhos de seu jovem neto Ichiró (agora coronel da Força Aérea de Auto-defesa) ele fosse apenas um velho teimoso. Lembro-me muito bem de uma ocasião em que Funakoshi deparou com um par de meias jogado no chão. Gesticulando para Ichirõ, disse, “Guarde aquelas coisas!”

“Não compreendo”, disse Ichitõ com um ar de absoluta inocência. “O que quer dizer com ‘aquelas coisas’?”

“Sim”, disse Funakoshi, “aquelas coisas, aquelas coisas!”

“Aquelas coisas, aquelas coisas!”, arremedou Ichirõ. “Você não conhece a palavra para ‘aquelas coisas’?”

“Eu disse para guardar aquelas coisas imediatamente! repetiu Funakoshi, e Ichirõ foi obrigado a dar-se por vencido. Sua armadilha falhara; como o fizera durante toda a sua vida, seu avô ainda se recusava inflexivelmente a pronunciar a palavra “meias”.

No decorrer do livro, Funakoshi descreve alguns de seus hábitos diários. Por exemplo, a primeira coisa que fazia ao se levantar pela manhã era escovar e pentear o cabelo, um processo que às vezes ocupava uma hora inteira. Ele costumava dizer que um samurai deve estar sempre limpo. Depois de tornar-se apresentável, voltava-se na direção do Palácio Imperial e inclinava-se profundamente; em seguida, voltava-se na direção de Okinawa e fazia inclinação semelhante. Só depois de concluir esses ritos todos é que tomava seu chá matinal.

Bem, meu objetivo aqui não é contar sua história por ele, e sim apenas apresentá-lo ao leitor. E estou muito feliz e orgulhoso por fazê-lo. Mestre Funakoshi foi um exemplo magnífico de um
homem de sua categoria nascido no começo do período Meiji, e atualmente restam poucos homens no Japão dos quais se pode dizer que observam um código semelhante. Sou

muito agradecido por ter sido um de seus discípulos e apenas posso lamentar que ele não se encontre mais entre nós.

Genshin Hironishi, Presidente do Karatê-dõ Shõtõ-kai do Japão

Prefácio

Foi há quase quatro décadas que iniciei o que considero hoje ter sido um programa deveras ambicioso: a apreciação ao público japonês dessa complexa arte, ou esporte, de Okinawa, que se chama Karatê-dô, o "Caminho do Karatê”. Esses quarenta anos foram turbulentos, e o caminho que escolhi para mim mesmo não foi nada fácil; hoje, olhando para trás, fico admirado de ter alcançado nesse esforço até mesmo o sucesso bastante modesto que se introduziu em minha vida.

O fato de o Karatê-dô estar hoje ocupando seu lugar no mundo como um esporte reconhecido internacionalmente se deve inteiramente aos esforços de meus mestres, de meus companheiros praticantes, de meus amigos e de meus alunos: todos eles devotaram irrestritamente seu tempo e seu esforço à tarefa de aprimorar esta arte de autodefesa até seu atual estado de perfeição. Quanto a meu próprio papel, sinto que o mesmo não foi mais que o de um apresentador — um mestre-de-cerimônias, por assim dizer, alguém que foi abençoado pelo tempo e pela oportunidade para aparecer no momento oportuno.

Não é exagero afirmar que quase todos os noventa anos de minha vida foram dedicados ao Karatê-dô. Até certo ponto, fui um bebê doentio e uma criança frágil; por isso, quando ainda era pequeno, recebi a sugestão de que para superar essas deficiências eu deveria estudar karatê. Aceitei a sugestão, mas com pouco interesse no inicio. Entretanto, durante a segunda metade dos meus anos de escola primária, depois que minha saúde começou a melhorar sensivelmente, meu interesse pelo karatê começou a crescer. Em pouco tempo, descobri, ele havia me enfeitiçado. Lancei-me todo inteiro, mente e corpo, coração e alma, à tarefa de dominá-lo. Havia sido uma criança débil, irresoluta, introvertida; ao chegar à idade adulta, sentia-me forte, vigoroso, decidido.

Ao fazer um retrospecto das nove décadas de minha vida —da infância à juventude, passando pela maturidade até a (usando unia expressão de que não gosto) velhice — percebo que é graças à minha devoção ao Karatê-dô que nunca precisei consultar um médico. Em nenhum momento de minha vida tomei qualquer remédio: nada de pílulas, de elixires, nem sequer uma única injeção. Nos últimos anos, meus amigos me acusaram de ser imortal; é uma brincadeira a que posso somente responder, séria mas simplesmente, que meu corpo foi tão bem treinado que repele qualquer tipo de doença ou moléstia.

Na minha opinião, há três tipos de males que afligem o ser humano: as doenças que causam febre, o mau funcionamento do sistema gastrintestinal e os ferimentos físicos. Quase que invariavelmente, a causa de uma deficiência está num estilo de vida não-saudável, em hábitos irregulares e numa circulação imperfeita. Se um homem com uma

temperatura acima do normal praticar karatê até que o suor comece a gotejar, logo perceberá que sua temperatura terá voltado ao normal, e que a doença foi curada. Se um homem com problemas gástricos fizer o mesmo, ele fará com que o sangue circule mais livremente e assim aliviará seu sofrimento. Os ferimentos físicos, obviamente, são outra coisa, mas muitos deles podem ser evitados por um homem bem-treinado que tome cuidados e precauções adequados. O Karatê-dô não é apenas uru esporte que ensina a bater e dar pontapés; é também urna defesa contra a doença e as moléstias.

A popularidade internacional alcançada pelo Karatê-dô é recente, mas esta é uma popularidade que os professores de karatê
devem fomentar e usar com grande cuidado. É gratificante para mim ver o entusiasmo com que jovens de ambos os sexos, e mesmo crianças, vêm se dedicando ao esporte, não somente em meu próprio pais mas também em todo o mundo.

Sem dúvida, este é um dos motivos pelo qual o Sangyõ Keizai Shitnbun (“Jornal do Comércio e da Indústria”) me pediu para escrever sobre o Karatê-dô. Inicialmente, respondi que sou um homem velho e um cidadão comum, com muito pouco a dizer. Entretanto, é verdade que dediquei praticamente toda a minha vida ao Karatê-dô; de modo que aceitei a oferta do jornal sob a condição de que os editores me permitissem escrever uma espécie de autobiografia.

Ao mesmo tempo, iniciando a tarefa, sinto-me um tanto embaraçado, e por isso peço aos leitores que me perdoem por falar de assuntos tão inconseqüentes. Peço-lhes que vejam o meu livro como algo mais do que os desvarios de um velho. De minha parte, estimularei esses meus velhos ossos e, com a ajuda de meus leitores, concentrarei minhas energias para pôr às claras a grande lei do céu e da terra em prol da nação e das gerações futuras. Na busca desse objetivo, peço a cooperação e o apoio sinceros de meus leitores.

Quero expressar aqui minha gratidão a Hiroshi Irikata, da Weekly Sankei Magazine, pela sua assistência editorial, e a Toyohiko Nishimura, da mesma revista, pelo formato do livro (da edição japonesa).

Gichin Funakoshi

Tóquio

Setembro, 1956

O Início do Caminho

A Perda do Birote

A Restauração Meiji e eu nascemos no mesmo ano, 1868. A primeira viu a luz do dia na antiga capital do xogum, Edo, que veio a ser conhecida como Tóquio. Eu nasci no distrito de Yamakawachõ, na capital real de Okinawa, Shuri. Se alguém se desse o trabalho de pesquisar os registros oficiais, descobriria que nasci no terceiro ano de Meiji (1870), mas o fato verdadeiro é que meu nascimento ocorreu no primeiro ano do reinado e que tive de falsificar meu registro oficial para poder prestar os exames de admissão numa escola de medicina de Tóquio.

Naquela época, existia uma lei que determinava que somente os nascidos no ano de 1870, ou dai em diante, podiam.ser considerados habilitados a prestar os exames; assim, não tive outra alternativa senão alterar os registros oficiais, o que era fácil de fazer porque, por estranho que pareça, a burocracia de registro não era tão rígida como o é atualmente.

Com a data de meu nascimento alterada, prestei os exames e passei, mas mesmo assim não entrei na escola de medicina de Tóquio. A causa, que parecia bastante razoável à época, pareceria um pouco menos sensata hoje, imagino.

Entre as muitas reformas instituídas pelo novo governo Meiji durante os primeiros vinte anos de sua existência estava a abolição do birote, um estilo de cabelo masculino que fora elemento tradicional da vida japonesa por tempo tão longo que ninguém poderia imaginar. De modo particular em Okinawa, o birote era considerado um símbolo não simplesmente de maturidade e virilidade, mas de masculinidade propriamente dita. Como o decreto que bania o cultuado birote abrangia o país todo, houve oposição a ele em todo o território, mas em nenhum lugar, penso, as linhas de batalha foram tão impetuosamente estabelecidas quanto em Okinawa.

Aqui, aqueles que acreditavam que o destino futuro do Japão exigia que ele adotasse idéias ocidentais e aqueles que acreditavam no contrário entravam em constantes desavenças sobre quase toda reforma instituída pelo governo. Nada, entretanto, pareceu inflamar tanto os ânimos dos habitantes de Okinawa quanto a abolição do birote. Em geral, os homens nascidos na classe shizoku (ou privilegiados) se opunham obstinadamente, enquanto os da classe heimin (ou comuns) e uns poucos da shizoku apoiavam o que se poderia chamar de ato de abolição. Este último grupo era conhecido como os Kaika-tõ (o "Partido da Iluminação”), o primeiro, como os Ganko-tô (literalmente, o "Partido dos Obstinados”).

Por várias gerações minha família estivera ligada a um oficial de graduação inferior, e todo o clã se opunha unânime e inflexivelmente ao corte do birote. Tal ato era absolutamente execrável a todos os membros de minha família, embora eu mesmo não me sentisse fortemente inclinado nem para um lado nem para o outro. O resultado foi que cedi ás pressões da família, e interrompi os estudos, pois a escola se recusava a aceitar alunos que persistissem no estilo tradicional, e assim todo o curso futuro de minha vida foi influenciado por uma questão tão insignificante como a de um birote.

Como todos, obviamente, por fim eu devia conformar-me, mas antes de dizer como isso aconteceu, devo voltar alguns anos no tempo. Meu pai Gisu era um oficial de posição inferior, e eu seu filho único. Nascido prematuramente, eu era um bebê de compleição frágil, e visto que tanto meus pais como meus avós concordaram que eu não estava destinado a uma vida longa, todos me dedicaram atenção especial. De modo particular, eu era mimado

do birote, um estilo de cabelo masculino que fora elemento tradicional da vida japonesa por tempo tão longo que ninguém poderia imaginar. De modo particular em Okinawa, o birote era considerado um símbolo não simplesmente de maturidade e virilidade, mas de masculinidade propriamente dita. Como o decreto que bania o cultuado birote abrangia o pais todo, houve oposição a ele em todo o território, mas em nenhum lugar, penso, as linhas de batalha foram tão impetuosamente estabelecidas quanto em Okinawa.

Aqui, aqueles que acreditavam que o destino futuro do Japão exigia que ele adotasse idéias ocidentais e aqueles que acreditavam no contrário entravam em constantes desavenças sobre quase toda reforma instituída pelo governo. Nada, entretanto, pareceu inflamar tanto os ânimos dos habitantes de Okinawa quanto a abolição do birote. Em geral, os homens nascidos na classe shizoku (ou privilegiados) se opunham obstinadamente, enquanto os da classe heimin (ou comuns) e uns poucos da shizoku apoiavam o que se poderia chamar de ato de abolição. Este último grupo era conhecido como os Kaika-tõ (o "Partido da Iluminação”), o primeiro, como os Ganko -rã (literalmente, o "Partido dos Obstinados”).

Por várias gerações minha família estivera ligada a um oficial de graduação inferior, e todo o clã se opunha unânime e inflexivelmente ao corte do birote. Tal ato era absolutamente execrável a todos os membros de minha família, embora eu mesmo não me sentisse fortemente inclinado nem para um lado nem para o outro. O resultado foi que cedi às pressões da família, e interrompi os estudos, pois a escola se recusava a aceitar alunos que persistissem no estilo tradicional, e assim todo o curso futuro de minha vida foi influenciado por uma questão tão insignificante como a de um birote.

Como todos, obviamente, por fim eu devia conformar-me, mas antes de dizer como isso aconteceu, devo voltar alguns anos no tempo. Meu pai Gisu era um oficial de posição inferior, e eu seu filho único. Nascido prematuramente, eu era um bebê de compleição frágil, e visto que tanto meus pais como meus avós concordaram que eu não estava destinado a uma vida longa, todos me dedicaram atenção especial. De modo particular, eu era mimado
pelos dois casais de avós. De fato, pouco tempo depois de meu nascimento fui levado para viver com os pais de minha mãe, e lá meu avô me ensinou os Quatro Clássicos Chineses e os Cinco Clássicos Chineses da tradição confuciana — essenciais para os filhos dos shizoku.

Foi durante minha permanência na casa de meus avós que comecei a freqüentar a escola primária, e depois de certo tempo tornei-me muito amigo de um de meus colegas. Isso também estava destinado a alterar o curso de minha vida (e de uma maneira muito mais fundamental do que no caso do birote), pois meu colega era filho de Yasutsune Azato, um homem maravilhoso e um dos maiores especialistas de Okinawa na arte do karatê.

Mestre Azato pertencia a uma das duas classes superiores de familias shizoku em Okinawa: os Udon eram da classe mais elevada e equivaliam aos daimios entre os dás fora de Okinawa; os Tonochi eram chefes hereditários de cidades e vilas. Azato pertencia a este último grupo, ocupando sua família elevada posição na vila de Azato, localizada entre Shuri e Naha. O prestígio dos Azato era tão grande que o governador de Okinawa não os tratava como vassalos, mas como amigos íntimos de mesmo nível.

Mestre Azato era insuperável na arte do karatê em toda Okinawa e, além disso, primava na arte da equitação, da esgrima japonesa e do manejo do arco. Era também um erudito brilhante. Foi um golpe de sorte entrar no foco de sua atenção e posterior-mente receber minhas primeiras lições de karatê sob sua excepcional orientação.

Naquele tempo, a prática do karatê era proibida pelo governo, por isso as sessões tinham de ser realizadas em segredo, e os alunos eram terminantemente proibidos por seus professores de discutir com quem quer que fosse o fato de estarem aprendendo a arte. Direi algo mais sobre este assunto mais adiante; no momento, é suficiente dizer que a prática do karatê somente podia ser realizada à noite e às escondidas. A casa de Azato ficava longe da de meus avós, onde eu ainda morava, mas como meu entusiasmo pela arte começou a tomar conta de mim, nunca achei aquela caminhada noturna muito longa. Foi depois de vários anos de prática que percebi que minha saúde havia melhorado sigmficativamente, e que não era mais a criança débil que fora. Eu gostava do karatê mas

— mais do que isso — me sentia profundamente devedor a esta arte por meu bem-estar aumentado, e foi por essa época que comecei a pensar seriamente na possibilidade de fazer do Karatê-dô um modo de vida.

Entretanto, não passava pela minha cabeça que pudesse fazer dele uma profissão, e já que a controvérsia espinhosa do birote havia posto a carreira médica fora do meu alcance, começava agora a pensar em alternativas. Visto que tanto meu avô como Azato haviam me ensinado os clássicos chineses desde a infância, decidi fazer uso desse conhecimento tornando-me professor. Concretizando a decisão, prestei os exames de qualificação e assumi a função de instrutor assistente numa escola primária. Minha primeira experiência como responsável por uma sala de aula aconteceu em 1888, com a idade de vinte e um anos.

Mas o birote ainda importunava, pois antes de ser autorizado a assumir minhas funções, fui solicitado a livrar-me dele. Isso me pareceu plenamente razoável. O Japão vivia então um momento de grande efervescência; mudanças importantes ocorriam em todas as panes, afetando cada faceta da vida. Como professor, sentia que tinha a obrigação de ajudar a geração mais jovem, que um dia forjaria o destino de nossa nação, a preencher as enormes lacunas que se escancaravam entre o Japão velho e o novo. Eu mal podia objetar ao edito oficial que prescrevia que nosso birote tradicional tinha se tornado agora uma relíquia do passado. Todavia, tremia ao pensar no que os demais membros mais velhos da família iriam dizer.

Naquela época, os professores trajavam um uniforme especial (semelhante ao usado pelos estudantes na Escola de Pares antes da última guerra); uma jaqueta escura abotoada até o pescoço, os botões de cobre com desenho em relevo de uma florescência de cereja, e um boné com uma insígnia também com o desenho de uma cereja em flor. Foi no tempo em que usava esse uniforme, tendo o birote raspado, que fiz uma visita aos meus pais para
relatar que havia sido empregado como instrutor assistente numa escola primária.

Meu pai mal podia acreditar em seus olhos. “O que você fez a você mesmo?”, gritou com raiva. “Você, o filho de um samurai!” Minha mãe, ainda mais raivosa do que ele, recusou-se a falar comigo. Virou-me as costas, saiu de casa pela porta dos fundos e fugiu para a casa de seus pais. Imagino que os jovens de hoje devem considerar esse bate-boca uma coisa inconcebivelmente ridícula.

De qualquer modo, o dado fora lançado. Apesar de toda objeção ardorosa dos meus pais, adotei a profissão que seguiria pelos trinta anos seguintes. Mas em hipótese alguma abandonei meu primeiro verdadeiro amor. Dava aulas durante o dia e em seguida, como a

proibição do karatê ainda vigorava, percorria meu furtivo caminho na escuridão da noite, portando uma lanterna fosca quando não havia lua, para a casa de Mestre Azato. Quando, noite após noite, entrava sorrateiramente em casa um pouco antes do amanhecer, os vizinhos punham-se a conjeturar sobre aonde eu ia e o que estava fazendo. Alguns decidiram que a única resposta possível a este curioso enigma era um bordel.

A verdade, porém, era totalmente outra. Noite após noite, freqüentemente no pátio da casa dos Azato, sob a observação do mestre, eu praticava um kata ("exercício formal") repetidas vezes, semana após semana, ás vezes mês após mês, até tê-lo dominado completamente para satisfação do meu professor. Essa repetição constante de um único kata era estafante, muitas vezes exasperante e ocasionalmente humilhante. Mais de uma vez tive de lamber o pó no assoalho do dojô ou no pátio de Azato. Mas a prática era rígida, e nunca era autorizado a passar a outro kata sem que Azato estivesse convencido de que eu tinha compreendido bem o que estivera exercitando.

Embora consideravelmente avançado em anos, ele sempre se sentava ereto como uma vareta, na sacada, quando trabalhávamos ao ar livre, vestindo um hakama, com um lampião de luz fraca a seu lado. Seguidas vezes, por puro cansaço, eu simplesmente não conseguia sequer apagar a chama.

Depois de executar um kata, esperava seu julgamento verbal. Este era sempre sóbrio. Se continuasse insatisfeito com minha técnica, murmurava, "Faça de novo", ou, "Um pouco mais!" Um pouco mais, um pouco mais, tantas vezes um pouco mais, até que o suor escorria e eu estava pronto para desabar: era seu jeito de me dizer que ainda havia algo a ser aprendido, a ser dominado. Por vezes, quando considerava meu progresso satisfatório, seu veredicto era expresso com uma única palavra, "Bom!" Essa única palavra era seu maior elogio. Até que não a ouvisse pronunciada várias vezes, porém, jamais me atrevia a pedir-lhe que me ensinasse um novo kata.

Mas após o término de nossas sessões práticas, em geral nas primeiras horas da madrugada, ele se tornava um tipo diferente de professor. Então teorizava sobre a essência do karatê ou, como um pai bondoso, me interrogava sobre minha vida de professor. Pouco antes do amanhecer, pegava minha lanterna e voltava para casa, consciente, à medida que minha caminhada terminava, dos olhares desconfiados dos vizinhos.

Não posso de maneira alguma deixar de mencionar um bom amigo de Azato, um homem que também teve sua origem numa família shizoku de Okinawa e também considerado tão hábil na arte do karatê quanto o próprio Azato. Às vezes, eu praticava sob a tutela dos dois mestres, Azato e Ytosu, ao mesmo tempo. Nessas ocasiões ouvia com a

maior atenção as discussões entre ambos, e assim aprendi muito sobre a arte tanto em seus aspectos espirituais como físicos.

Não fosse por esses dois grandes mestres, eu seria uma pessoa bem diferente hoje em dia. Considero ser quase impossível expressar minha gratidão a eles por me orientarem ao longo do caminho que me proporcionou minha principal fonte de gratificação durante oito décadas de minha vida.

Reconhecimento do Absurdo

Sinto ser essencial, bem no começo, inserir um breve comentário sobre o que o karatê não é, pois foram escritas muitas coisas absurdas sobre o assunto nos últimos anos. Mais adiante, quando a ocasião se apresentar, tentarei deixar claro o que o karatê é de fato. Antes de prosseguir, porém, penso ser correto esclarecer alguns dos equívocos que continuam a obscurecer a natureza essencial dessa arte.

Por exemplo, certa vez ouvi alguém que se declarava uma autoridade dizer a seus espantosos ouvintes que “no karatê, temos um kata chamado nukite. Usando apenas os cinco dedos de uma das mãos, um homem pode perfurar a caixa torácica de seu adversário, agarrar os ossos e arrancá-los do corpo. Naturalmente”, continuava a pretensa autoridade, “este é um kata muito difícil de dominar, O praticante começa a exercitá-lo golpeando feijões dentro de um barril todos os dias durante horas e horas, milhares e milhares de vezes. Inicialmente, os dedos ficam dilacerados pelo exercício, e as mãos sangram. Depois, como a cada vez o sangue coagula, a forma dos dedos se altera grotescamente.

“Por fim, a sensação de dor desaparece. Então o feijão é substituído por areia, pois esta é mais concentrada e os dedos encontram uma resistência muito maior. Apesar disso, à medida que o treinamento continua, os dedos finalmente trespassam a areia e alcançam o fundo do barril. O treinamento seguinte é feito com pedregulho, até que, aqui também depois de longa prática, o sucesso é alcançado. Finalmente, bolínhas de chumbo substituem o pedregulho. Depois de sessões de treinamento longas e vigorosas, os dedos estarão suficientemente fortes não somente para quebrar uma tábua grossa mas também para esmagar sem dificuldades uma pedra grande ou perfurar o couro de um cavalo.”

Sem dúvida, muitos dos que ouviram essa estranha exposição saíram acreditando nela. Por um motivo ou outro, muitos estudantes de karatê ainda optam por fomentar tais mitos. Por exemplo, alguém que esteja pouco familiarizado com a arte pode dizer a um perito: “Entendo que você pratica karatê. Diga-me, você pode mesmo esmigalhar uma

pedra grande com os dedos? Você pode de fato fazer um buraco na barriga de um homem com os dedos?” Se esse perito respondesse que qualquer desses fatos é impossível, estaria dizendo a mais pura verdade. Existem alguns praticantes, todavia, ou pretensos praticantes, que sacudiriam os ombros e murmurariam, “Bem, às vezes eu...” Como conseqüência disso, o leigo recebe uma impressão da arte totalmente falsa, amedrontadora,na verdade; com temor e reverência, ele se pergunta se o praticante adquiriu poderes sobre-humanos.

O fato é que o entusiasta de karatê que aumenta, exagera, e na verdade deturpa a natureza da arte é um conversador habilidoso, sem dúvida, e provavelmente terá êxito em deslumbrar seus ouvintes e convencê-los de que o karatê é algo assustador. Mas o que diz é totalmente falso e, além do mais, ele sabe disso. Quanto ao porquê faz isso — bem, parece-lhe bom.

É possível que no passado houvesse especialistas em karatê capazes de realizar feitos tão milagrosos. Não posso testemunhar isso, mas posso assegurar aos leitores que, pelo meu conhecimento, bastante amplo, não existe homem vivo que, por mais que tenha treinado e praticado, possa ultrapassar os limites naturais dos poderes humanos.

Entretanto, há profissionais que se manifestam de outro modo.

“No karatê”, dizem, “é importante pegar com força. Para isso, deve-se praticar horas e horas. A melhor maneira de praticar é usando a ponta dos dedos de ambas as mãos, pegar dois baldes pesados, de preferência cheios de alguma coisa como areia, e balançá-los muitas, muitas vezes. O homem que fortalece seu punho ao máximo dessa maneira pode facilmente retalhar a carne do adversário.”

Que absurdo! Certo dia, esse homem chegou ao meu dojô e se propôs a ensinar-me o segredo de retalhar a carne do adversario. Pedi-lhe que fizesse sua demonstração comigo; ele desandou a gargalhar quando, finalmente, conseguiu tocar levemente minha pele.

Agora, não é necessário dizer que um punho forte é uma grande vantagem para o praticante de karatê. Lembro-me de ter ouvido a respeito de um homem que podia dar a volta à sua casa, em Okinawa, segurando-se apenas na aba do telhado — um feito de não pouca monta, como pode perceber quem conhece as casas dessa cidade. Eu mesmo vi Mestre Ytosu esmagar um talo de bambu apenas com a mão. Este pode parecer um feito prodigioso, mas acredito que seu punho extraordinariamente forte era um dom natural, não adquirido apenas com o treino, embora sem dúvida aperfeiçoado através dele. Depois de prática prolongada, qualquer homem tem condições de realizar feitos de força notáveis, mas pode ir até esse ponto apenas e não mais. Há um limite para a força física humana que ninguém pode ultrapassar.

Embora seja verdade que um especialista em karatê tem a energia para quebrar uma tábua grossa ou várias camadas de telha com um golpe de mão, garanto a meus leitores que qualquer um é capaz de fazer a mesma coisa depois de passar por um treinamento prolongado. Não há nada de extraordinário num feito desses.

E também não tem nada a ver com o verdadeiro espírito do karatê; trata-se apenas de uma demonstração do tipo de força que um homem pode adquirir através da prática. Não há nada de misterioso nisso. Pessoas pouco familiarizadas com o karatê muitas vezes me perguntam se a categoria de um especialista depende do número de tábuas ou de telhas que é capaz de quebrar com um golpe da mão. Obviamente, não há nenhum tipo de relação entre as duas coisas. Por mais que o karatê seja uma das artes marciais mais refinadas, qualquer profissional que se gabe da quantidade de tábuas ou de telhas que pode quebrar com a mão ou que proclame ser capaz de retalhar carne ou de arrancar costelas é alguém que não tem a mínima idéia do que o karatê é realmente.

O Professor

Quando comecei minha carreira pedagógica, havia quatro categorias de instrutores de escola primária: aqueles que ensinavam para as classes mais elementares, aqueles que lecionavam para as turmas mais avançadas, os que eram responsáveis por cursos especiais e os que serviam como assistentes. Naquela época, eram compulsórios quatro anos da escola primária. Os professores da primeira categoria davam aulas para a primeira e a segunda séries, enquanto os professores da categoria mais adiantada estavam qualificados a assumir as duas últimas séries obrigatórias, a terceira e a quarta, como também as séries ulteriores (de quinta a oitava), que não eram compulsórias.

Embora, inicialmente, eu tenha sido contratado como assistente, pouco tempo depois fui aprovado nos exames que me qualificaram para atuar como instrutor das séries iniciais. Fui então transferido para Naha, a sede da prefeitura de Okinawa. Considerei essa transferência, que na verdade foi uma promoção, um acontecimento dos mais felizes, pois me possibilitou dispor de mais tempo e de maior oportunidade para a prática do karatê.

Posteriormente, também me qualifiquei como instrutor para as séries mais adiantadas. Entretanto, por não ser graduado de um colégio de formação para o magistério e porque um número cada vez maior de formados por esses colégios entrava na rede de ensino de Okinawa, percebi que uma promoção ulterior passaria por um processo muito lento.

Finalmente, o diretor de minha escola recomendou-me para uma posição mais avançada. Recusei essa promoção em particular, pois se a aceitasse teria de deslocar-me

para distritos afastados ou para ilhas distantes do arquipélago e, conseqüentemente, teria de afastar-me de meus professores de karatê. E isso eu não poderia aceitar.

Na verdade, houve também outra razão para que meus superiores me permitissem continuar em Naha, o que nos leva de volta à controvérsia em torno do birote. As famílias de muitos de meus alunos apoiavam lealmente o Partido dos Obstinados, e embora estivéssemos à época no vigésimo quarto ou vigésimo quinto ano de Meiji (1891 ou 1892), o decreto do governo proibindo o birote estava longe de ser observado em Okinawa. Considerando que minha própria família também apoiava o Partido dos Obstinados, eu podia entender muito bem a emoção que incitava este desafio às ordens do governo. Ao mesmo tempo, consciente das grandes alterações que estavam mudando praticamente todos os aspectos
da vida japonesa, não podia fazer outra coisa senão considerar o assunto como de pouca importância.

O Ministério da Educação, porém, não via as coisas pela mesma ótica. Chocado com a resistência dos habitantes de Okinawa à sua vontade, decretou que todos os alunos da ilha deviam cortar seu birote imediatamente. Esta não era uma questão tão fácil como poderia parecer, porque muitas crianças, insistindo em continuar com o bírote, adiavam sua entrada na escola primária o mais que podiam. A conseqüência foi que já não eram mais crianças, apresentando-se como verdadeiros rivais a seus professores portadores de tesouras. Além disso, muitos tinham treinado karatê, agora praticado mais abertamente em Okinawa. Os professores da escola primária, tentando impor sua vontade sobre essas “crianças”, muitas vezes se davam conta de que suas tesouras eram completamente inúteis.

Era por esse motivo que os instrutores que conheciam karatê recebiam a tarefa de lidar com esses alunos obstinados que também eram iniciados em karatê. Ainda posso me lembrar de ver alunos, dominados depois de uma luta corpo a corpo, submetendo-se às odiosas tesouras com lágrimas nos olhos e com os punhos cerrados firmemente como se não quisessem outra coisa senão aniquilar os espoliadores daqueles simbolos de masculinidade. Entretanto, não passou muito tempo até que todos os meninos tivessem seus cabelos cortados rente. O furor do birote havia terminado para sempre.

Nesse ínterim, eu continuava meu karatê com toda a assiduidade, treinando sob a orientação de diversos professores: Mestre Kiyuna, que, usando a mão sem proteção, podia retirar a casca de uma árvore viva numa questão de momentos; Mestre Tõotmo de Naha, um dos eruditos confucianos mais conhecidos da ilha; Mestre Niigaki, cujo extraordinário bom senso me impressionou profundamente; e Mestre Matsumura, um dos

karatecas mais notáveis, e sobre quem terei mais a dizer posteriormente. Isso não quer dizer que abandonei meus dois primeiros mestres. Pelo contrário, passava com eles todo o tempo que me fosse possível, e deles aprendi não apenas o karatê, mas também muitas outras coisas.

Mestre Azato, por exemplo, era um observador extremamente arguto dos acontecimentos políticos. Lembro-me que certa vez ele me disse, “Funakoshi, quando a Ferrovia Transiberiana estiver concluída, a guerra entre o Japão e a Rússia será inevitável”.Isto foi dito muitos anos antes da erupção das hostilidades entre os dois países em 1904. O que uma vez parecia improvável tornou-se realidade e, quando a guerra irrompeu, fiquei profundamente impressionado pela perspicácia e previsão política de Azato. No tempo da Restauração Meiji, foi ele que aconselhou o governo de Okinawa a cooperar o máximo possível com o governo formado recentemente, e quando foi promulgado o edito contra o birote, ele foi um dos primeiros a obedecê-lo.

Azato era também um esgrimista muito hábil da escola Jigen de kendô. Embora em hipótese alguma fosse um bravateiro, ele depositava enorme confiança em sua habilidade de esgrimista, e uma vez ouvi-o dizer, “Duvido muito que perderia para qualquer um em todo o país se se tratasse de duelar até a morte.” Essa confiança silenciosa pôde ser comprovada mais tarde quando Azato defrontou com Yõrin Kanna, um dos esgrimistas mais famosos de Okinawa.

Kanna era um homem musculoso, enorme, com braços e ombros protuberantes; de fato, as pessoas costumavam dizer que os músculos de seus ombros tinham a altura de dois andares! Era corajoso e absolutamente destemido, e bem merecia reputação de possuir grande habilidade nas artes marciais. Era também um homem de grande conhecimento, totalmente familiarizado tanto com os clássicos japoneses como com os chineses. Sem dúvida, podia-se pensar que era mais do que parelha para Azato.

Entretanto, no famoso encontro, quando atacou Azato com sua espada afiada, ficou tomado de surpresa ao ver sua arremetida desviada pelo adversário desarmado, que, com uma ágil pancada de mão, não apenas conseguiu desviar-se da estocada mas também dominou-o. Quando pedi a Azato que me contasse o que havia realmente acontecido, ele descreveu Kanna como um esgrimista muito hábil que, devido á sua reputação de ser invencível e audaz,

era capaz de apavorar seu oponente já no início do confronto e em seguida ir rapidamente ao massacre. Todavia, disse Azato, se o adversário não se assustar, se permanecer calmo e se procurar a brecha inevitável na defesa de Karina, a vitória não é tão difícil. Este conselho, como todas as demais orientações de Azato, comprovou-se de grande valor

para mim.

Outra de suas máximas era, “Ao praticar karatê, pense nos seus braços e pernas como espadas”.De fato, as apresentações de karatê de Azato eram exemplos vivos dessa filosofia. Certa ocasião, um homem lhe perguntou sobre o sentido e a aplicação do ippon-ken (punho de ponto único). “Tente bater-me”, respondeu Azato calmamente. O homem fez como lhe fora dito, mas num piscar de olhos o golpe foi desviado e o próprio punho de ponto único de Azato foi arremessado na direção do estômago do oponente, onde parou, à distância, talvez, da espessura de uma folha de papel. A velocidade do movimento todo foi incrível. O homem que havia feito a pergunta não teve tempo sequer de piscar os olhos antes de perceber que aquele punho, se tivesse realmente golpeado seu plexo solar, poderia muito bem tê-lo matado.

Azato dispunha de informações detalhadas sobre todos os especialistas em karatê que viviam na época em Okinawa. Essas informações diziam respeito não apenas a aspectos comuns como seus nomes e endereços, mas também ao conhecimento de suas habilidades, sutilezas e técnicas especiais, de seus pontos fortes e fracos. Ele costumava me dizer que o conhecimento da habilidade e das sutilezas técnicas de um oponente era metade da batalha, citando o antigo ditado chinês, “O segredo da vitória está em conhecer a si mesmo e a seu inimigo”.

Tanto Azato como seu bom amigo Itosu compartilhavam pelo menos urna qualidade de grandeza: não tinham a mínima inveja de outros mestres. Eles me apresentavam aos professores de seu círculo de conhecidos, incentivando-me a aprender de cada um a técnica em que esse se sobressaía. Em minha experiência, os instrutores de karatê quase sempre relutam em permitir que seus alunos estudem com instrutores de outras escolas, mas isto estava longe de ser verdade com relação a Azato e Itosu.

Se não me tivessem ensinado nada mais, eu teria tirado proveito pelo exemplo que davam de humildade e modéstia em todas as suas relações com seus semelhantes humanos. E, na verdade, jamais se alongavam sobre os feitos “heróicos” que lhes eram atribuídos, repelindo-os como “atos selvagens” próprios da juventude.

Os dois homens compartilhavam outras qualidades, incluindo, por mais interessante que possa ser, o primeiro nome, Yasutsune. Filosoficamente, porém, tinham pontos de vista bem diferentes com relação ao karatê; e, fisicamente, eram também bem diferentes. Enquanto Mestre Azato era alto, com ombros largos, olhos penetrantes e feições que lembravam um antigo samurai, Mestre Itosu era de estatura média, com um tórax enorme, semelhante a um barril de cerveja. Apesar de seu bigode comprido, assemelhava-se muito a uma criança bem-comportada.

Era uma aparência ilusória, pois seus braços e mãos possuiam uma força extraordinária. Sempre que era desafiado por Azato para uma competição de queda-de-braço do estilo de Okinawa, saía vitorioso. Nesta versão específica do esporte, os dois combatentes fecham os punhos e cruzam os pulsos um contra o outro; eles não pegam as mãos um do outro como é feito na versão da queda-de-braço de Tóquio. Depois de inevitavelmente dominado, Azato murmurava ironicamente que jamais superaria Itosu — nem mesmo, acrescentava, se usasse as duas mãos.

De fato, Ytosu era tão bem-treinado que seu corpo todo parecia invulnerável. Uma vez, quando estava para entrar num restaurante no centro recreativo de Naha, um jovem robusto atacou-o pelas costas, com a intenção de desferir-lhe um vigoroso golpe lateral. Mas Ytosu, sem mesmo virar-se, enrijeceu os músculos do estômago de modo que o golpe foi desviado, e no mesmo instante sua mão direita agarrou o pulso direito do assaltante. Ainda sem virar a cabeça, calmamente arrastou o homem para dentro do restaurante.

Lá, pediu às assustadas garçonetes que trouxessem comida e vinho. Ainda segurando o pulso do homem com a mão direita, tomou um gole de vinho da taça que segurava na mão esquerda, e em seguida puxou seu atacante de modo a tê-lo de frente e pela primeira vez deu-lhe uma olhada. Depois de alguns momentos, sorriu e disse, “Não sei qual poderia ser seu ressentimento contra mim, mas vamos beber juntos!” Pode-se facilmente imaginar o espanto do jovem diante desse comportamento.

Itosu teve outro encontro famoso com um jovem imprudente, o instrutor de karatê de uma certa escola de Okinawa. Agressivo por natureza e cheio de orgulho de sua força, o jovem tinha o hábito desagradável de ficar à espreita em ruelas escuras, e quando alguém passava pelo local, ele se jogava sobre a pessoa e lhe desferia golpes. Esse jovem se tornou tão autoconfiante que decidiu enfrentar o próprio Itosu, acreditando que, não importasse a força do mestre, este poderia ser vencido se fosse atacado de surpresa.

Uma noite, ele seguiu Itosu pela rua e, depois de uma aproximação furtiva, desferiu seu golpe mais potente nas costas do mestre. Desnorteado pelo fato muito evidente de que não havia causado a mínima impressão, o jovem perdeu o equilíbrio e no mesmo instante sentiu seu pulso direito ser agarrado como que pelo aperto de um torno. O jovem tentou livrar-se com a outra mão, mas é claro que não conseguiu. A força do aperto de Ytosu era proverbial em Okinawa; como já mencionei anteriormente, ele podia esmagar o talo de um bambu grosso com uma mao.

Ytosu continuou caminhando, arrastando o outro sem sequer dar-se ao trabalho de olhar para trás. Percebendo que havia fracassado completamente, o jovem pediu que o mestre o perdoasse. “Mas quem é você?”, Ytosu perguntou suavemente.

“Sou Gorõ”, respondeu o jovem. Itosu, então, olhou para ele pela primeira vez.

“Ah”, murmurou, “você não devia mesmo fazer essas brincadeiras com um velho como eu”.Com isso, soltou o rapaz e seguiu seu caminho.

Imagens vividas se atropelam em minha mente quando me lembro de meus dois professores e penso em suas filosofias diferentes do Karatê-dô. “Veja seus braços e pernas como espadas”, Azato costumava me dizer, ao passo que Itosu me orientava a treinar meu corpo de modo que pudesse suportar qualquer golpe, não importa o quanto potente fosse. Naturalmente, o que ele queria me dizer era que não só devia treinar meu corpo até que se tornasse tão rijo como um diamante mas também que devia praticar diariamente todas as diversas técnicas do karatê.

Lembro-me agora de um acontecimento bem conhecido quando Itosu foi atacado de surpresa por um grupo de jovens violentos; em poucos minutos todos jaziam inconscientes na rua. Urna testemunha, vendo que Itosu não estava em perigo, correu para contar a Azato sobre o incidente. Interrompendo sua narração, Azato disse, “E os valentões, naturalmente, estavam todos inconscientes, caídos sobre o rosto no meio da rua, não estavam?” Surpresa, a testemunha admitiu que essa era a verdade, mas se perguntava como Azato podia saber.

“Muito simples”, respondeu o mestre. “Nenhum iniciado em karatê seria tão covarde a ponto de atacar por trás. E se alguém que desconhecesse karatê atacasse pela frente, acabaria caído sobre as costas. Mas eu conheço Itosu; seus golpes fariam com que seus atacantes caíssem sobre o rosto. Ficaria bastante surpreso se qualquer deles sobrevivesse”.

Outra vez, alguns ruídos suspeitos no portão da casa despertaram Itosu durante a noite. Ao caminhar silenciosamente na direção do som, Itosu percebeu que alguém estava tentando pegar o ferrolho do portão. Numa fração de segundo, ele despedaçou a almofada de madeira do portão com um único golpe de punho. Simultaneamente, projetou a mão pelo buraco e agarrou o pulso do suposto ladrão. Observava-se que, normalmente, se um karateca médio fizesse um buraco numa almofada de madeira grossa, o buraco ficaria denteado e a madeira se estilhaçaria numa direção ou outra. Neste caso em particular, houve somente um buraco redondo, e sei que isso é verdade porque o próprio Azato me contou que assim aconteceu.

Sempre estive consciente do respeito que esses dois mestres tiveram para comigo. Em retribuição, sempre realizei um rito —não apenas em sua honra, mas também em reverência a todos os
mestres que me ensinaram —, que recomendo a todo estudante de karatê hoje: queimava

incenso no altar budista de cada instrutor e prometia a mim mesmo nunca fazer uso de meu corpo treinado para qualquer propósito ilícito. Penso que foi essa promessa, que honrei com toda lealdade, que fez com que eu fosse tratado como um membro da família, mesmo muito tempo depois de estar casado e de ter meus próprios filhos — na verdade, até a morte dos dois.

Freqüentemente levava meus filhos à casa deles; nessas ocasiões, faziam demonstrações de algum kata para as crianças e em seguida pediam-lhes que fizessem o mesmo. Como prêmio, os dois mestres davam a meus filhos doces de um tipo que eu mesmo não poderia lhes proporcionar. (O melhor que podia fazer naquela época era dar-lhes, lá de vez em quando, um doce de batata!) Os mestres gostavam muito dos pequenos e os tratavam como se fossem seus próprios netos. Logo as crianças começaram a visitar os mestres sozinhas, exatamente como eu fazia quando pequeno. E logo começaram a amar o karatê como eu.

Agora que olho para trás, vejo que eu e meus filhos, as nossas duas gerações, nos beneficiamos enormemente com os ensinamentos desses dois mestres. Onde encontrarei palavras para expressar minha gratidão?

Sem Armas

Uma Lição Importante

Mestre Matsumura era um dos professores de Okinawa com quem eu estudava de vez em quando. Conta-se dele uma história famosa: de como derrotou outro mestre numa disputa sem desferir um golpe sequer. De fato, essa história é tão famosa que se tornou lendária; contudo, gostaria de contá-la novamente aqui, pois trata-se de uma expressão sem paralelo do verdadeiro sentido do karatê.

Comecemos, então, na loja bastante simples de um homem de Naha que ganhava a vida gravando desenhos em objetos de uso diário. Embora já tivesse passado dos quarenta anos, ainda estava na plenitude de sua virilidade: seu grande pescoço tinha a qualidade massiva de um touro. Debaixo das mangas curtas do quimono, seus músculos se elevavam e agitavam; as bochechas eram cheias e a face era bronzeada como o cobre. Embora fosse um artesão modesto, certamente era um homem que impunha respeito.

Certo dia, entrou em sua loja um homem de um tipo inteiramente diferente, mas que era também, sem sombra de dúvida, um homem de grande espírito belicoso. Era mais jovem do que o artífice, não tendo mais do que trinta anos, e sua presença física, embora não apresentasse a solidez da do homem da loja, ainda assim era imponente. Era alto, um metro e oitenta pelo menos, mas
sua característica mais impressionante eram os olhos: perspicazes e penetrantes como os de uma águia. Todavia, ao entrar no recinto de trabalho do artesão, estava pálido e parecia abatido.

Sua voz soava reprimida enquanto dizia ao artesão que queria um desenho gravado no fornilho de seu longo cachimbo.

Pegando o cachimbo nas mãos, o artesão, usando palavras educadas, pois era visivelmente de uma classe social inferior à do visitante, disse “Desculpe, mas o senhor não é Matsumura, o professor de karatê?”

“Sim”, foi a resposta lacônica. “Por quê?”

“Ah, eu sabia que não podia estar errado! Faz muito tempo que venho alimentando a esperança de poder estudar karatê com o senhor.

Mas a resposta do jovem foi breve. “Sinto muito”, disse. “Não ensino mais.”

O ourives, porém, insistiu. “O senhor ensina o chefe do clã, não é? Todavia dizem que o senhor é o melhor instrutor de karatê da região.”

“De fato eu o ensinei”, respondeu asperamente o jovem visitante, “mas não é meu

costume ensinar outros. E para dizer a verdade, também não ensino mais nem o chefe do clã. Pata ser totalmente honesto", explodiu, "estou por demais aborrecido com o karatê!"

"Que coisa extraordinária o senhor está dizendo!", objetou seu interlocutor. "Como pode um homem de seu estofo estar aborrecido com o karatê? O senhor poderia me dizer por quê?"

"Não me importo absolutamente", resmungou o jovem, "se ensino karatê ao chefe do clã ou não. Na verdade, foi por tentar ensinar karatê a ele que perdi meu emprego."

"Não entendo", disse o artesão. "Todos sabem que o senhor é o melhor instrutor vivo, e se não está mais ensinando, quem está? Seguramente, ninguém pode tomar seu lugar."

"De fato", respondeu Matsumura, "foi devido à minha reputação que recebi a função de instrutor do chefe do clã. Mas ele era um aluno indiferente. Negligenciava o aperfeiçoamento de suas técnicas, que, a despeito de meus esforços, continuaram muito grosseiras. Oh, eu poderia ter perdido para ele se quisesse, mas dificilmente isso lhe seria de alguma utilidade; assim, em vez disso, apontei algumas de suas fraquezas e em seguida provoquei-o a atacar-me com todo o seu vigor. Ele contra-atacou imediatamente com um chute duplo (nidan-geri). Foi um chute bem dado, garanto-lhe, mas não preciso dizer-lhe que somente um novato abriria com um chute duplo ao enfrentar um oponente que sabia ser muito mais competente.

"Decidi usar esse erro para ensinar-lhe uma lição de que muito precisava. Como você deve saber, uma luta de karatê é uma questão de vida e morte, e uma vez que cometa um erro sério você está arruinado. É impossível recuperar-se. Você sabe tudo isso muito bem. Mas, aparentemente, ele não sabia, e assim, com a esperança de mostrar-lhe a verdade, interceptei imediatamente seu chute duplo com minha mão em espada e ele se estatelou no chão. Mas antes que realmente tocasse o chão, bati meu corpo contra o dele. Ele foi terminar num monte a seis metros de distância."

"Ele se machucou muito?", perguntou o artífice.

"Seu ombro. Sua mão. Sua perna, onde minha mão em espada o atingiu, tudo ficou preto e azul".O visitante ficou em silêncio por um momento. Mas logo continuou. "Por um bom tempo, ele não pôde se levantar do chão".

"Que coisa horrível!", lamentou o artífice. "Sem dúvida, o senhor foi repreendido?"

"Sem dúvida nenhuma. Fui ordenado a sair imediatamente e a não reaparecer até novas instruções".

"Compreendo", disse o outro pensativamente. "Mas com certeza ele o perdoará."

"Creio que não. Embora o incidente tenha ocorrido há mais de três meses, não recebi nenhum aviso. Alguém me disse que ele ainda está muito irritado comigo e diz que sou

arrogante demais. Não, duvido muito que me conceda o perdão. Ah", resmungou o mestre, "teria sido bem melhor se eu nunca tivesse tentado ensinar karatê para o chefe do clã, em primeiro lugar. Para dizer a verdade, teria sido bem melhor se eu mesmo jamais tivesse aprendido karatê!".

"Bobagem!", emendou o artesão. "Na vida de todo homem há altos e baixos. Mas", acrescentou, "já que o senhor não o está mais ensinando, por que não ensina a mim?"

De "Não!", disse Matsumura rispidamente. "Desisti de ensinar. qualquer modo, por que deveria um homem como você, com a reputação de um perito, querer ter aulas comigo?" Matsumura apenas disse a verdade; a reputação do ourives era grande tanto em Naha como em Shuri.

"Talvez não seja bem uma razão", disse o gravador, "mas francamente estou curioso de ver como o senhor ensina karatê."

Houve na voz do ourives alguma coisa que incomodou o jovem? Foi talvez a presunção de que o professor do chefe do clã poderia tomar-se professor do artesão? Pronto a ficar ofendido, como muitos jovens, Matsumura gritou com raiva, "Como você e teimoso! Quantas vezes preciso dizer-lhe — Não quero mais ensinar karatê!"

"Então", disse o artesão, o tom de voz um pouco menos polido do que no início, "se o senhor se recusa a ensinar-me, recusaria também conceder-me uma luta?"

"O que é isto?", perguntou Matsumura incredulamente. "Você quer uma luta comigo? Comigo?"

"Exatamente! E por que não? Numa luta, não há diferença de classe. Além disso, já que o senhor não está mais ensinando o chefe do clã, não precisa mais de sua autorização para enfrentar-me numa luta. E posso garantir-lhe que cuidarei mais de minhas pernas e do ombro do que ele." A essa altura, as palavras do artesão, como também seu tom de voz, só podiam ser consideradas insolentes.

"Sei que dizem que você é muito bom no karatê", disse Matsumura, "embora, naturalmente, não tenha idéia do que significa esse 'muito bom'. Mas você não acha que foi muito longe? Não se trata de ser machucado ou não; trata-se de vida e morte. Você está tão determinado a morrer?"

''Estou muito desejoso de morrer", replicou o artesão.

"Então ficaria feliz em favorecê-lo", disse Matsumura. "Certamente, ninguém pode prever o futuro, mas há um antigo ditado que diz: se dois tigres lutam, um está destinado a ficar ferido e o outro a morrer. Assim, quer Você seja o vencedor quer seja o vencido, pode ter certeza de que não voltará para casa ileso. Deixo por sua conta", concluiu, "a escolha da hora e do local do combate."

O artesão sugeriu às cinco horas da manhã seguinte, e Matsutnura concordou. O lugar combinado foi o cemitério localizado no Palácio Kinbu, o qual fica atrás do Palácio Tama.

Pontualmente às cinco horas, os dois homens estavam posta-dos frente a frente, separados apenas por uma distância de uns dez metros. O artesão fez o primeiro movimento, reduzindo a distância mais ou menos pela metade. Nesse ponto, colocou seu punho esquerdo numa Posição gedan e manteve o punho direito junto ao quadril direito. Matsumura, levantando-se da pedra onde estivera sentado, ficou observando seu oponente numa posição natural (shizen tai), com o queixo apoiado sobre o ombro esquerdo.

Frustrado pela postura assumida pelo oponente, o artesão se perguntava se o homem tinha ficado maluco. Era uma posição de luta que parecia não oferecer nenhuma esperança de defesa, e o artesão preparava-se para desfechar seu ataque. Precisamente naquele momento, Matsumura abriu os olhos e olhou fundo nos olhos do outro. Repelido por uma força semelhante à do impacto de um raio, o artesão retrocedeu. Matsumura não havia movido um músculo sequer; continuava no lugar onde havia estado antes, aparentemente sem defesa.

O suor gotejava da fronte do artesão, e as axilas já estavam úmidas; podia sentir o coração bater com uma rapidez incomum. Sentou-se numa pedra próxima. Matsumura fez o mesmo. "O que aconteceu?" o ourives perguntou a si mesmo num murmúrio. que todo este suor? Por que meu coração está batendo tão
agitadamente? Não trocamos nenhum golpe ainda!"

Então ouviu a voz de Matsutnura: "Ei! Vamos! O sol está nascendo. Vamos continuar com isso!"

Os dois se levantaram, e Matsumura mais uma vez assumiu a mesma posição natural que havia adotado antes. O ourives, de sua parte, estava decidido a completar o ataque, e avançou na direção do oponente — de dez metros a oito, depois a seis... quatro. E ai parou, incapaz de ir em frente, imobilizado pela força íntangivel emitida pelos olhos de Matsumura. Seus próprios olhos perderam o brilho, e ele ficou hipnotizado pela radiação dos olhos de Matsumura. Ao mesmo tempo, era incapaz de desviar seu olhar do olhar do olhar do oponente; sabia no mais fundo da alma que se o fizesse algo terrível aconteceria.

Como iria desvencilhar-se dessa situação'? De repente, emitiu um grito forte, um kiai, que soou como "letch!'', reboou pelo cemitério e ecoou de volta das elevações da redondeza. Mas Matsumura ainda continuava imóvel. À sua visão, novamente o artesão saltou para trás surpreso e amedrontado.

Mestre Matsumura sorriu. ‘Qual é o problema?’’, gritou.
Por que você não ataca’? Você não pode combater só com berros!

‘Não compreendo’’, respondeu o artífice. ‘Nunca perdi um confronto antes. E agora... Depois de um momento de silêncio, levantou a cabeça e sussurrou para Matsumura: Sim, vamos continuar! O resultado da luta já foi decidido, eu bem sei, mas vamos terminá-la. Se não o fizermos, eu perderei o respeito — e então preferiria morrer. Aviso-o de que atacarei em sutemi ‘ (significando que lutaria até o fim).

‘Bom! ‘ ‘, concordou Matsumura. ‘Vamos, então!

Então perdoe-me, se quiser’ ‘. disse o artífice enquanto iniciava o ataque. Mas no mesmo instante saiu da garganta de Matsumura um grito colossal que pareceu ao gravador como o de um trovão. Como o rato dos olhos de Matsumura o havia imobilizado anteriormente, assim aconteceu agora com o trovão da voz de Matsumura. O artífice percebeu que não podia mover-se; fez unia ultima tentativa débil de atacar antes de cair no chão, derrotado. A alguns metros de distancia, a cabeça de Matsumura estava iluminada pelo sol nascente: ao artesão prostrado, sua aparência era a dos antigos reis que, como deuses, trucidavam os demônios e os dragões.

Desisto! , gritou ele. Desisto!

“O quê! ‘‘, retorquiu Matsumura. ‘Esse não é o jeito de falar de um especialista!

Foi loucura minha desafiar o senhor”, disse o artesão, levantando-se. O resultado foi óbvio desde o começo. Sinto-me completamente envergonhado. Não há a mínima possibilidade de comparação entre minha habilidade e a sua.

De modo nenhum”, emendou Matsumura com brandura. Seu espírito de luta é excelente, e acredito que você é muito hábil. Se tivéssemos lutado realmente, eu bem poderia ter sido derrotado.”

“O senhor me lisonjeia”, disse o artesão. “A verdade é que me sentia totalmente impotente quando olhava para o senhor. Fiquei tão assustado com o seu olhar que perdi qualquer espírito de luta que poderia ter.”

A voz de Matsumura tomou-se suave. “Talvez”, disse. “Mas o que sei e isto: você estava determinado a vencer e eu estava igualmente determinado a morrer se perdesse. Esta foi a diferença entre nos.

“Escuta”, continuou. “Quando entrei em sua loja ontem, estava muito infeliz por ser repreendido pelo chefe do clã. Quando você me desafiou, estava preocupado com isso também, mas quando decidimos por uma luta, todas as minhas preocupações sumiram de repente. Percebi que estivera obcecado por questões relativamente menores — com refinamentos de técnica, com habilidades de ensino, com elogios ao chefe do clã. Estivera

preocupado em manter minha posição.

“Hoje sou um homem mais sábio do que ontem. Sou um ser humano, e um ser humano é uma criatura vulnerável, que possivelmente não pode ser perfeita. Depois da morte, retoma aos elementos — á terra, à água, ao fogo, ao vento, ao ar. Matéria é vazio. Tudo é vaidade. Somos como folhas de grama ou como árvores da floresta, criação do universo, do espírito do universo, e o espírito do universo não tem vida nem morte. A vaidade é o único obstáculo à vida.’’

Dito isso, silenciou. O artífice também estava silencioso, refletindo sobre a inestimável lição que acabara de receber. Nos
anos seguintes, sempre que falava a seus amigos sobre o incidente, jamais deixou de descrever seu oponente com os termos mais brilhantes como um homem de verdadeira grandeza.

Quanto a Matsumura, pouco tempo depois reassumiu sua função anterior como instrutor pessoal de karatê do chefe do clã.

História Não-registrada

Por não haver praticamente nenhum material escrito sobre a história do início do katatê, não sabemos quem o inventou e desenvolveu, e nem mesmo onde teve origem e evoluiu. Sua história inicial pode apenas ser deduzida a partir de lendas antigas que nos foram transmitidas oralmente, e elas, como a maioria das lendas, tendem a ser criações imaginárias e provavelmente incorretas.

Como mencionei anteriormente, o karatê foi proibido pelo governo nos primeiros anos de Meiji, quando eu ainda era pequeno. Não se podia praticá-lo legalmente e, claro, não havia dojôs de karatê. Nem havia instrutores profissionais. Homens que se sabia serem praticantes aceitavam uns poucos alunos em sigilo, mas sua sobrevivência dependia de trabalho que não tinha relação com o karatê. E aqueles que conseguiam ser aceitos como alunos alcançavam esse objetivo devido ao seu interesse pela arte. Bem no começo, por exemplo, fui o único aluno de Mestre Azato e um dos muitos poucos que estudaram com Mestre Itosu.

Não havendo instrutores profissionais, dava-se muito pouca ênfase a descrições escritas de técnicas e de outros elementos afins, uma deficiência que um homem como eu, cuja missão na vida foi à propagação do Karatê-dô, lamentou profundamente. Embora eu obviamente não possa ter esperança de sanar a deficiência, tentarei registrar aquilo que lembro ter ouvido de meus professores sobre as lendas que sobreviveram em Okinawa.

Bem, sei que minha memória nem sempre é confiável, e tenho certeza de que cometerei erros. Apesar disso, farei o possível para apresentar aqui o pouco que aprendi sobre a origem e o desenvolvimento do karatê em Okinawa.

Diz-se que Napoleão observou que em algum lugar no extremo Oriente havia um pequeno reino cujo povo não tinha uma única arma. Ë quase certo que ele estava se referindo às Ilhas Ryukyu, ao que hoje é a sede administrativa de Okínawa, e que o karatê surgiu, se desenvolveu e se tornou popular entre as pessoas das ilhas exatamente por esse motivo: porque eram proibidas por lei de portar armas.

Na verdade, havia dois decretos proibitivos desses: um promulgado há cerca de cinco séculos, o outro mais ou menos duzentos anos mais tarde. Antes da proclamação do primeiro decreto, as Ryukyu estavam divididas em três remos guerreiros: Chuzan, Nanzan e Hokuzan. Foi o monarca de Chuzan, Shõ Hashi, quem, ao conseguir a unificação dos três reinos, expediu uma ordem proibindo todos os riukiuanos de possuir armas, mesmo velhas espadas enferrujadas. Ele também convidou os sábios e estadistas famosos dos três reinos para sua cidade—capital de Shuri, onde estabeleceu um governo central que deveria durar ao longo dos dois séculos seguintes.

No ano de 1609, entretanto, o rei da dinastia viu-se obrigado a equipar um exército com o objetivo de repelir uma invasão das ilhas iniciadas por Shimazu, o daimio de Satsuma (agora sede administrativa de Kagoshima). Os guerreiros riukiuanos recém-armados lutaram com notável bravura e valentia contra os soldados do clã de Satsuma, conhecidos e temidos em todo o país por sua habilidade guerreira, mas, depois do sucesso dos riukiuanos em algumas batalhas campais, um desembarque de surpresa realizado pelas forças de Shimazu selou o destino das ilhas e de seu monarca, que foi obrigado a render-se.

Visto que Shimazu reeditou o decreto interditando armas, muitos riukíuanos (na sua grande maioria membros da classe shizoku) começaram secretamente a praticar uma forma de autodefesa em que mãos e pernas eram as únicas armas. O que isto era de fato de podermos apenas conjeturar. Entretanto, sabemos que, por muitos séculos, Okinawa manteve relações comerciais com o povo da
Província de Fukien, no sul da China, e provavelmente foi dessa fonte que o kempo (“boxe”) chinês foi introduzido nas ilhas.

O karatê atual evoluiu a partir do kempo. Inicialmente, era conhecido como “Okinawate”, e eu me lembro, quando criança, de ouvir as pessoas mais velhas falarem tanto de “Okinawate” como de “karatê” (neste caso, kara se referindo à China). Comecei então a considerar o Okinawate como uma arte de luta nativa de Okinawa e o karatê como

uma forma chinesa de boxe. De qualquer modo, eu fazia uma clara distinção entre os dois.

Durante os anos de proibição de armas, de Satsuma eram enviados ás ilhas inspetores que tinham a incumbência de assegurar-se de que a proibição estava sendo obedecida estritamente, de modo que não é de surpreender que o karatê (que, à medida que foi se desenvolvendo, capacitava um homem a matar sem armas) somente pudesse ser praticado na clandestinidade. Como observei anteriormente, este aspecto clandestino do karatê continuou durante os primeiros anos de Meiji, em parte porque o antigo decreto persistia na mente do povo.

Ë minha observação pessoal que as danças folclóricas de Okinawa utilizam diversos movimentos que são semelhantes aos usados no karatê, e o motivo disso, creio, é que os especialistas que praticavam a arte marcial às escondidas incorporaram aqueles movimentos nas danças para confundir as autoridades ainda mais. Sem dúvida, qualquer pessoa que observe atentamente as danças folclóricas de Okinawa (e hoje elas se tornaram bastante populares nas grandes cidades) perceberá que elas diferem acentuadamente das danças mais graciosas das outras ilhas japonesas. Os dançadores de Okinawa, de ambos os sexos, usam as mãos e os pés muito mais vigorosamente, e tanto sua entrada na área de dança como sua saída lembram o começo e o fim de qualquer kata do karatê.

Na verdade, a essência da arte foi resumida nestas palavras:
“O karatê começa e termina com cortesia.” Quanto a Okinawa em si, por muitos e muitos séculos seus habitantes a consideraram um lugar onde todas as formas de etiqueta foram observadas da maneira mais rigorosa.

O famoso portão defronte ao Castelo de Shuri era chamado de Shurei no Mon, “o Portão da Cortesia”. Depois que o governo Meiji chegou ao poder e que Okinawa se tomou uma prefeitura, o Shurei no Mon, juntamente com o castelo a que dava acesso, foi declarado tesouro nacional. Infelizmente, o Shurei no Mon não existe mais: foi totalmente destruído durante a batalha pela conquista de Okinawa quase no fim da Segunda Guerra Mundial. Como é irônico que as bases militares americanas ocupem hoje o solo adjacente àquele onde uma vez se elevava o portão que simbolizava a paz! (Desde que isto foi escrito, o Shurei no Mon foi reconstruído em sua forma original).

De Mão Chinesa para Mão Vazia

Não é fácil dominar a língua japonesa, e também ela nem sempre é tão explícita quanto poderia ser: caracteres diferentes podem ter exatamente a mesma pronúncia, e um

mesmo caractere pode ter pronúncias diferentes, dependendo do uso. A expressão karatê é um exemplo excelente. Te é bastante fácil; significa “mão(s)”. Mas há dois caracteres bem diferentes pronunciados kara; um significa “vazio”, e o outro é o caractere chinês que se refere à dinastia Tang e que pode ser traduzido por “chinês”.

Assim, deveríamos escrever nossa arte marcial com os caracteres que significam “mão(s) vazia(s)” ou com os que significam “mão(s) chinesa(s)”? Encontramo-nos novamente no domínio nebuloso da conjetura, mas acredito estar livre de erro ao dizer que, antes de eu vir de Okinawa a Tóquio no início da década de 1920, ~era costume usar o caractere para “chinês” em vez do caractere para “vazio” para escrever karatê, mas isso certamente não significa que o uso do kara chinês era necessariamente correto.

De fato, em Okinawa, usávamos a palavra karatê, mas mais freqüentemente chamávamos a arte simplesmente te ou bushi no te, “a(s) mão(s) do guerreiro”. Assim, poderíamos dizer que um homem estudou te ou que teve experiência em bushi no te. Quanto à época em que te se tornou karatê no uso de Okinawa, devo conter-me de apresentar até mesmo uma suposição, visto que não existe nenhum material escrito que possa nos prover a mais vaga referência, e portanto muito menos nos dizer se o caractere usado foi aquele para “chinês” ou aquele para “vazio”. Pelo fato de que Okinawa estivera por longo tempo sob a influência chinesa e também porque tudo o que era importado da China era considerado da melhor qualidade e de acordo com a moda, muito provavelmente foi o kara “chinês” mais do que o kara “vazio~’, mas isso, repito, pode ser apenas um mero jogo de adivinhação.

Efetivamente, os dois tipos de te ensinados e praticados em Okinawa poderiam mais corretamente ter sido chamados Shurite e Nahatewate, decorrentes das duas diferentes escolas de karatê existentes na ilha. Mas os caracteres para “mão(s) chinesa(s)” parecem ter-se tomado os mais populares, e, talvez como conseqüência, as pessoas passaram a acreditar que o karatê era realmente uma forma da arte do boxe chinês. Mesmo atualmente há os que sustentam essa opinião, mas de fato o karatê como praticado hoje é muito diferente da antiga arte chinesa do boxe.

Em grande parte por essa razão, achei difícil acreditar que “mão(s) chinesa(s)” era o termo correto para descrever o karatê de Okínawa como ele evoluiu ao longo dos séculos. Então, alguns anos depois que vim para Tóquio, tive oportunidade de manifestar minha discordância com essa maneira de escrever tradicional. Essa oportunidade surgiu quando a Universidade Keio constituiu um grupo de pesquisa do karatê, e eu então pude sugerir que a arte recebesse o nome de Dai Nippon Kempo Karatê-dô (“Grande Caminho Japonês do Método de Punho e das Mãos Vazias”), utilizando o caractere para “vazio” em vez do

caractere para “chinês”.

Minha sugestão provocou inicialmente explosões violentas de crítica tanto em Tóquio como em Okinawa, mas eu acreditava na mudança e me dediquei a ela no decorrer dos anos. Desde então essa mudança foi tão amplamente aceita que a palavra karatê pareceria estranha a todos nós hoje se fosse escrita com o caractere kara “chinês".

O kara que significa “vazio” é definitivamente o mais apropriado. Em primeiro lugar, ele simboliza o fato evidente de que essa arte de autodefesa não usa armas, somente pés desguarnecidos e mãos vazias. Além disso, os estudantes de karatê-dô têm como meta não só aperfeiçoar a arte de sua escolha mas também esvaziar o coração e a mente de todo desejo e vaidade terrenos. Lendo as escrituras budistas, encontramos afirmações como “Shiki-soku-zeku” e “Ku-soku-zeshiki”, que literalmente significam “matéria é vazio” e “tudo é vaidade”. O caractere ku, que aparece nas duas admoestações e que pode também ser pronunciado kara, é em si mesmo verdade.

Assim, embora as artes marciais sejam muitas e incluam formas tão diversas como o judô, a esgrima, o manejo do arco, luta com lança e luta com vara, o objetivo último de todas elas é o mesmo que o do karatê. Acreditando com os budistas que é a vacuidade, o vazio, que jaz no coração de toda matéria e na verdade de toda a criação, persisti resolutamente no uso daquele caractere particular para indicar a arte marcial a que dediquei minha vida. Na verdade, tenho muito mais a dizer sobre o uso de kara significando “vazio”, mas como o espaço é limitado e esses problemas filosóficos dispõem de pouco espaço aqui, abstenho-me de aprofundar a questão. Além disso, o assunto é tratado mais detalhadamente em outro de meus livros, Karatê-dô Kyohan: O Texto-Mestre.

Depois de perceber que obteria sucesso no empreendimento de alterar mãos “chinesas” para mãos “vazias”, dei inicio a outras tarefas de revisão e simplificação. Com a esperança de ver o karatê incluído na educação física universal ensinada em nossas escolas públicas, dediquei-me a revisar os katas de modo a simplificá-los o mais possível. Os tempos mudam, o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar. O karatê que os alunos de segundo grau praticam hoje não é o mesmo que era praticado há dez anos, e é bem grande a distância que o separa do karatê que aprendi quando era criança em Okinawa.

Considerando que não há atualmente, e nem nunca houve, nenhuma regra rígida com relação aos vários katas, não é de surpreender que esses tenham mudado não somente com os tempos mas ainda de instrutor para instrutor. O mais importante de tudo é que o karatê, como uma forma de esporte utilizada na educação física, deveria ser bastante simples para ser praticado sem maiores dificuldades por todos, jovens e velhos, meninos e

meninas, homens e mulheres.

Outra reforma a que dediquei minha atenção foi a da nomenclatura. Pouco tempo depois que cheguei a Tóquio em 1922, a editora de Bukyosha publicou um livro escrito por mim, intitulado Ryükyü Kempo: Karatê. Naquela época, a palavra ainda estava sendo escrita como "mãos chinesas", e quase todos os nomes dos katas que descrevia em meu livro tinham sua origem em Okinawa:
Pinan, Naifanchi, Chinto, Bassai, Seishan, Jitte, Jion, Sanchin, e assim por diante. De fato, esses eram os nomes que eu havia aprendido há muito tempo de meus próprios professores.

A essas alturas, ninguém tinha a mínima idéia de como eles surgiram, e as pessoas tinham dificuldade em aprendê-los. Em conseqüência disso, depois de ter transformado "mãos chinesas" em "mãos vazias", comecei a dar aos katas nomes mais fáceis para uso do povo japonês e que agora são conhecidos em todo o mundo: Ten no Kata, Chi no Kata, Hito no Kata, Empi, Gankaku, Hangetsu, Meikyõ, Hakkõ, Kiun, Shõtõ, Shõin, Hotaku, Shõkyõ e outros. Apresso-me a garantir ao leitor que não trabalho com a falsa idéia de que os nomes que escolhi são imutáveis e eternos. Não tenho nenhuma dúvida de que no futuro, com a mudança dos tempos, de novo, e mais uma vez, os katas receberão novos nomes. E, na verdade, é assim que deve ser.

O Karatê-dô É um Só

Em minha opinião, um problema sério que assedia o karatê-dô atual é a predominância de escolas divergentes. Acredito que isso terá um efeito deletério sobre o desenvolvimento futuro da arte.

Como sabemos, havia em Okinawa, nos tempos antigos, duas escolas, Nahate e Shurite, e considerava-se que tinham ligação com as duas escolas do boxe chinês chamadas Wutang e Shorinji Kempo que floresceram durante as dinastias Yuan, Ming e Chin. Atribui-se a fundação da escola Wutang a um certo Chang Sanfeng e a da escola Shorinji ao próprio Daruma (Bodhidharma), o fundador do zen-budismo. De acordo com os relatos, ambas as escolas eram extremamente populares, e seus seguidores davam freqüentes demonstrações públicas.

A lenda nos conta que a escola Wutang recebeu seu nome a partir da montanha chinesa onde o karatê teria sido praticado pela primeira vez, enquanto Shorinji é a pronúncia japonesa para o Templo Shaolin na Província de Hunan, onde Daruma pregou o caminho do Buda. Segundo uma versão da história, seus seguidores eram fisicamente

despreparados para os rigores do treinamento que ele exigia; assim, depois de muitos caírem de exaustão, ele lhes ordenava que começassem, já na manhã seguinte, a treinar seus corpos de modo que suas mentes e corações se dispusessem a aceitar e seguir o caminho do Buda. Seu método de treinamento era uma forma de boxe que veio a ser conhecido como Shorinji Kempo. Por menos que se aceitem as lendas como fato histórico, penso que quase não há dúvida de que o boxe chinês realmente cruzou o mar na direção de Okinawa, onde se misturou com um estilo de luta de punho originária de Okinawa para formar a base do que hoje conhecemos como karatê.

Anteriormente, as duas escolas chinesas de boxe estavam relacionadas com duas escolas de Okinawa, Shórin-ryú e Shõrei-ryú, mas, é claro, o exato relacionamento que existia entre elas há muito se perdeu nas névoas do tempo. Casualmente, a verdade é a mesma com relação às escolas Shurite e Nahate.

O que sabemos é que as técnicas da escola Shõrei se adaptavam melhor a uma pessoa de corpo grande, enquanto as técnicas Shõrin eram mais adequadas a pessoas de compleição menor e de menos força. Ambas as escolas tinham suas vantagens e desvantagens. A escola Shõrei, por exemplo, ensinava uma forma mais
eficaz de autodefesa, mas lhe faltava a mobilidade da escola Shõrin. As técnicas de karatê dos dias atuais adotaram as melhores qualidades das duas escolas.

Repito que isto é como deve ser. No Karatê-dô contemporâneo, não há lugar para escolas diferentes. Sei muito bem que alguns instrutores proclamam ter inventado katas novos e incomuns, e assim se arrogam o direito de ser chamados fundadores de “escolas”. Já ouvi até mesmo pessoas atribuírem a mim e a meus colegas a denominação de escola shotokan, mas me oponho firmemente a essa tentativa de classificação. Minha convicção é que essas “escolas” deveriam fundir-se numa única, permitindo assim ao Karatê-dô evoluir de maneira organizada e benéfica na direção do futuro do homem.

O Karatê de Minha Mulher

Já mencionei que minha família proveio da classe shizoku. Meu avô paterno, Gifuku, tornou-se um erudito confuciano de renome e, como a maioria dos sábios, tinha poucas preocupações financeiras — isto é, tinha pouco dinheiro. Entretanto, ele usufruia as boas graças do hanshu (“chefe do clã”) e recebeu a incumbência e a honra de instruir as filhas viúvas do hanshu na ética confuciana. Essas aulas particulares eram dadas no Kuntoku Daikun Goten, um palácio onde as senhoras viviam e onde também existia, casualmente, um santuário dedicado aos ancestrais do hanshu. E claro que os homens estavam

proibidos de entrar nesse palácio, à exceção de Gifuku.

Depois de envelhecer e não poder mais continuar ensinando, exonerou-se da função, sendo premiado pelo hanshu com uma casa em Teira-machi, perto do palácio; na época da Restauração Meiji, também recebeu uma substancial quantia de dinheiro. Infelizmente, depois de sua morte, a propriedade e todo o dinheiro que tinha deixado de herança a meu pai foram dissipados, de maneira lenta, sim, mas inexorável.

Diferente de mim, meu pai era alto e elegante. Era hábil na luta de vara (bõjitsu), e cantor e dançarino perfeito, mas tinha um defeito lamentável: bebia contumazmente; e foi assim, acredito, e por esse motivo, que o legado de Gifuku gradualmente escapuliu das mãos da família. A casa em que morávamos, mesmo quando eu era pequeno, sempre foi alugada.

Devido à nossa pobreza relativa, só pude casar-me depois dos vinte anos — uma idade bastante adiantada para casamento naquela época em Okinawa. Meu salário como professor primário era a principesca soma de três ienes mensais, e com essa quantia eu tinha de manter minha mulher e a mim, e também meus pais e avós; diga-se que os professores não tinham permissão de realizar nenhum outro tipo de trabalho para obter uma remuneração extra. Além disso, dedicava-me ao karatê com todo o afinco, mas este, por mais que o amasse, não me rendia um único centavo.

Assim, lá estávamos nós, uma família de dez, subsistindo com uma renda de três ienes por mês. O fato de podermos sobreviver devia-se inteiramente ao desvelo de minha mulher. Por exemplo, até noite adentro, ela se afadigava no trabalho de tecer um pano local chamado kasuri, pelo qual receberia seis centavos por peça. Com o nascer do sol, já estava de pé. Caminhava, então, quase dois quilômetros até chegar a uma pequena área de terra onde cultivava as verduras para a casa. As vezes eu a acompanhava, mas naquele tempo considerava-se mais do que inadequado ver-se um professor trabalhar nos campos ao lado da mulher. Assim, não podia ir com ela muitas vezes, e quando ia, usava um chapéu grande, de abas largas, para não ser reconhecido.

Eu tinha a curiosidade de saber quando ela encontrava tempo para dormir, mas não me lembro uma única vez de ouvir uma queixa sequer de sua parte. E também jamais sugeriu que eu devesse passar meu tempo de modo mais proveitoso do que o de praticar karatê em cada momento livre que tinha. Bem pelo contrário, encorajava-me a continuar, e ela mesma passou a interessar-se, muitas vezes observando minhas sessões de prática. E quando se sentia muito cansada, diferentemente da maioria das outras
mulheres, não se deitava e pedia que um dos filhos massageasse seus ombros e braços. Oh, não, não minha mulher! O que fazia para aliviar seu corpo exausto era sair e praticar

katas, e no devido tempo ela se tornou tão hábil que seus movimentos se assemelhavam aos de um praticante experiente.

Quando eu não praticava sob os olhares agudos de Azato ou Itosu, exercitava-me sozinho em nosso pátio. Alguns jovens da vizinhança, que me haviam observado, vieram a mim certo dia e me pediram para ensinar-lhes karatê; fiquei muito feliz em fazer isso, naturalmente. As vezes, porém, me atrasava na escola, e nessas ocasiões, ao retornar para casa, encontrava os jovens praticando sozinhos e minha mulher incentivando-os e corrigindo-os quando faziam alguma coisa errada. Apenas vendo-me praticar, e ocasionalmente exercitando-se sozinha, ela havia chegado a uma compreensão plena da arte.

Pagávamos pela casa um aluguel mensal de vinte e cinco centavos, o que era bastante naquela época. A maioria de nossos vizinhos era constituída de pequenos comerciantes ou de puxadores de jinriquixá. Alguns vendiam chinelos, outros, artigos como pentes, e outros ainda, queijo de soja, que chamamos de tofu. De qualquer modo, nossos vizinhos muitas vezes ficavam briguentos depois de beber.

Nessas ocasiões, geralmente era minha mulher que intercedia e promovia a paz. Ela quase sempre chegava a um resultado favorável mesmo depois que a briga havia degenerado em agressão física — tarefa que não era fácil nem para um homem forte. E claro que ela não usava violência em seu papel de mediadora; contava totalmente com seus poderes de persuasão. Assim, minha mulher, admirada em casa por sua diligência e economia, era conhecida na vizinhança como uma karateca e mediadora habilidosa.

Fim da Clandestinidade

Pelo que me lembro, foi no primeiro ou segundo ano deste século que Shintarô Ogawa visitou nossa escola; Ogawa era então inspetor escolar da prefeitura de Kagoshima. Entre as várias apresentações que haviam sido preparadas em sua homenagem estava uma demonstração de karatê. Ele ficou muito impressionado com essa exibição, mas foi somente mais tarde que fiquei sabendo que depois de seu retorno de Okinawa, apresentou um relatório detalhado ao Ministério da Educação, elogiando entusiasticamente as virtudes da arte. O resultado do relatório de Ogawa foi que o karatê passou a fazer parte do currículo da Escola Secundária da Prefeitura de Daiichi e da Escola Normal para Homens. A arte marcial que eu estudara às escondidas quando era pobre havia finalmente saído da clandestinidade e, mais do que isso, obtivera a aprovação do Ministério da Educação. Não soube como expressar minha

profunda gratidão a Ogawa, mas tomei a decisão de dedicar todo o tempo e esforço possíveis à difusão da arte.

Depois de sua inclusão nos curriculos escolares, o karatê começou a exercer inevitável atração sobre todos os tipos de pessoas. Não apenas as escolas secundárias, mas também organizações de jovens e também escolas primárias adotaram esta arte sutil de autodefesa como um de seus cursos de educação física, e muitas pessoas me procuraram para pedir orientação e instrução. Depois de obter a permissão de Azato e de Itosu, anunciei que aceitaria alunos formalmente, e ainda hoje posso me lembrar da centelha de felicidade que senti diante de minha primeira aula de karatê.

Alguns anos depois disso, o almirante Rokuró Yashiro (que na época era capitão) ancorou seu navio de treinamento num porto próximo, e um dia, durante sua visita, veio ver uma apresentação de katas, feita por meus alunos da escola primária. Ficou tão impressionado que imediatamente expediu ordens aos oficiais e homens sob seu comando para que viessem observar nossas demonstrações e para iniciarem o aprendizado da arte. Acredito que esta foi a primeira vez que homens da marinha testemunharam unia exibição de karatê.

Então, em 1912, a Primeira Esquadra Imperial da Marinha, que estava sob o comando do almirante Dewa, ancorou na baia de Chújo, e doze membros da tripulação do navio permaneceram durante uma semana no dormitório da Escola Secundária de Daiichi para observar e praticar karatê. Assim, graças ao entusiasmo do capitão Yashiro e do almirante Dewa, o karatê começou a ser comentado em Tóquio, mas era realmente muito pouco conhecido ainda. Pelo que me lembro, foram necessários mais dez anos para que karatecas de Okinawa fossem a Tóquio para apresentar e ensinar a arte.

Em 1921, o príncipe herdeiro (agora imperador) fez escala em Okinawa numa viagem à Europa. O capitão Norikazu Kanna, que estava no comando do destróier em que o príncipe viajava, era natural de Okinawa, e acredito que foi ele que originalmente sugeriu ao príncipe que assistisse a uma demonstração de karatê. Tudo foi preparado e eu tive a honra de ser o responsável pela apresentação, levada a efeito no Grande Vestíbulo do Castelo de Shuri. Muitos anos se passaram desde aquele dia, mas ainda lembro vividamente a emoção que senti. Mais tarde fui informado de que o príncipe afirmara ter ficado muito impressionado por três coisas em Okinawa: a paisagem encantadora, o Córrego do Dragão da Fonte Mágica no Castelo de Shuri e o karatê.

Foi pouco antes da visita do príncipe que me exonerei do cargo de professor. Por estranho que pareça, foi uma promoção que provocou minha renúncia, pois meus superiores me designaram para uma ilha distante do arquipélago, onde seria o diretor da

escola primária. Minha mãe, entretanto, estava velha e acamada, e eu, seu filho único, sentia que não podia abandoná-la, de modo que não tive alternativa senão apresentar minha demissão. Cerca de três décadas de vida como professor tinham chegado ao fim, mas fico feliz em relatar que não rompi de todo minhas ligações com o sistema escolar de Okinawa. Depois de aconselhar-me com Shoko Makaina, diretor da Biblioteca Municipal de Okinawa, e Bakumondo Sueyoshi, o editor-chefe do Okinawa Times, organizei a Sociedade de Apoio ao Estudante de Okinawa e mais tarde tornei-me seu diretor. Ao mesmo tempo, com a ajuda de meus colegas, fundei outro grupo, a Associação para o Espírito das Artes Marciais, com o objetivo de unificar ainda mais o Karatê-dô.

Treinamento para a Vida Toda

Contra um Tufão

Seria mais modesto deixar que outra pessoa descrevesse os fatos da juventude de alguém em vez de a própria pessoa fazer isso. Mas engolindo decididamente minha sensação de constrangimento, citarei aqui as palavras de Yukio Togawa, o autor, não assumindo por elas nenhuma responsabilidade além da de assegurar a meus leitores que o incidente descrito é verdadeiro. O leitor pode ver nele um toque de loucura, mas não tenho arrependimentos.

"O céu acima de nós", escreve o Sr. Togawa, "estava escuro, e dele se propagava um vento uivante que destruía tudo o que estivesse em seu caminho. Galhos enormes eram despedaçados como se fossem raminhos, e poeira e pedregulhos voavam pelo ar, ferretoando o rosto da pessoa.

'Okinawa é conhecida como a ilha dos tufões, e a ferocidade de suas tempestades tropicais desafia qualquer descrição. Para resistir à fúria dos ventos que devastam a ilha regularmente todos os anos durante a estação das cheias, as casas de Okinawa são baixas e construídas com uma estrutura a mais robusta possível. São rodeadas por altos muros de pedra, e as telhas de ardósia dos telhados são assentadas com argamassa. Mas os ventos são tão formidáveis (às vezes atingindo uma velocidade de cento e sessentata quilômetros por hora) que, apesar de todas as precauções, as casas tremem e balançam.

"Durante um tufão em particular de que me lembro, toda a população de Shuri se recolheu às pressas em suas casas, rezando para que ele passasse sem provocar nenhum dano grave. Não, eu errei ao dizer que toda a população de Shuri se recolheu ás pressas em suas casas: havia um jovem, postado no telhado de sua casa em Yamakawa-chõ, que estava decididamente enfrentando o tufão.

"Quem quer que observasse essa figura solitária certamente concluiria que o jovem havia perdido o juízo. Vestindo apenas uma tanga, estava de pé sobre as telhas escorregadias do telhado e segurava com as duas mãos, como que para proteger-se do vento uivante, uma esteira de tatame. Ele deve ter caído do telhado várias vezes, pois seu corpo quase desnudo estava todo lambuzado de barro.

"O jovem parecia ter uns vinte anos, ou talvez até menos. Era de estatura baixa, dificilmente passando de um metro e meio, mas seus ombros eram largos e os bíceps protuberantes. O cabelo estava penteado como o de um lutador de sumô, com um birote e um pequeno alfinete prateado, indicando que pertencia à classe shizoku.

“Mas tudo isso tem pouca importância. O que importa é a expressão em sua face: olhos arregalados cintilando com uma luz estranha, uma testa larga, pele bronzeada. Apertando os dentes à medida que o vento o açoitava, ele emitia uma aura de poder indescritível. Poder-se-ia dizer que era um dos reis guardiães dos Devas.

“Então o jovem no telhado adotou uma posição baixa, segurando a esteira de palha no alto contra o vento furioso. A postura que assumiu era das mais impressionantes, porque ele se colocou como se estivesse montado num cavalo. Na verdade, quem conhecesse karatê poderia imediatamente dizer que o jovem estava assumindo a posição chamada montar a cavalo, a mais estável de todas as posições do karatê, e que estava utilizando o tufão uivante para aperfeiçoar sua técnica e para fortalecer ainda mais seu corpo e sua mente. O vento golpeava a esteira e o jovem com toda a força, mas ele permaneceu firme e não retrocedeu.”

Encontro com uma Víbora

Existe em Okinawa uma víbora muito venenosa chamada habu. Felizmente, sua picada não causa mais tanto medo como acontecia quando eu era jovem; naquele tempo, se alguém fosse picado na mão ou no pé, o único modo de salvar sua vida era amputação imediata. Hoje temos um soro muito eficaz, mas que deve ser injetado o mais rápido possível depois da picada. Nossa habu, que pode chegar a um comprimento de um metro e oitenta a dois metros, ainda é um animal que se deve evitar.

Voltando aos velhos tempos antes do desenvolvimento do soro, fui certa noite à casa de Mestre Azato para praticar karatê&. Isto aconteceu vários anos depois de meu casamento, e pedi a meu filho mais velho, então na escola primária, que me acompanhasse e levasse a pequena lanterna que iluminava nosso caminho através da noite da ilha.

Quando nos encontrávamos em Sakashita, entre Naha e Shuri, passamos por um antigo templo dedicado à antiga e muito venerada Deusa da Misericórdia, chamada Kannon em japonês moderno. Logo que passamos pelo templo, vi no meio da estrada um objeto que de início tomei por excremento de cavalo; aproximando-nos mais, percebi que se tratava de alguma coisa viva — e não apenas viva, mas enroscada e pronta a dar o bote, encarando raivosamente os dois intrusos.

Quando meu filho viu aqueles dois olhos penetrantes reluzindo na noite e em seguida, pela luz da lanterna, aquela língua vermelha pontiaguda dardejando, gritou aterrorizado e jogou-se sobre mim, agarrando minha coxa. Rapidamente joguei-o para trás, peguei a lanterna e comecei a balançá-la lentamente da direita para a esquerda, mantendo meus

próprios olhos cravados nos da serpente. Não posso dizer por quanto tempo isso continuou, mas finalmente a cobra, ainda me fixando, rastejou para a escuridão de uma plantação de batatas próxima. Foi só então que pude ver como a habu era comprida e grossa.

Certamente, eu havia visto a habu antes, e muitas vezes, mas nunca como naquela noite, com uma delas prestes a dar o bote.

Conhecendo, como todo habitante de Okinawa, seus hábitos desagradáveis, eu duvidava que ela se afastaria tão submissamente sem fazer mesmo uma tentativa de ataque, e assim — por mais assustado que estivesse — segurava a lanterna à minha frente enquanto adentrava o campo à busca da cobra.

Logo vi aqueles dois olhos cintilantes refletidos na luz e percebi que a habu estava realmente me esperando. Ela havia armado sua armadilha e agora estava esperando que eu a desarmasse. Felizmente, vendo-me e vendo aquela lanterna balançando, a víbora desistiu do ataque e dessa vez desapareceu para sempre na escuridão do campo.

Aprendi uma lição importante com aquela serpente. Enquanto prosseguíamos nosso caminho para a casa de Azato, disse a meu filho: “Todos conhecemos a persistência da habu. Mas dessa vez não foi esse o perigo. A habu que encontramos parece estar familiarizada com as táticas do karatê, e quando deslizou para dentro do campo ela não estava fugindo de nós. Estava se preparando para um ataque. A habu compreende muito bem o espírito do karatê.”

A Vitória através da Derrota

Gostaria de narrar dois incidentes que podem, penso, ajudar os leitores a compreender a essência do Karatê-dô. Ambos aconteceram muitos anos atrás no interior de Okinawa, e ambos ilustram como um homem pode vencer através da derrota.

O primeiro aconteceu a sudoeste do Castelo de Shuri, numa estrada que levava à residência de um antigo governador chamado Ochaya Goten. O conjunto residencial incluía uma casa de chá construída à antiga moda Nata, com uma imponente vista para o Pacífico. Após dias de trabalho exaustivo, o governador vinha a esse lugar com sua esposa e filhos para descansar.

A distância de Shuri era um pouco mais de um quilômetro e meio, e a estrada estava revestida com pedras e ladeada por pinheiros altos e imponentes. Depois que a vila foi aberta ao público — por não ser mais propriedade particular do governador — Mestre Itosu, eu e mais alguns karatecas fomos lá certo entardecer para uma festa de observação

da lua. Sendo nosso grupo muito bem-relacionado, perdemos a noção do tempo e nos demoramos até bastante tarde, falando sobre karatê e recitando poesia.

Finalmente decidimos que era realmente hora de retornar para casa e reiniciamos o caminho de volta a Shun pela estrada ladeada de árvores. A lua agora estava encoberta por uma neblina espessa, e os mais jovens portavam lanternas para iluminar o caminho para o professor. De repente, o homem que estava à frente do grupo gritou que todos deveríamos apagar as lanternas. Fizemos isso, e descobrimos que estávamos prestes a ser atacados. O número de nossos atacantes era quase o mesmo do que formava o nosso grupo, de modo que desse ponto de vista estávamos equilibrados, mas a menos que eles também fossem praticantes de karatê, estariam fadados a uma ignominiosa derrota. Estava tão escuro que não conseguíamos ver o rosto de ninguém.

Voltei-me para Itosu para receber instruções, mas tudo o que ele disse foi “Fiquem de costas para a lua! De costas para a lua!” Fiquei muito surpreso, pois pensara que certamente nosso professor nos daria uma oportunidade para praticar nosso karatê e sem dúvida todos estávamos mais do que preparados para enfrentar esse bando de desordeiros. Mas Itosu apenas nos disse para ficar-mos com as costas voltadas para a lua! Parecia não fazer sentido.

Depois de alguns minutos, ele sussurrou no meu ouvido, “Funakoshi, por que você não vai e conversa com eles? Pode ser que, no fundo, não sejam homens maus. E se você lhes disser que faço parte do grupo, isso poderá fazer uma grande diferença”.

Disse que entendi a instrução e comecei a caminhar na direção do bando. “Um deles está vindo! “, ouvi alguém gritar. “Um deles está vindo! Preparem-se!” A atmosfera agora parecia ser aquela que precede o início de uma luta generalizada.

Á medida que fui me aproximando, pude perceber que nossos supostos atacantes tinham coberto o rosto com toalhas, de modo que seria impossível identificá-los. De acordo com a instrução que
havia recebido, disse-lhes educadamente que Mestre Itosu era um dos membros do nosso grupo e que todos éramos seus alunos. “Talvez”, acrescentei calmamente, “este seja um caso de identificação equivocada.”

“Itosu? Quem é ele?”, sussurrou alguém do bando. “Nunca ouvi falar dele!”

Um outro, vendo como eu era baixo, gritou, “Ei, você é só uma criança! O que está fazendo — metendo o nariz em assuntos de homens? Saia do caminho!” E, com isso, começou a empurrar-me pelo peito.

Baixei os quadris adotando uma posição de karatê. Mas naquele momento ouvi a voz de Itosu: “Sem luta, Funakoshi! Ouça o que eles têm a dizer. Fale com eles.”

“Bem”, disse, dirigindo-me aos homens, “o que vocês têm contra nós? Vamos ouvir!”

Antes que alguém pudesse responder, juntou?se a nós um grupo de homens que obviamente haviam bebido muito e que agora, ao voltar para casa, cantavam ruidosamente. Quando se aproximaram o suficiente para notar que estava para acontecer um confronto, começaram a gritar com alegria diante da perspectiva de ver uma bela luta sangrenta. Foi então que um deles reconheceu nosso líder.

“O senhor é Mestre Itosu! “, gritou. “Não é? Ë claro que é! O que está acontecendo?” Então voltou-se para o bando que queria atacar-nos. “Vocês estão doidos, rapazes?”, perguntou. “Vocês não conhecem essas pessoas? Ë Itosu, o mestre de karatê, com seus alunos. Dez ou até vinte de vocês não poderiam batê-los numa luta generalizada. Seria melhor vocês pedirem desculpas, e fazer isso rapidamente!”

Não houve, de fato, pedido de desculpas, mas o bando combinou alguma coisa durante algum tempo e em seguida todos desapareceram dentro da noite. Então Itosu passou outra instrução que todos achamos um tanto misteriosa. Em vez de continuar o caminho que estávamos trilhando, mandou que voltássemos e tomássemos um caminho mais longo para Shuri. Ele não disse uma
única palavra sobre o encontro até que chegamos à sua casa; fez-nos então prometer que não diríamos absolutamente nada sobre o acontecido. “Vocês agiram corretamente esta noite, rapazes”, disse. “Não tenho dúvida de que se tornarão karatecas de primeira classe. Mas não digam nenhuma palavra sobre o que aconteceu esta noite para ninguém! Para ninguém, vocês entendem?”

Mais tarde fiquei sabendo que os membros do bando tinham ido à casa de Itosu, muito envergonhados, para desculpar-se. Acabamos descobrindo que os homens que tínhamos pensado serem bandidos ou ladrões eram de fato sanka — isto é, homens que trabalhavam numa vila onde era destilado o forte licor de Okínawa chamado awamori. Eram cidadãos um tanto turbulentos, desordeiros, orgulhosos de sua força física, que aquela noite nos haviam escolhido como material adequado sobre o qual testar suas façanhas. Foi só então que me dei conta da perspicácia do mestre quando nos mandou voltar a Shurí por um caminho diferente para evitar qualquer outro encontro. 12 aí, pensei, que está o sentido do karatê. Minhas faces aqueceram e enrubesceram quando percebi que, se não fosse por Itosu, eu teria usado minha habilidade e minha força contra homens não treinados.

O segundo incidente, de natureza um tanto semelhante, tem um final mais satisfatório. Antes, porém, devo dizer algumas palavras sobre a família de minha mulher. Durante muitos anos, seus familiares estiveram fazendo experiências com a batata-doce,

procurando desenvolver uma variedade melhorada. Eles tinham sido moderadamente prósperos, mas com a Restauração Meiji de 1868 haviam decaído e passado por tempos difíceis, mudando-se então para uma pequena vila rural, chamada Mawashi, distante uns quatro quilômetros de Naha. O pai de minha mulher, um fiel correligionário do Partido dos Obstinados, tinha se tornado um tanto excêntrico. Quando o tempo estava bom, cuidava dos campos; quando chovia, ficava em casa e lia; e isso era tudo o que fazia.

Minha mulher era muito ligada a ele, e num dia festivo saiu cedo com as crianças para visitar o pai. Pela tardinha, eu também me dirigi à vila, pois não me agradava a idéia de minha mulher e filhos voltarem sozinhos no escuro.

A estrada solitária para Mawashi serpeava por alamedas de pinheiros grossos, e no início da noite já estava bastante escuro; assim, fui pego de surpresa quando dois homens saltaram inesperadamente do abrigo das árvores para o meio da estrada para impedir minha passagem. Como os outros presumidos atacantes, eles haviam coberto o rosto com toalhas. Ficou imediatamente evidente que não estavam apenas inclinados a provocar uma luta bem-intencionada.

“Bem”, gritou um deles insolentemente, “não fique aí parado como se fosse surdo e mudo. Você sabe o que queremos. Fale! Diga ‘Boa tarde, senhor’, e diga-nos como o dia está bonito! Não nos faça perder tempo, coisa miúda, ou vai se arrepender. Dou a minha palavra!”

Quanto mais eles ficavam irritados, mais calmo eu me sentia. Pelo modo como o que falara comigo fechou os punhos, eu podia dizer que não era um praticante de karatê; e o outro, que segurava um bordão reforçado, também era um amador. “Vocês não estão me confundindo com outra pessoa?”, perguntei calmamente. “Com certeza, deve haver um mal-entendido. Acho que se a gente conversasse sobre isso...

“Ah, cala a boca, nanico!”, rosnou o homem com o bordão. “Por quem você nos toma?”

Dizendo isso, os dois se aproximaram um pouco mais de mim, mas não me senti intimidado nem um pouco. E disse, “Parece que vou ter de brigar com vocês, mas aviso francamente e aconselho para não insistirem. Acho que não vai ser nada bom porque...

Nesse momento, o segundo homem levantou o bordão.

porque”, continuei rapidamente, “se eu não tivesse certeza de vencer, não lutaria. Sei que vou perder. Então, por que lutar? Isso não faz sentido?”

A essas palavras, os dois pareceram acalmar-se um pouco. “Bem”, disse um deles, “você certamente não poderia oferecer muita resistência a uma luta. Vamos ver seu dinheiro, então!”

“Não tenho nenhum dinheiro”, respondi, mostrando-lhes meus bolsos vazios.

“Fumo, então!”

“Não fumo.”

Tudo o que tinha era um pouco de inanju, bolos que estava levando para oferecer no altar na casa do pai de minha mulher. Disse, então, “Vejam, tomem isso.

“Só manju!” O tom era de desdém. “Bem, melhor do que nada.” Pegando os bolos, um dos homens disse, “Melhor ir andando, nanico. E tenha cuidado, o caminho é um tanto perigoso.” Com isso, desapareceram entre as árvores.

Alguns dias mais tarde aconteceu de me encontrar com Azato e Itosu juntos, e no curso de nossa conversa contei-lhes o incidente. O primeiro a me elogiar foi Itosu, que disse que eu havia me comportado com a maior propriedade e que agora considerava que as horas que tinha utilizado ensinando-me karatê tinham sido as mais proveitosas que passara.

“Mas”, perguntou Azato, sorrindo, “como você não tinha mais o manju, o que ofereceu no altar de seu sogro?”

Respondi: “Já que não tinha mais nada, ofereci uma oração profunda e sincera.”

“Ah, bom, bom!”, completou Azato. “Você fez bem, realmente! Esse é o verdadeiro espírito do karatê. Agora você está começando a compreender o que ele significa.”

Tentei abafar meu orgulho. Embora os dois mestres nunca tivessem elogiado um kata sequer durante as sessões de prática, estavam me enaltecendo agora; misturada ao orgulho, senti uma duradoura sensação de alegria.

O Perigo do Orgulho

Num início de noite, pouco depois de completar meu trigésimo aniversário, dirigia-me de Naha de volta para Shuri. A estrada estava solitária e ficou ainda mais solitária depois do Templo Sogenjí. À esquerda se estendia um cemitério, e nas proximidades localizava-se um grande reservatório de água onde nos dias há muito passados os guerreiros costumavam dar de beber a seus cavalos. Ao lado do reservatório encontrava-se uma área gramada com uma pequena plataforma de pedra no centro; os jovens de Okinawa vinham a esse lugar para testar sua força em confrontos de queda-de-braço. Naquele anoitecer em particular, enquanto passava, vários jovens estavam entretidos no esporte.

Como já observei anteriormente, a queda-de-braço de Okínawa é um pouco diferente daquela praticada no resto do Japão. Eu gostava muito do esporte e (devo confessar) não sentia falta de confiança. Parei e fiquei olhando por algum tempo.

De súbito, um deles gritou para mim, “Ei!, você! Venha cá e faça uma tentativa! A menos que tenha medo, naturalmente.”

“Isso mesmo! “, acrescentou outro. “Não fique aí olhando. Isso não é educado!”

Eu não estava procurando encrenca mesmo; por isso disse, “Por favor, me desculpem, mas devo ir agora.” E retomei meu caminho.

“Oh, não, você não vai!” E, com isso, dois deles correram na minha direção.

“Fugindo?”, escarneceu um.

“Você não tem boas maneiras?”, perguntou outro.

Juntos, os dois me agarraram e arrastaram até a plataforma de pedra. Lá estava sentado um homem mais velho que entendi ser o juiz — e provavelmente o praticante de queda-de-braço mais forte do grupo. Sem dúvida, eu poderia ter usado as habilidades que tinha adquirido e fugido sem dificuldade, mas decidi aderir ao esporte. Venci com facilidade o primeiro confronto, mantido com o jovem que parecia o mais fraco do grupo. O segundo jovem também foi uma vítima fácil. E o mesmo aconteceu com o terceiro, o quarto e o quinto.

A essa altura, restavam apenas dois homens, um deles o juiz, e ambos pareciam oponentes fortes.

“Bem”, disse o juiz, com um sinal de cabeça para o outro, “agora é sua vez. Está preparado para um embate com este estranho?”

“Penso que não”, interferi. “Já tive o bastante, e tenho certeza de não poder vencer. Desculpem-me, por favor.”

Mas eles eram insistentes. Meu adversário seguinte, com o cenho carregado, agarrou minha mão, de modo que não pude fazer outra coisa senão combater. Também esse confronto foi meu, e bem rapidamente. “Agora preciso ir mesmo”, eu disse. “Obrigado. Por favor, desculpem.”

Aparentemente, dessa vez minhas desculpas foram aceitas. Mas enquanto retomava o caminho para Shuri, tive uma sensação de que a caminhada não ficaria sem algum incidente. E estava certo, pois em pouco tempo ouvi sons atrás de mim.

Por sorte minha, ao sair de casa cedo para ir a Naha, peguei um guarda-chuva, pois estivera chovendo. Agora que a chuva tinha parado, usava o guarda-chuva como bengala; decidi que serviria também como meio de defesa; assim, abri-o rapidamente e mantive-o protegendo a cabeça para prevenir um soco por trás.

Bem, vou encurtar a história. Embora houvesse sete ou oito no grupo, consegui esquivar-me de todos os golpes dírigídos contra mim, até que finalmente ouvi a voz do mais velho dizendo, “Quem é esse rapaz? Parece que ele conhece karatê.”

O ataque terminou. Os homens ficaram ao meu redor, olhando-me com raiva, mas não houve mais socos e nem tentativas de bater-me quando retomei a estrada. Enquanto caminhava, ia recitando meus poemas favoritos, e ao mesmo tempo ficava atento a sons de movimentos furtivos, mas não ouvi nenhum.

Quando cheguei a Shuri, estava cheio de remorso. Por que havia entrado no confronto da queda-de-braço? Teria sido por mera curiosidade? Mas a resposta verdadeira me veio à mente: era confiança excessiva em minha força. Numa palavra, era orgulho. Era uma violação do espírito do Karatê-dô, e me sentia envergonhado. Mesmo ao contar a história agora, depois de transcorridos todos esses anos, ainda me sinto profundamente envergonhado.

Bondade sem Piedade

Perto da casa de meu avô, numa colina elevada, localiza-se uma floresta espessa chamada Bengadake. Nela, erguia-se um santuário que tinha a fama de dispensar boa sorte àqueles que aí vinham prestar sua homenagem (entre os quais havia muitos de Naba e de Shuri). A floresta em si era visível aos viajantes que entravam na baía de Chújo.

Certo dia, pelo anoitecer, vindo da vila de Nishihara, eu havia quase alcançado o topo da colina de Bengadake quando subitamente percebi um homem correndo a toda a velocidade na minha direção. Se não tivesse me virado rapidamente, teríamos colidido de frente, e embora fosse bastante escuro àquela hora, pelos seus movimentos percebi que ele não conhecia a arte da autodefesa.

Depois que ele se embrenhou num campo de cana-de-açúcar, os colmos altos o esconderam completamente. Já que não ouvia mais nenhum som vindo do canavial, temia que ele tivesse tropeado, batido a cabeça numa pedra e perdido a consciência. Entretanto, embora vasculhasse a área o mais completamente possível na escuridão, não pude descobrir nenhum vestígio dele. Que estranho, ia pensando enquanto caminhava na direção de uma cova onde havia uma fossa sanitária pública.

O mau cheiro era repugnante, e eu teria passado o mais rapidamente possível se de repente não tivesse visto alguma coisa flutuando naquela sujeira toda, e que parecia um melão escurecido. Não podia haver dúvida nenhuma de que o objeto era a cabeça de um homem, e quase com toda a certeza a cabeça do homem que viera esbarrando colina abaixo. Apesar da fedentina, estendi-lhe a mão para ajudá-lo a sair da sujeira. Sem mesmo dizer uma palavra de agradecimento, precipitou-se colina abaixo o mais rápido que pôde.

Exatamente naquele momento, da direção oposta, surgiu o sopro de um apito, e três vultos envoltos em capas pretas assomaram na escuridão. Antes que pudesse emitir um único som, eles já me haviam agarrado. “Esperem! “, gritei, “vocês pegaram o homem errado”, pois a essa altura era evidente que os três eram policiais. Dizendo que de fato eram policiais, pegaram uma corda para amarrar-me. Ocorreu-me então que estavam perseguindo o homem que havia caído na sujeira.

“Esperem um pouco”, repeti. “Vocês estão cometendo um erro.

“Não minta para nós”, disse um dos policiais bruscamente. “E não crie mais problemas.”

Os três pareciam muito certos de que eu era o homem que estavam procurando, mas insisti nas minhas negativas. Paciente-mente, expliquei-lhes que alguns minutos antes sua caça havia caído numa fossa sanitária e que havia fugido depois de receber minha ajuda.

Inicialmente eles estavam incrédulos, mas depois de repetir minha história começaram a acreditar em mim. Perguntaram-me então a idade do homem e sua aparência. Respondi que estava muito escuro para que os olhos de um homem fossem testemunhas confiáveis, mas que em vista do que acontecera, ninguém podia errar sobre sua identidade.

Dito isso, nós quatro corremos na direção que o homem havia tomado. Quando chegamos no sopé da elevação, ouvimos um homem gritar que tinha encontrado alguém caído no chão. Acontece que havia outro grupo de policiais procurando o mesmo criminoso, que foi encontrado escondido no meio de um campo de batatas. Ele estava, ou parecia estar, inconsciente, e tinha um cheiro extremamente desagradável. Não havia dúvida de que era o homem que todos esses policiais estavam perseguindo.

Estavam a ponto de amarrá-lo e levá-lo quando sugeri que poderiam pelo menos limpá-lo um pouco.

“Bem, onde?”, perguntou um deles com rispidez.

“Levem-no para minha casa”, disse. “De qualquer modo, fica no caminho para a delegacia.”

E foi isso que fizemos. Tiramos suas roupas sujas e o lavamos ao lado do meu poço, e então fiquei espantado ao ver o que lhe tinha acontecido. De sua coxa direita coma um fluxo de sangue, e a esquerda apresentava um hematoma. Evidentemente, ele havia se ferido quando caíra na fossa, e a contusão dolorosa aparentemente era o resultado do pontapé involuntário que eu lhe dera ao girar para evitá-lo quando passara por mim em desabalada corrida.

Senti grande pena dele, até que os oficiais me disseram que era um preso fugitivo

com um longo registro policial, e que fora preso por furto, roubo e estupro. Então, meu sentimento de piedade desapareceu.

Mediação

Na parte norte da ilha de Okinawa, no condado de Kokuryo, existe uma vila litorânea chamada Motobe, e próximo a ela, também á beira-mar, um povoado conhecido como Shaka. Depois da Restauração Meiji, Shaka começou a ser ocupada pela pequena nobreza de Okinawa insatisfeita com o novo regime de Tóquio, e era a fonte principal das quase intermináveis disputas que pareciam agitar o condado de Kokuryo ano após ano.

O incidente que estou para contar aconteceu uns quinze anos depois que comecei a lecionar, e dizia respeito a uma disputa que havia surgido entre Shaka e um povoado vizinho. A polícia local considerou-se incapaz de controlar a contenda, e por isso, já que esta não dava mostras de acomodação, recorreu á ajuda da polícia de Naha. Entretanto, visto que a origem da rixa era de natureza política, também foram chamados a ajudar membros do conselho do condado, o conselho municipal e o governo da prefeitura. E por estranho que pareça, também a mim foi pedido que fizesse parte do grupo de árbitros. Não tive então, e continuo não tendo hoje, a mínima idéia do porquê.

Eu era membro da congregação de uma pequena escola perto da baía de Senno, no condado de Chuto, e por algum tempo havia nutrido a esperança de ser transferido para uma escola no centro de Naha, o que seria mais conveniente para minha prática de karatê, mas a transferência não tinha sido concedida. De fato, eu conjeturava se era devido a meu conhecimento de karatê que havia sido tão vivamente solicitado a ser um dos árbitros — não, com toda certeza, que se esperasse que eu pudesse apaziguar o conflito num combate corpo a corpo, mas antes porque muitos dos envolvidos seriam karatecas e poderiam ter bom senso em minha presença.

De qualquer modo, senti que não podia recusar, e assim solicitei ao diretor de minha escola permissão para uma rápida ausência do serviço. Ela me foi concedida. Obviamente, não havia em Okinawa, naquela época, coche que não fosse puxado por cavalo, e assim partimos, de manhã cedo, em carruagens puxadas por cavalos. Como a distância entre Naha e Shaka era de mais ou menos oitenta quilômetros, tivemos de mudar os cavalos duas vezes, pelo que me lembro.

Já na chegada percebemos uma atmosfera de forte desconfiança e hostilidade entre os dois pequenos povoados, uma atmosfera que poderia simplesmente tornar-se mais belicosa até explodir numa batalha aberta. Decidimos usar do maior tato num esforço de

manter o assunto sob controle.

Então aconteceu uma coisa muito estranha. Os habitantes dos dois vilarejos estavam reunidos numa zona neutra, encarando-se furiosamente, nós no meio, quando subitamente, e quase simultaneamente, de ambos os grupos antagonistas levantaram-se as vozes de dois homens me saudando com palavras quase idênticas. “Funakoshi”, ouvi-os dizer, “o que o traz aqui?”

Vendo que era saudado dessa maneira, meus colegas árbitros me pediram para tentar acalmar o litígio sozinho. Sem dúvida, pensaram nessa alternativa porque, tendo eu um amigo em cada povoado, seria capaz de pôr um ponto final na situação, fácil e rapidamente. Mas, de minha parte, sentia-me muito menos otimista e sabia que uma única palavra errada poderia deflagrar o combate, o que tornaria a paz final muito mais difícil.

Entretanto, concordei em assumir o empreendimento. Decidi ser tão cortês e imparcial quanto humanamente possível, ouvindo cuidadosamente os argumentos de ambos os lados. Isto eu fiz, mas houve momentos durante aquele dia e o seguinte em que parecia que estava prestes a ser atacado por centenas de aldeões raivosos, primeiro de um dos povoados, depois, do outro. Mas permaneci calmo e paciente e não fiz nada precipitado, e a violência ameaçadora não se concretizou. Finalmente, depois de ficar dois dias ouvindo atentamente, propus uma solução de conciliação que veio a ser aceita pelos dois lados. Concluída a paz, foi realizada uma cerimônia formal para celebrar o feliz evento na escola primária de Shaka. Então os mediadores subiram em suas carruagens e retornaram a Naha.

Um mês mais tarde, fui chamado ao Setor de Assuntos Educacionais do governo municipal de Okinawa, onde fui informado de que fora promovido para uma escola no centro de Naha. O que havia desejado tão ardentemente finalmente aconteceu, e só podia atribuir o fato ao meu conhecimento de karatê, que havia se mostrado tão útil em meus esforços de mediação.

Um Homem Humilde

Quando ainda era professor assistente na escola de Naha, fazia duas caminhadas diárias de quatro quilômetros, pois minha mulher e eu morávamos na época na casa de seus pais, em Shuri. Um dia, houve uma reunião de professores que durou mais que o tempo previsto, e por isso era tarde quando iniciei a volta para casa, e logo começou a chover. Decidi ser extravagante por uma vez e peguei um jirinquixá.

Para passar o tempo, comecei a conversar com o puxador e descobri, para minha

surpresa, que dava respostas muito curtas às minhas perguntas. Em geral, puxadores de jirinquixá são tão loquazes quanto barbeiros. Além disso, seu tom de voz era extremamente polido e sua linguagem era a de um homem educado. Nessa época, existiam em Okinawa dois tipos de jinriquixás: hiruguruma ("jinriquixás diurnos") e yoruguruina ("jinriquixás noturnos"), e eu sabia muito bem que alguns dos puxadores noturnos eram pessoas da pequena nobreza que haviam perdido sua posição social.

No trajeto, perguntava-me se o homem que me puxava na direção de Shuri poderia ser alguém que eu conhecesse. Se assim fosse, teria havido uma quebra da etiqueta. Permanecia, porém, a questão de descobrir, e isso não era fácil, porque o homem usava um chapéu de abas largas, com o que conseguia manter o rosto escondido.

Nessa conformidade, imaginei um estratagema que achei que me permitiria ver quem ele era. Pedi-lhe que parasse o jinriquixá por um momento para que eu pudesse atender aos reclamos da natureza. Quando ele apoiou os varais no chão, tive a impressão distinta de que o homem não era um puxador comum, mas quando, ao descer, tentei ter um vislumbre de seu rosto, ele rapidamente desviou a cabeça. E no entanto havia algo desconfortavelmente familiar com relação ao porte de seu corpo alto e esguio.

A essa altura, a chuva tinha parado, e uma lua pálida emergira das nuvens. Depois de aliviar-me, voltei para o jinriquixá e novamente tentei ter um vislumbre do rosto do homem e mais uma vez fui impedido. Bastante chateado com minha própria incompetência, esquematizei outro plano que tinha certeza que funcionaria. "Já percorremos uma grande distância", eu disse, "e você deve estar cansado. Ë uma noite agradável; por que não caminhamos um pouquinho?"

O homem concordou, mas novamente não fui bem-sucedido, porque ele se recusou a caminhar a meu lado. Sempre estava um passo ou dois atrás. Numa curva da estrada, girei subitamente e agarrei um dos varais do jinriquixá e ao mesmo tempo tentei captar um relance de suas feições. Entretanto, mesmo sendo rápido, o homem foi mais rápido ainda em afundar o chapéu em seu rosto. Na verdade, tão rápida foi sua reação que eu agora estava perfeitamente convencido de que ele não podia ser um puxador de jinriquixá comum.

De fato, eu estava bastante seguro de saber quem ele era. Tirei meu chapéu e disse, "Desculpe-me por perguntar, mas não é o Sr. Sueyoshi?"

Surpreso, ele todavia respondeu com firmeza, "Eu não sou.

Assim ficamos por um momento, como se fosse num quadro, eu segurando o jinriquixá, ele olhando para o chão, o rosto escondido pelo chapéu. Então, de repente, ele chegou a uma decisão, tirou o chapéu, e caiu sobre os joelhos. Eu vi que estava certo. Era

Sueyoshi mesmo. Peguei-o pela mão para ajudá-lo a levantar-se, em seguida pus-me de joelhos ao mesmo tempo que lhe dizia meu nome e pedi-lhe perdão por minha impertinente curiosidade. Como eu sabia muito bem, ele vinha de uma família de classe alta descendente de guerreiros, e era meu sênior em Karatê-dô. Além disso, era um expoente famoso da arte da luta com bastões e mais tarde fundou sua própria escola de bõjitsu.

Ë claro que daí em diante não aceitei mais que ele puxasse o jinriquixá. Caminhando lado a lado na direção de Shuri, tivemos uma agradabilíssima conversação sobre karatê e sobre a arte da luta com varas. Então, muito embaraçado por eu ter descoberto sua identidade, ele me pediu para não mencionar a ninguém que estava trabalhando como puxador de jinriquixá. Disse-me que sua mulher estava doente e acamada, e que para sustentar a ambos e comprar os remédios prescritos trabalhava como agricultor durante o dia e puxava o jinrlquixá à noite.

Se quisesse fama e fortuna, certamente poderia consegui-las, mas possivelmente às custas de realizar um trabalho que sentiria como inferior à sua dignidade. Nisso ele era, como diz o ditado, um samurai em cada polegada, e a maneira hábil como manejava o jinriquixá revelava sua destreza nas artes marciais. Embora tivesse morrido logo depois que me mudei para Tóquio, jamais esqueci aquela noite passada em sua companhia. Para mim, ele sempre representou a personificação perfeita do espírito samurai.

Espírito do Jogo

O cabo-de-guerra, um esporte popular em nossa ilha, em geral é praticado durante um de nossos numerosos festivais. Nosso cabo-de-guerra é bem diferente daquele realizado em outras circunscrições. Por um lado, é muito mais dinâmico, como há de concordar quem quer que tenha testemunhado uma apresentação do cabo-de-guerra de Okinawa. E garanto a meus leitores que definitivamente não é um esporte para crianças.

Dois pedaços de corda são amarrados para formar uma corda bem comprida que é quase da grossura do tronco de uma árvore

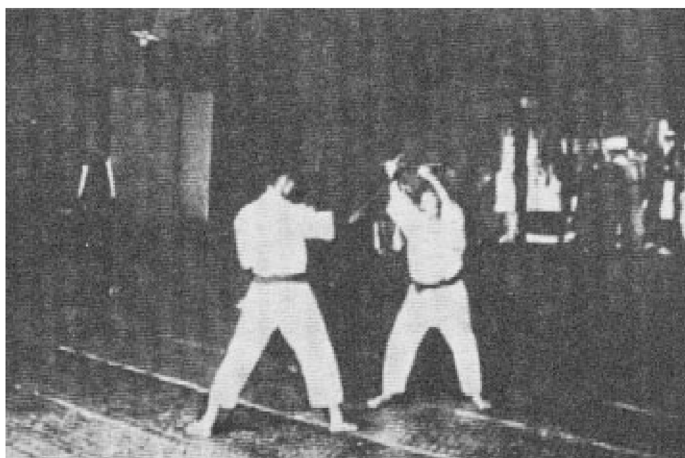


Gichin Funakoshi, erudito nos clássicos chineses e mestre de karatê, nasceu em Shuri, sede administrativa de Okinawa, em 1868 e morreu em Tóquio em 1957.



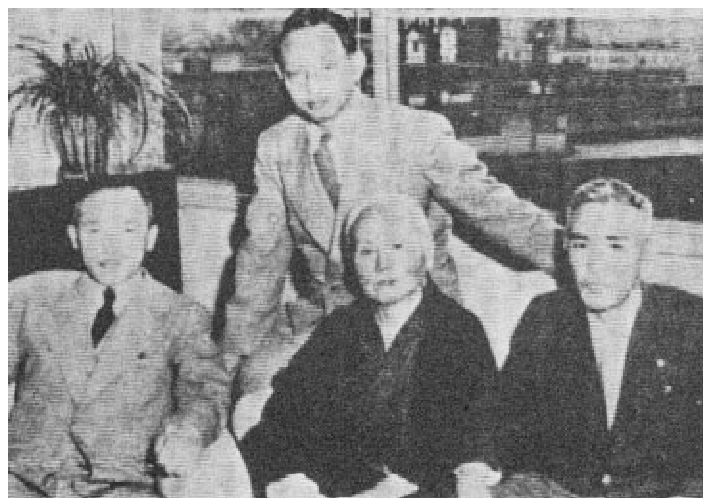
No dõjô da Universidade de Keio, em torno de 1930: Mestre Funakoshi e alunos praticam o kata Heian Nidan.

Mestre Funakoshi apara um ataque de vara com uma arma conhecida no dialeto de Okinawa como sai (cerca de 1930).





Acima, Gichin Funakoshi com sua filha, genro e dois netos. Abaixo, com amigos; atrás de Funakoshi, Yukio Togawa, fotógrafo da vida selvagem e autor premiado.





Pode-se ver a compreensão que um aluno tem do Karatê-dô na apresentação de um kata. Sentado à direita do mestre está Genshin Hironishi e, a seu lado, Shigeru Egami, o sucessor do mestre como instrutor principal do Shõtõ-kai.

Estatísticas médicas provam que, no karatê, mais do que em qualquer outro esporte, a prática de dobrar e de esticar os braços molda cotovelos mais fortes. As fotos abaixo são do braço de Mestre Funakoshi.



alta. Cada corda tem uma laçada grande numa extremidade, e depois que uma laçada é passada pela outra, usa-se um galho pesado de carvalho para apertar as duas peças. Da corda principal pendem numerosas cordas menores, tendo—se então a impressão de estar diante de uma enorme centopéia; as cordas menores são chamadas mezuna (“cordas fêmeas”). Ë função do árbitro inserir o galho de carvalho pela laçada. Embora essa tarefa seja muitas vezes bastante perigosa, é uma cerimônia que nunca pode ser omitida no cabo-de-guerra de Okinawa.

O jogo começa quando o árbitro pisa nos pés dos dois homens dos times adversários que estão mais próximos do centro da corda. Então todos os competidores agarram as cordas “fêmeas” menores e começam a puxar ao ritmo de tambores e gongos. As torcidas levantam bandeiras com o nome de seu time e o incentivam fazendo a maior algazarra possível.

Embora se trate de um jogo e de um esporte, é também uma imitação de guerra, e há ocasiões (quando a decisão do árbitro é duvidosa) em que irrompe uma batalha de verdade. Muitos habitantes de Okinawa já ficaram feridos em brigas que freqüentemente se seguem ao cabo-de-guerra. Por esse motivo, o árbitro deve ser alguém recomendado pelos dois lados; deve também ser um homem capaz de agir como árbitro do esporte e como mediador da batalha que pode seguir-se.

Na antiga capital real de Shuri, o cabo-de-guerra é um esporte popular há séculos. Com a Restauração Meiji, Naha tornou-se capital de Okinawa e logo superou sua irmã mais velha. Durante meus anos de magistério em Naha, muitas vezes fui solicitado a servir de árbitro em competições de cabo-de-guerra, e fico muito feliz em registrar que nem uma vez sequer houve lutas sangrentas depois de um confronto arbitrado por mim. O que aprendi pela observação desse esporte é que o time que apenas está decidido a vencer em geral fracassa, ao passo que o time que entra na competição para divertir-se, sem se preocupar muito em vencer ou perder, em geral sai vitorioso. A observação é verdadeira tanto para uma luta de karatê como para um confronto de cabo-de-guerra.

O Karatê Salva Minha Vida

Outra história relacionada com o karatê que gostaria de contar aconteceu no porto de Naha, o mais importante da prefeitura de Okinawa. Infelizmente ele estava tão baixo que os navios grandes não podiam entrar no cais. Tinham de ancorar fora, no meio do ancoradouro, e os passageiros eram transportados até lá em barcos menores.

O dia em que parti de Okinawa para Tóquio estava bastante agitado pelo vento, e as

ondas estavam altas. Com um grupo de outros passageiros, embarquei num pequeno barco que me levaria a um navio de passageiros grande com destino à capital nacional. Quando chegamos, o mar estava momentaneamente calmo, e vá-nos passageiros passaram com facilidade do barco menor para o passadiço que dava para o convés do navio maior. Quando chegou minha vez de sair do barco que balançava, todavia, surgiu de repente uma onda enorme e assim, naturalmente, esperei até que o mar se acalmasse novamente.

Logo que isso aconteceu, coloquei um pé no passadiço, mas nesse exato momento outra grande onda surgiu, e o pequeno barco começou a balançar com violência. E lá estava eu, um pé no passadiço, outro ainda no barco, e duas malas grandes e pesadas nas mãos. Abaixo de mim, um mar agitado. Para piorar as coisas, devo confessar que, embora fosse um ilhéu, nunca aprendera a nadar, por ter sido criado na cidade de Shuri e raramente ter excursionado para o litoral de Okinawa.

Enquanto permanecia lá a cavalo do mar que se elevava, podia ouvir a tripulação do navio maior gritando-me instruções, mas essas simplesmente não chegavam até mim. Sem pensar, mudei a mala que segurava na mão esquerda para a direita e simulta-neamente atirei a mais pesada, que estava na mão direita, sobre o passadiço. O impulso também me levou até a segurança do passadiço. Se tivesse hesitado um momento sequer a mais, certamente teria sido lançado ao mar e poderia ter me afogado. E se fosse resgatado, teria sido com uma barriga cheia de água salgada. Quando alcancei o passadiço, murmurei uma palavra de agradecimento ao Karatê-dô por ter escapado por um triz.

Alguns anos mais tarde, numa visita a Okinawa, naturalmente fui apresentar meus respeitos a Mestre Azato. “Feliz retorno!”, ele gritou. “Mas, de verdade! Estávamos muito assustados aquele dia!” Ele e sua família tinham ido ao cais para acompanhar minha partida, e agora me diziam o quanto tinham se horrorizado pelo que poderia ter acontecido. “Admiramos muito sua rapidez e habilidade”, acrescentou. “E como ficamos aliviados!”

Naturalmente, não é apenas o karatê que treina uma pessoa a ponto de ela realizar feitos extraordinários desse tipo; as outras artes marciais são igualmente úteis. Os praticantes de judô, por exemplo, aprendem a cair de tal modo que podem levantar-se quase sem ferimentos; eles atribuem essa habilidade ao seu treinamento de judô. O importante é que a prática diária em qualquer arte marcial pode ser de valor inestimável para um homem em situações de emergência.

Reconhecimento

Dias Difíceis

Pelo que lembro, foi perto do fim do ano de 1921 que o Ministério da Educação anunciou que seria realizada uma demonstração de artes marciais japonesas antigas na primavera seguinte na Escola Normal Superior para Mulheres (então localizada em Ocha-nomizu, Tóquio). A prefeitura de Okinawa foi convidada a participar da demonstração, e o Departamento de Educação me pediu para apresentar nossa arte local de karatê à capital japonesa. Concordei imediatamente, claro, e comecei a fazer planos.

Visto que, na época, o karatê era pouco conhecido fora de Okinawa, e porque as pessoas a quem seria apresentado conheciam pouco ou nada dele, decidi que era necessário algo bastante dinâmico como introdução. De acordo com essa idéia, tirei fotografias das várias posições, katas e movimentos das mãos e dos pés, e dispus essas fotos em três rolos longos. Levei esses rolos comigo para a capital. Toda a demonstração foi um grande sucesso, mas maior sucesso ainda fez minha introdução da arte de Okinawa ao povo de Tóquio.

Eu havia planejado voltar à minha ilha nativa imediatamente depois da demonstração, mas adiei o retomo quando Jigorõ Kanõ, presidente da Kodokan Judô, me pediu para proferir uma palestra sobre a arte do karatê. Hesitei inicialmente, não me sentindo suficientemente preparado, mas devido ao favor de Kanõ, concordei em demonstrar-lhe alguns katas. O lugar seria a própria Kodokan, e eu tinha pensado que apenas um grupo muito pequeno, provavelmente constituído pela equipe de instrutores seniores, estaria presente na apresentação. Para meu grande espanto, havia mais de cem espectadores esperando quando cheguei.

Como parceiro de demonstração, escolhi Shinkin Gima, que na ocasião estudava na Shõka Daigaku de Tóquio (hoje Universidade Hitotsubashi). Gima era um karateca excelente, que havia praticado intensivamente antes de sair de Okinawa. Muito impressionado, Kanõ me perguntou quanto tempo seria necessário para dominar os katas que estivéramos demonstrando.

“Um ano, pelo menos”, respondi.

“Ah, isso é muito tempo”, ele disse. “Você poderia ensinar-me apenas alguns dos mais básicos?”

Simples professor de província, senti-me muito honrado por esse pedido de um grande mestre de judô como Jigorõ Kanõ, e, assim, é claro que concordei.

Algum tempo mais tarde, estava novamente me preparando para retomar a Okinawa quando certa manhã fui visitado pelo pintor Hõan Kosugi. Ele me disse que algum tempo antes, ao visitar Okinawa durante uma expedição de estudos de pintura, ficara profundamente impressionado pelo karatê e queria aprender a arte, mas em Tóquio não conseguia encontrar professores nem livros de instrução. Será que eu, perguntou ele, consideraria a possibilidade de continuar em Tóquio por algum tempo mais e de ensiná-lo pessoalmente?

Assim, mais uma vez adiei minha partida e comecei a dar aulas a membros de um grupo de pintores chamado Clube do Choupo de Tabata, do qual Kosugi era presidente. Depois de algumas sessões, comecei a compreender que se quisesse ver o Karatê-dô apresentado a toda a população japonesa, eu era a pessoa indicada para isso, e Tóquio era o lugar por onde começar. Imediatamente escrevi para Azato e Itosu comunicando-lhes minha idéia, e ambos me responderam com cartas de incentivo, advertindo-me ao mesmo tempo que enfrentaria tempos difíceis.

Quanto a isso, pelo modo como as coisas evoluiram, eles estavam mais do que certos. Mudei-me para Meisei Juku, um dormitório para estudantes oriundos de Okinawa (localizado na área Suidobata de Tóquio), onde me foi permitido usar o salão de palestras como meu dojô temporário quando não estava sendo utilizado pelos estudantes. O dinheiro, no entanto, era um problema crítico: eu não tinha nada, minha família em Okinawa não tinha condições de me enviar nada, e não podia, na ocasião, atrair nenhum patrocinador, pois o karatê ainda era praticamente desconhecido.

Para pagar pelo cubículo onde dormia, assumi todos os tipos de trabalhos avulsos do dormitório: guarda, zelador, jardineiro, faxineiro. Naquele tempo, eu tinha muito poucos alunos, e por isso o que recebia mal dava para as despesas mais essenciais. Para ajudar a resolver o problema da falta de dinheiro para comer, convenci o cozinheiro do dormitório a participar das aulas de karatê; em contrapartida, ele me dava um desconto mensal pelo que Lhe devia em comida. Foi uma vida difícil, mas quando me lembro desse tempo depois de todos esses anos, me dou conta de que também era uma vida boa.

E também não era desprovida de momentos agradáveis. Naqueles dias, entrevistas nos jornais e revistas eram raras, mas um dia um jornalista apareceu no dormitório. Quando chegou, eu estava varrendo a calçada do jardim, e ele me tomou por um empregado.

“Onde posso encontrar o Sr. Funakoshi, o professor de karatê?”, ele perguntou.

“Um momento, senhor”, respondi, e saí correndo. Subi ao quarto, vesti meu quimono

formal e desci até a entrada onde o repórter estava esperando. “Como vai?”, eu disse. “Sou Funakoshi.” Jamais me esquecerei da expressão de espanto na face do repórter quando percebeu que o jardineiro e o professor de karatê eram uma só e mesma pessoa!

Em outra oportunidade, fui visitado por um dos serviçais superiores da casa do barão Yasuo Matsudaira, vizinho do dormitório. Os Matsudaira eram uma família importante, e o barão e sua mulher eram os pais adotivos da princesa Chichibu.

Disse o criado: “Vim agradecer ao velho que varre o chão defronte de nosso portão todas as manhãs. Meu patrão envia esse pequeno símbolo de gratidão.” Dito isso, entregou-me uma caixa de bombons.

O epílogo dessa história aconteceu alguns anos mais tarde quando o mesmo criado me visitou novamente para desculpar-se por ter me chamado “o velho que varre o chão”. E prosseguiu:

“Na época, naturalmente, não tínhamos idéia de que o senhor era o perito em karatê, Gichin Funakoshi.”

Ë verdade que os jardins e passeios do dormitório exigiam bastante atenção, porque as crianças iam até lá para brincar. Depois de uma exaustiva hora de limpeza, às vezes eu as repreendia, dizendo-lhes que não havia problema em brincarem no jardim, mas que não estava bem deixar o chão sujo e em desordem.

Um dia, um deles, um diabinho de língua afiada, chamou-me de karasu-uri (“cabeça de melão”), e logo todos os demais se juntaram a ele em coro. Tudo me parecia um tanto misterioso, e eu não conseguia entender por que estava sendo comparado a um melão até aquela tarde, quando me olhei no espelho e comecei a rir quando vi a semelhança. Embora não beba álcool, minha cútis é bastante corada, e como minha pele é também extremamente lisa, eu tinha a aparência de um melão que adquire uma tonalidade laranja-claro quando maduro.

Assim, para meus alunos eu era o especialista em karatê; para a família Matsudaira era apenas um velho varredor, e para o bando de crianças que brincavam no jardim era um melão. Achei tudo isto muito divertido; o que achava menos divertido eram os dias de penúria em que não conseguia dinheiro suficiente para comprar o necessário para a sobrevivência.

Certo dia, achei que precisaria empenhar uma coisa ou outra, mas a questão era o quê. Eu praticamente não tinha nada que desse para empenhar. Finalmente encontrei um velho chapéu-de-coco que havia usado em Okinawa e um quimono de Okinawa feito a mão. Embrulhei essas coisas com cuidado e dirigi-me até uma loja de penhores distante, pois não queria que nenhum estudante do dormitório ficasse sabendo da situação.

A bem da verdade, eu tinha vergonha até de mostrar os dois objetos ao balconista da loja de penhores, pois ambos eram velhos e gastos e, receava, sem valor. Mas o balconista levou essas coisas para uma sala nos fundos, onde podia ouvir dois homens (o outro, supostamente o proprietário da loja) falando aos sussurros. Depois de alguns momentos, o balconista reapareceu e me entregou uma quantia de dinheiro assustadoramente grande.

Fiquei perplexo ao saber, mais tarde, que o irmão mais novo do balconista era um dos meus alunos de karatê. De fato, agora que penso nesses anos passados, relembro um número considerável de bondosos benfeitores, entre eles Hõan Kosugi e os outros pintores do Clube do Choupo de Tabata, e por todos eles tenho um permanente sentimento de gratidão.

Interesse Público

Com o passar do tempo, minha situação começou a melhorar. Por um lado, eu estava lecionando para um número de alunos cada vez maior. Muitos eram empregados de escritórios, que depois de concluído seu trabalho diário, vinham a meu dojô para umas horas de prática. Ansiosos por melhorar seu conhecimento do Karatê-dô e por aperfeiçoar suas habilidades, eles eram muito entusiasmados, e foi em grande parte graças a eles que a arte foi se tomando cada vez mais conhecida por pessoas de todos os ramos de atividade.

Mesmo as universidades começaram a interessar-se pelo karatê, com a Keio na vanguarda. Um dia, o professor Shin'yõ Kasuya, do Departamento de Língua e Literatura Germânica, veio a meu dojô com um grupo de outros integrantes da universidade e diversos alunos que queriam aprender karatê. Pouco tempo depois disso, a universidade formou um grupo de estudos de karatê constituído por membros da congregação e por estudantes: este foi o primeiro grupo do tipo que se estabeleceu numa universidade de Tóquio. Assim, agora, além do ensino em meu dojô, visitava regularmente o campus de Keio para ensinar a arte. Em pouco tempo, alunos de outra universidade, a de Takushoku, próxima ao dormitório, também começaram a buscar instruções e prática.

Num desses dias bastante tumultuados, um cavalheiro muito bem trajado apareceu no dormitório acompanhando um jovem vestindo um uniforme de estudante. Pediram-me para dar uma breve demonstração de karatê, depois do que o jovem expressou entusiasticamente sua intenção de estudar a arte. Acontece que esse jovem era Kichinosuke Saigõ, membro de uma família aristocrática que, depois da Segunda Guerra Mundial, foi

eleito para a Câmara de Representantes.

Pelo que me lembro, na época o jovem era aluno da Escola de Pares. No entanto, fixou residência na casa de cômodos de Tõgõ-kan, situada perto do meu dojô, porque estava determinado a passar o maior tempo possível praticando karatê. Quando eu disse ao proprietário do Tõgõ-kan que ele tinha um hóspede aristocrático, ele se surpreendeu muito e logo providenciou para que o jovem cavalheiro se mudasse para outra pousada em Myogadani, dizendo que a considerava mais limpa e mais apropriada a um filho de nobre. Desse último domicílio, o jovem, durante vários anos, viajava diariamente até a Escola de Pares e daí para o meu dojô.

Depois do interesse demonstrado pelas universidades de Keio e de Takushoku, o número de meus alunos de várias escolas de Tóquio parecia aumentar rapidamente. Entre outros, lembro-me de jovens provenientes de Waseda, Hosei, Faculdade de Medicina do Japão, Primeira Escola Superior, Universidade Imperial de Tóquio, Universidade do Comércio de Tóquio e Universidade da Agricultura de Tóquio. Ao mesmo tempo, formavam-se grupos de estudo de karatê em vários institutos de ensino superior. Um começou a encontrar-se na Faculdade de Educação Física de Nikaido, e eu fui convidado a dar aulas de karatê nas academias tanto militar como naval. Posso acrescentar que me sentia extremamente gratificado em receber visitas de pais de meninos que haviam estudado comigo. Eles vinham agradecer-me pelo ensino de karatê, através do qual seus filhos tinham se tornado fortes e saudáveis.

Ë claro que, a essa altura, eu já dispunha de pouco tempo para varrer quartos ou jardins, e também não tinha necessidade tão premente. De fato, um dia, o proprietário da loja de penhores que fora tão generoso veio visitar-me. Ao sair, disse-me calmamente:
“Faz muito tempo que o senhor foi à minha loja; temia que estivesse doente. Fico aliviado de ver que está sadio e forte!”

Durante todo esse tempo, minha mulher continuava em Okinawa, embora meu filho mais velho tivesse vindo a Tóquio antes mesmo de mim; meus dois filhos mais novos vieram depois da minha chegada. Eu decidira não voltar a Okinawa até que minha missão estivesse cumprida e, apesar das dificuldades, acreditava que podia sustentar minha família em Tóquio. Mas as coisas não deviam acontecer desse modo. Quando escrevi à minha mulher para juntar-se a mim, ela se recusou terminantemente.

Na religião de Okinawa, a veneração dos ancestrais é um elemento muito importante, e minha mulher, uma budista devota, não alimentava a idéia de deslocar nossa tumba ancestral para um lugar desconhecido. Em sua resposta à minha solicitação, disse que era seu dever permanecer em Okinawa para cumprir seus deveres religiosos. Disse ainda que

eu deveria concentrar meus esforços em meu trabalho. Vendo que não havia meios de fazê-la mudar de idéia, concordei com sua decisão, embora ela significasse muitos anos de separação.

Meu Primeiro Livro

Foi pouco depois de minha chegada a Tóquio que Hõan Kosugi, o pintor, me instou a escrever um livro de referência sobre o Karatê-dô. Eu sabia que essa não seria uma tarefa fácil, porque, como observei anteriormente, não havia material escrito disponível em Tóquio e a bem dizer nem em Okinawa. Assim, comecei escrevendo para os Mestres Azato e Itosu, e também para outros amigos e colegas em Okinawa, pedindo-lhes que me enviassem todas as informações e idéias que pudessem sobre a arte do Karatê-dô. Mas, no momento de escrever o livro, precisei recorrer quase que exclusivamente à minha própria experiência do tempo em que treinava e praticava a arte em Okinawa.

Publicado por Bukyosha em 1922, o livro se intitulava Ryükyü Kempo: Karate, e, para apresentá-lo, tive a honra de incluir mensagens breves escritas por diversas pessoas eminentes. Entre elas, posso mencionar os nomes do marquês Hisamasa, ex-governador de Okinawa, do almirante Rokurõ Yashiro, do vice-almirante Chosei Ogasawara, do conde Shimpei Goto, do tenente-general Chiyomatsu Oka, do contra-almirante Norizaku Kanna, do professor Norihiro Toonno e de Bakumonto Sueyoshi, do Okinawa Times.

Quando releio o livro hoje, sinto-me bastante envergonhado pela qualidade amadora da redação. Entretanto, devotei à sua composição todo o esforço que me foi possível, e assim, entre minhas várias publicações, ele continua meu favorito. Ele foi muito bem diagramado pelo próprio Hõan Kosugi.

Os cinco capítulos eram: “O que é Karatê”, “O Valor do Karatê”, “Treinamento e Ensino do Karatê”, “A Organização do Karatê” e “Elementos Básicos e Katas”. Em apêndice, analisei os cuidados que um karateca deve tomar ao praticar a arte. Para dar ao leitor uma rápida idéia de como me sentia com relação ao karatê na época, reproduzo aqui a breve introdução que escrevi para esse meu primeiro livro:

“Na profundeza das sombras da cultura humana ocultam-se sementes de destruição, exatamente do mesmo modo como a chuva e o trovão seguem na esteira do tempo bom. A história é o relato da ascensão e queda das nações. A mudança é a ordem do céu e da terra; a espada e a caneta são tão inseparáveis quanto as duas rodas de uma carruagem. Assim, um homem deve abraçar os dois campos se quer ser considerado um homem de realizações. Se ele for demasiadamente complacente, acreditando que o tempo bom

durará para sempre, um dia será pego desprevenido por terríveis tempestades e enchentes. Assim, é importantíssimo que nos preparemos a cada dia para qualquer emergência inesperada.

“Lembrar os tempos de aflição nos tempos de paz e treinar constantemente o corpo e a mente são as duas atitude que formam o espírito orientador e o caráter do povo japonês.

“Hoje estamos desfrutando a paz, e nosso país avança a passos largos em todas as áreas. Espadas e lanças, agora virtualmente inúteis, foram guardadas no armário. Mas agora a sutil arte de autodefesa chamada karatê se torna cada dia mais popular, e as pessoas sempre me perguntam se não há algum tom livro de referência disponível. Até entusiastas de lugares distantes me escreveram pedindo um livro assim. Além disso, a saúde e o vigor de nossos jovens que se submetem aos exames físicos para o serviço militar parecem deteriorar ano após ano. Levando em conta todas essas considerações, decidi escrever um livro de referência sobre o karatê; através dele, o esporte pode se espalhar por todo o país e nosso povo pode treinar-se tanto na mente como no corpo. É natural, porém, que esta primeira tentativa tímida padeça de muitos defeitos.”

Este livro teve grande popularidade e foi reeditado quatro anos mais tarde, já revisado, por Kobundo. Seu titulo foi alterado para Renten Goshin Karate-jutsu (Fortalecimento a vontade e autodefesa através de técnicas de karatê). Meu livro seguinte, intitulado Karatê-dô Kyõhan, foi publicado em 1935 e tratava principalmente dos vários tipos de katas. (Também esse livo foi diagramado por Hõan Kosugi.)

Numerosas revistas semanais e mensais também começaram a interessar-se pelo karatê, e enquanto alguns escritores tentavam apresentar um quadro verdadeiro do Karatê-dô, outros preferiam fazer sensacionalismo sobre ele. No apêndice de meu primeiro livro, citei um artigo que apareceu num jornal de Tóquio, em que o autor declarava:

“O objetivo do karatê é modelar um corpo forte. É também uma arte de defesa pessoal. Diz-se que um homem bem-treinado é capaz de se levantar de onde está sentado e despedaçar o teto de uma sala com um golpe do pé, de esmagar um talo de bambu com uma mão, de quebrar duas ou três tábuas grossas com um único golpe do punho, de romper uma corda forte com uma só pancada, de esmagar uma pedra com o punho e de muitos outros feitos de força sobre-humanos. É certo que esses feitos estão além da habilidade humana. ‘Miraculosos’ é a única palavra que pode descrevê-los!”

Naturalmente, como vimos, nem todos os feitos desse tipo estão além da habilidade humana, e descrevê-los como “miraculosos” é absurdo. Mas, sinto muito em dizê-lo, era assim que muitas pessoas consideravam o karatê naqueles tempos.

Amigos e Conhecidos

Um dos primeiros oficiais de nossas Forças Armadas a reconhecer o valor do karatê foi o almirante Rokurõ Yashiro, que conquistara notória fama na guerra contra a Rússia. Como o leitor deve se lembrar, foi ele que visitou Okinawa e que tanto se impressionou com as demonstrações de karatê, que exigiu que seus oficiais e homens sob seu comando o praticassem.

Não tenho idéia de como o almirante Yashiro soube que eu estava em Tóquio, mas ele o sabia, e um dia convidou-me à sua casa em Koishikawa Hara-machi. Ele se lembrava de todas as coisas que tinha visto em Okinawa e disse que ele e seus filhos e netos queriam aprender karatê, de modo que concordei em visitar sua casa uma vez por semana para ensinar-lhes a arte.

Sempre que chegava o dia da prática, ele pessoalmente me recebia no portão de sua casa, vestindo um quimono formal, e, depois de terminada a sessão, conduzia-me até o portão. Conversávamos freqüentemente, antes e também depois das sessões, e eu tirava muito proveito de sua vasta experiência. Considerava-o um homem digno de admiração. Outro homem da marinha de quem aprendi muitas coisas valiosas foi Isamu Takeshita, promovido a almirante já com certa idade.

Isto pode parecer estranho, mas numerosos lutadores de sumô eram também meus conhecidos e alunos. Uchirõ Onishiki, por exemplo, era um grande campeão famoso da época, embora a geração mais jovem de hoje talvez não se lembre do seu nome. As vezes ele levava outros lutadores da mesma academia para meu dojô de Meisei Juku para sessões de prática, mas como meu dojô era muito pequeno e os lutadores de sumô não eram, eu preferia fazer demonstrações de katas na academia de Onishiki em Ryogoku. Outro lutador de sumô a quem dei aulas freqüentes foi um campeão chamado Fukuyanagi, que morreu prematuramente por ter-se alimentado de baiacu preparado inadequadamente. Os lutadores eram sempre muito ativos durante as sessões, assim como hoje, costumavam realizar excursões freqüentes por todo o país. Mas logo que voltavam para a capital, dirigiam-se imediatamente a meu dojô para relatar os eventos.

Lembro-me que um dia o grande campeão Onishiki e eu caminhávamos perto da ponte Lshikiri, em Koisbikawa, quando começou a chover. Casualmente, eu não estava com o guarda-chuva, mas Onishiki imediatamente abriu o seu sobre nossas cabeças. Mas como ele tinha mais de um metro e oitenta de altura, e eu mal um metro e cinqüenta, seu guarda-chuva não me ajudava quase nada. Vendo isso, ele insistiu que eu o pegasse, com as palavras “Por favor”. Para defender-se da chuva, estendeu sobre a cabeça uma toalha

de mão, e continuamos a caminhada.

Depois de se aposentar, Onishiki abriu um restaurante em Tsukiji, e certo dia convidou-me para jantar. Ofereceu-me uma almofada para que nela me sentasse, enquanto ele mesmo se sentou diretamente sobre um tapete de palha, aderindo assim estritamente ao cerimonial apropriado entre professor e aluno. Só me restou ficar vivamente impressionado com as boas maneiras do ex-grande campeão.

Além de Onishiki e Fukuyanagi, havia meia dúzia de outros lutadores famosos que estudavam karatê comigo, e devo dizer que aprendi muito com eles mesmo enquanto lhes ensinava. Minha conclusão foi que a meta última tanto do karatê como do sumô é a mesma: o treinamento do corpo e da mente.

Shotokan

Teria sido muito difícil para qualquer pessoa prever a extensão da catástrofe que se abateu sobre Tóquio no dia primeiro de setembro de 1923. Esse foi o dia do terremoto do Grande Kanto. Quase todos os prédios eram feitos de madeira, e nas horas de fogo intenso que se seguiram ao tremor, a grande capital ficou reduzida a ruínas. Meu dojô, felizmente, escapou da destruição, mas muitos alunos meus simplesmente sumiram no holocausto de edifícios em desmoronamento e labaredas.

Nós que sobrevivemos fizemos todo o possível para socorrer os feridos e os desabrigados nos dias imediatos ao terrível desastre. Com meus alunos que não ficaram mutilados ou mortos, juntei-me a outros voluntários para ajudar a obter alimentos para os refugiados, para limpar o entulho e para auxiliar na tarefa de remover os cadáveres.

Obviamente, precisei adiar temporariamente o ensino do karatê, mas o que não podia ser adiada era a sobrevivência. Depois de pouco tempo, uns trinta de nós conseguimos trabalho no Banco Daiichi Sogo, para a tarefa de fazer estênceis. Não me lembro quanto recebíamos ou por quanto tempo ficamos empregados, mas, pelo quanto me lembro, aquela locomoção diária desde o dojô em Suidobata até o banco em Kyobashi parecia continuar por um tempo interminável.

Lembro-me de um aspecto da caminhada diária. Naqueles dias, muito poucas pessoas usavam sapatos nas ruas das cidades japonesas; todos usavam sandálias ou tamancos de madeira chamados geta. Existe um deste último, chamado hõba no geta, que tem dois dentes muito compridos e às vezes apenas um, e era desses que eu sempre calçava para fortalecer os músculos das pernas.

Havia feito isso na juventude em Okinawa, e não via motivo para mudar agora quando

me deslocava para meu trabalho no banco. Os geta de um só dente que eu usava eram talhados em madeira bem pesada e faziam um estalo ruidoso a cada passo, tão ruidoso quanto o produzido pelos geta de metal usados por alguns estudantes de karatê hoje em dia. Não tenho nenhuma dúvida de que os transeuntes nas ruas olhavam para mim com riso zombeteiro disfarçado, achando engraçado que um homem de minha idade fosse tão tolo a ponto de querer aumentar sua estatura. Afinal, eu já passava dos cinqüenta anos naquela época. No entanto, asseguro a meus leitores que meu motivo não era a vaidade: eu considerava meus geta de um dente uma necessidade para o treinamento diário.

Com o passar das semanas e dos meses, Tóquio começou a reerguer-se, e finalmente chegou um tempo em que percebemos que nosso dojô estava num estado deplorável. O Meisei Juku havia sido construído em torno de 1912 ou 1913, e por longo tempo nada havia sido feito para conservá-lo. Felizmente, recebemos certa quantia de dinheiro do governo municipal de Okinawa e da Sociedade de Cultura de Okinawa para executar as tão necessárias reformas.

Mas tínhamos de encontrar outra residência enquanto as obras de restauração eram realizadas. Ouvindo que eu estava necessitando de novos cômodos para treinamento, Hiromichi Nakayama, um notável instrutor de esgrima e um bom amigo, ofereceu-me seu dojô nos horários em que não era usado para a prática de esgrima. Inicialmente aluguei uma casa pequena perto do dojô de Nakayama, mas em pouco tempo pude alugar uma maior com um pátio amplo, onde meus alunos e eu podíamos praticar.

Chegou o tempo, porém, em que esse arranjo se tomou inadequado. O número de alunos meus aumentou, mas também cresceu o número de praticantes de esgrima. A conseqüência disso foi que percebi que estava sendo inconveniente para meu benfeitor. Infelizmente, minha situação financeira ainda era delicada e eu não ia fazer o que era obviamente desejável: construir um dojô específico para o karatê.

Foi pelo ano de 1935 que um comitê nacional de patrocina-dores de karatê solicitou fundos suficientes para o primeiro dojô a ser erguido no Japão. Foi com certo orgulho que, na primavera de 1936, entrei pela primeira vez no novo dojô (em Zoshigaya, distrito de Toshima) e vi sobre a porta uma tabuleta com o novo nome do dojô: Shõtõ-kan. Este era o nome que o comitê havia decidido adotar; eu não tivera a mínima idéia de que eles escolheriam o pseudônimo que eu usava na juventude para assinar os poemas chineses que escrevia.

Eu também estava triste, porque queria mais que tudo que os Mestres Azato e Itosu viessem e ensinassem no novo dojô. Mas eles já não se encontravam sobre esta terra; assim, no dia em que o dojô foi formalmente inaugurado, queimei incenso em meu quarto

e rezei para suas almas. Na minha imaginação, os dois grandes professores pareciam sorrir-me e dizer, “Bom trabalho, Funakoshi, bom trabalho! Mas não cometa o erro da complacência, porque você ainda tem muito a fazer. Hoje, Funakoshi, é apenas o começo!”

O começo? Eu então tinha quase setenta anos. Onde eu encontraria o tempo e a força para fazer tudo o que ainda precisava ser feito? Felizmente, eu não parecia e nem me sentia velho, e me determinei, como meus professores me exigiam, a não desistir. Eles me tinham dito que ainda havia muita coisa a fazer. De uma maneira ou outra, eu o faria.

Com o término do novo dojô, uma de minhas primeiras tarefas foi elaborar um conjunto de normas a ser seguido e um horário de aulas. Também formalizei as exigências para os graus e classe (dan e kyü). O número de meus alunos começou a aumentar dia a dia, e nosso novo dojô, que parecia mais do que adequado para nossas necessidades no início, a cada dia que passava dava exatamente a impressão contrária.

Embora, como digo, não sentisse o peso dos anos, percebi que não conseguia cumprir todas as obrigações que se acumulavam rapidamente. Não era apenas o dojô que precisava ser administrado; as universidades de Tóquio estavam agora formando grupos de karatê em seus departamentos de educação física, e esses grupos precisavam de instrutores. Sem dúvida, era demais para um só homem supervisionar o dojô e viajar de universidade a universidade, e assim indiquei os alunos adiantados para que ministrassem as aulas nas próprias universidades em que estudavam. Ao mesmo tempo, designei meu terceiro filho como meu assistente, delegando-lhe as atividades diárias de dirigir o dojô, cabendo a mim a supervisão do ensino tanto lá como nas universidades.

Devo mencionar que nossas atividades não se limitavam a Tóquio. Muitos graduados pelo dojô e também karatecas das universidades encontravam trabalho em cidades provinciais, o que fez com que o karatê se tornasse conhecido em todo o país e numerosos dõjõs foram construídos. Este fato ampliou minha missão, pois à medida que o karatê se propagava eu era constantemente solicitado por grupos locais para proferir palestras e dar demonstrações. Quando me ausentava por um período de tempo maior, deixava a administração do dojô nas mãos competentes de meus alunos mais adiantados.

As pessoas me perguntavam muitas vezes como aconteceu de escolher o pseudônimo Shõtõ, que se tomou o nome do novo dojô. Em japonês, a palavra shõtõ significa literalmente “ondas de pinheiros” e assim não tem nenhum grande significado misterioso, mas gostaria de esclarecer por que o escolhi.

Minha cidade nativa de Shuri é rodeada por colinas com florestas de pinheiros Ryukyu e vegetação subtropical; entre elas, está o Monte Torao, que pertencia ao barão Chosuke

Ie (que, na verdade, veio a ser um dos meus primeiros patronos em Tóquio). A palavra torao significa “cauda do tigre” e era particularmente adequada porque a montanha era estreita e tão densamente arborizada que realmente tinha a aparência de uma cauda de tigre quando vista de longe. Quando dispunha de tempo, costumava caminhar pelo Monte Torao, às vezes à noite quando a lua era cheia ou quando o céu estava tão claro que se podia ficar sob uma cobertura de estrelas. Nessas ocasiões, se por acaso também houvesse um pouco de vento, podia-se ouvir o farfalhar dos pinheiros e sentir o profundo e impenetrável mistério que está na raiz de toda a vida. Para mim, o sussurro era uma espécie de música celestial.

Poetas de todo o mundo cantaram suas canções sobre o mistério da meditação que permeia os bosques e florestas, e eu era atraído pela solidão fascinante de que são símbolo. Talvez meu amor pela natureza fosse intensificado pelo fato de eu ser filho único e criança frágil, mas seria exagero de minha parte considerar-me um “solitário”. Apesar disso, depois de uma prática intensa de karatê, não tinha coisa melhor do que sair e perambular sozinho.

Então, quando estava na faixa dos meus vinte anos e trabalhava como professor em Naha, seguidamente me deslocava a uma ilha comprida e estreita na baía, que ostentava um parque natural esplêndido chamado Okunoyama, com pinheiros soberbos e um lago enorme de lótus. A única construção na ilha era um templo zen. Aqui também eu costumava vir com freqüência para caminhar sozinho entre as árvores.

Por aquela época eu já praticava karatê há alguns anos, e à medida que aprofundava meu conhecimento da arte tornava-me mais consciente de sua natureza espiritual. Usufruir minha solidão enquanto ouvia o vento assobiando por entre os pinheiros era, me parecia, um modo excelente de alcançar a serenidade da mente que o karatê exige. E como isto havia sido parte do meu modo de vida desde a mais tenra idade, decidi que não havia nome mais apropriado do que Shõtõ para assinar os poemas que escrevia. Com o passar dos anos, este nome se tornou, penso eu, mais conhecido do que aquele que meus pais me deram no nascimento, e muitas vezes achei que se não escrevesse Shõtõ juntamente com Funakoshi as pessoas podiam não saber quem eu era.

Uma Vida

Grandes Perdas

As nuvens da guerra se juntavam nos horizontes distantes da Manchúria e da Mongólia, mas o céu sobre o Japão ainda estava azul e pacífico. A vida continuava como sempre, com o imperador desempenhando suas muitas funções oficiais. Eu ficava muito emocionado com sua presença anual nas demonstrações de karatê, pois certa vez tive a honra de ser um dos que apresentaram a arte.

Ainda lembro vividamente cada instante daquele dia quando eu, com um grupo de alunos, executamos katas na presença imperial. O jovem pobre de Okinawa que costumava caminhar quilômetros todas as noites até a casa de seu professor jamais poderia prever, nem sequer em seus sonhos, que sua carreira de karatê o conduziria a ponto tão culminante. E todavia chegara a esse ponto, e a honra, para mim, foi intensificada pelo fato de que pude realmente executar os katas diante de Sua Majestade apesar de estar com mais de cinqüenta anos.

Eu já fizera demonstrações diante do imperador antes, quando ele era príncipe herdeiro e havia feito escala em Okinawa em sua viagem para a Europa. Mas a situação então era bem diferente. Naquela época, o karatê era uma das artes marciais menos conhecidas; penso até que é certo dizer que praticamente não era conhecido fora das Ilhas Ryukyu. Mas agora ele havia conquistado seu lugar juntamente com as demais artes marciais tradicionais, e como eu avaliava a diferença enorme entre aquele dia distante em Okinawa e este dia em Tóquio, me foi muito difícil conter a emoção.

Após a demonstração, Suteki Chinda, o camareiro-mor do imperador, convidou-me para um encontro. Disse-me que Sua Majestade se lembrava muito bem daquela demonstração no Castelo de Shuri e perguntara se o líder naquela ocasião não era o mesmo homem que acabara de fazer as apresentações no Palácio Imperial de Tóquio. O leitor pode muito bem imaginar meus sentimentos ao ouvir isso.

Nossos dias de paz estavam chegando ao fim. Como o Incidente da Manchúria começou a trazer conseqüências, o Japão passou a preparar-se para uma guerra de grande escala. O número de alunos que procuravam o dõjõ crescia ainda mais; e depois do efetivo rompimento das hostilidades com a China, a que logo se seguiria a grande Guerra do Pacífico, meu dõjõ não tinha mais condições de conter o número de jovens que queriam treinar. Quando praticavam no pátio e mesmo na rua, eu temia que o som de seus punhos golpeando colunas recobertas com palha seria um incômodo para os vizinhos.

“Sensei”, ouvia com freqüência um jovem dizer ao mesmo tempo que se ajoelhava diante de mim, “fui convocado e devo partir para servir a meu país e a meu imperador.” Todos os dias podia ouvir meus alunos, muitas vezes mais do que um, dirigir a mim palavras desse teor. Eles tinham praticado karatê exaustiva-mente dia após dia como preparação para encontros corpo a corpo com um inimigo perigoso, e achavam que estavam preparados. De fato, ouvi dizer que alguns oficiais instruíram seus homens a atacarem o inimigo com golpes de mãos, se não fossem capazes de carregar um rifle ou uma espada. Isto veio a ser conhecido como “ataque de karatê”.

Naturalmente, muitos alunos meus morreram em batalha —tantos, infelizmente, que perdi a conta. Eu sentia que o meu coração explodiria ao receber tantas comunicações dando-me conta das mortes de tantos jovens promissores. Então ficava sozinho no dõjõ silencioso e oferecia uma oração pela alma do morto, relembrando os dias em que ele havia praticado karatê com irrepreensível dedicação.

E, sem dúvida, como muitas outras, minha família e eu sofremos nossa parcela de desgraças pessoais, desgraças essas que se intensificaram à medida que se tomou evidente que a Guerra do Pacífico terminaria com a derrota do Japão. Quando, na primavera de 1945, meu terceiro filho, Gigõ, adoeceu e teve de ser hospitalizado, mudei-me com meu filho mais velho para Koishikawa. Durante minha estada lá, meu dõjõ foi destruído por um ataque aéreo.

Pensei em como fora construído com amor e generosidade por amigos do Karatê-dô. Ele era uma cristalização de sua devoção pela arte, e era para mim a coisa mais maravilhosa que jamais realizara na vida. Agora, de um momento para outro, estava arrasado.

Pouco tempo depois, houve uma catástrofe ainda maior a suportar: o imperador assinou o decreto de rendição. O caos da vida em Tóquio após essa assinatura foi mais do que eu podia suportar, e assim me desloquei a Oita, em Kyushu, para onde minha mulher havia fugido quando começou a violenta batalha pela conquista de Okinawa. Pelo menos, pensei, poderia viver sossegado com ela, e teria melhores condições para obter o suficiente para comer, o que seria dificil de acontecer na metrópole assediada pela fome.

Mas a vida em Kyushu não era bem o que eu havia antecipado. Por um lado, tinha havido uma evacuação em massa de Okinawa para Oita, e nem minha mulher nem eu tínhamos qualquer parente entre a multidão de refugiados. E nem havia muito para se comer: uns poucos vegetais que plantávamos nós mesmos e plantas marinhas que recolhíamos na praia. Minha mulher, embora já de idade, mantinha seu espírito inquebrantável — mas não por muito tempo, para minha profunda tristeza.

Certo dia, inesperadamente, ela caiu doente. Ela sempre havia sofrido de asma, e por esse tempo a doença se tomara tão grave que mal conseguia respirar. Estando sentado com ela uma tarde, vi-a levantar na cama o corpo mirrado e virar o rosto na direção de Tóquio. Vi seus lábios se moverem numa oração silenciosa. Em seguida, voltou-se novamente, agora na direção de Okinawa, bateu as mãos trêmulas, e respirou outra oração silenciosa. Eu sabia o que se passava em sua mente: ao olhar na direção de Tóquio, ela pensou no imperador e no Palácio Imperial; lembrou-se de seus filhos e netos; e quando se voltou para Okinawa, ofereceu sua derradeira oração aos espíritos ancestrais antes de ela mesma juntar-se a eles.

Assim, minha mulher morreu, ela que no curso de longos ‘anos havia feito todo o possível para ajudar-me e encorajar-me em meu devotamento ao karatê. Desde que me mudara para Tóquio, em tomo dos meus cinqüenta anos, estivera afastado dela, e quando, nos anos anteriores, estivemos juntos em Okinawa, sua vida não fora nada fácil. Éramos tão pobres que nem ela nem eu podíamos usufruir os muitos prazeres comuns da vida que são o consolo do casal comum. Ela ofereceu toda a sua vida a mim, seu marido, que amava o karatê, e a seus filhos.

Acredito que suas qualidades extraordinárias eram reconhecidas pelas pessoas de Oita, pois lhe fizeram uma exceção das mais raras em sua tradição funeral há muito estabelecida. Ë um fato estranho que as casas mortuárias da vila sejam reservadas somente para o corpo de pessoas realmente nascidas em Oíta. O corpo de estranhos é entregue a uma casa funerária urbana em Usuki. Mas os representantes da vila providenciaram para que minha mulher fosse cremada na casa mortuária local, e esta foi, penso, a primeira vez na história da vila que uma exceção dessas foi feita. Foi um tributo comovente à sua memória, às suas qualidades humanas especiais.

Era o final do outono de 1947. Em poucos dias, parti para Tóquio segurando uma uma que continha suas cinzas. Iria parar por uns tempos na casa de meu filho mais velho. Á medida que o velho trem de guerra arrastava-se na direção de Tóquio, parava em numerosas estações. Para minha surpresa, em cada uma delas havia ex-alunos meus que tinham vindo para me saudar e para oferecer suas condolências. Não sei como sabiam que eu estava no trem e que minha mulher havia morrido, mas fiquei profundamente comovido com a solicitude deles. As lágrimas escorreram-me incontidas pelas faces, até que percebi que ela havia morrido tão nobremente como havia vivido.

Reconhecimento do Karatê Verdadeiro

Nos últimos anos, cada vez mais tenho ouvido as pessoas dizerem “karate sennen-goroshi” ou “karate gonen-goroshi”, significando que um homem que foi atingido por um golpe de karatê morrerá inevitavelmente dentro de três ou de cinco anos depois do golpe. Isto é algo selvagem e totalmente deplorável, mas, visto que essa afirmação contém alguma verdade, gostaria de tratar desse assunto brevemente aqui.

Com toda a certeza, é totalmente incorreto afirmar que se alguém golpeia um oponente de um certo modo, ele está inevitavelmente fadado a morrer num período de três ou de cinco anos. Mas é verdade que um homem golpeado desse modo, embora possa não morrer no momento em que é atingido, pode realmente morrer depois de alguns anos como conseqüência do golpe. Certos golpes de karatê, então, tendem a abreviar a vida da vítima: e nisso que reside o tanto de verdade que deu origem a essas afirmações.

Como isso acontece? Sem dúvida, o leitor já viu fotografias de karatecas quebrando tábuas ou telhas com um golpe de mão. Em geral, a primeira tábua ou telha permanece intacta; as que ficam por baixo é que quebram; a tábua que de fato recebe o golpe não mostra sinais de ter sido atingida.

O mesmo pode dizer-se com relação a uma pancada no corpo humano: nada aparece na superfície, mas o interior pode ficar seriamente comprometido. Todos já ouvimos falar de situações em que alguém foi atingido por alguma coisa e que, sentindo pouca ou nenhuma dor, esquece o assunto. Então, com o passar do tempo —talvez anos — a dor começa e pode aumentar. Mas dar tais golpes, como quebrar tábuas ou telhas, está longe da verdadeira essência do Karatê-dô.

Digamos que uma pessoa hábil no karatê possa geralmente quebrar cinco tábuas com um único golpe. Agora, se um homem mediano que não conhece absolutamente nada de karatê se submeter a um treinamento adequado, ele provavelmente será capaz de quebrar três ou quatro tábuas. Mas certamente não podemos dizer que por isso chegou a compreender o significado verdadeiro do karatê. Se tentasse utilizar a habilidade que adquiriu atacando outros, com toda probabilidade perderia a luta; ele teve êxito em fortalecer as mãos, mas fracassou em compreender a natureza do karatê.

Lembro-me de como o Departamento de Polícia Metropolitana temia (na época em que pela primeira vez vim para Tóquio) que o karatê pudesse ser usado como arma de ataque. Penso que as pessoas não sejam tão loucas hoje em dia. Alguns anos depois, um oficial graduado me disse, “Veja, qualquer pessoa que porte uma arma de fogo ou uma espada pode ser presa por posse ilegal de arma, mas no karatê as únicas armas são as mãos e as pernas, e certamente não podemos prender as pessoas por carregarem isso. Assim, gostaria de pedir-lhe que orientasse os jovens que treinam em seu dõjõ a não

usarem sua habilidade para nenhum propósito ilegal. Há muitos bandos de arruaceiros no país atualmente!”

Percebi que se esses bandos, através de meus esforços, aprendessem karatê e o usassem para aleijar ou mesmo assassinar pessoas, meu nome estaria desgraçado para sempre. Orgulho-me de dizer que, das dezenas de milhares de pessoas que estudaram e praticaram a arte do karatê em meu dõjõ, não conheço um único caso em que a habilidade foi usada ilegalmente.

Em minhas orientações, sempre enfatizei o ponto de que o karatê é uma arte de defesa e que nunca deve servir a propósitos ofensivos. “Tenha cuidado”, escrevi num dos meus primeiros livros, “com as palavras que fala, pois se você for arrogante fará muitos inimigos. Nunca se esqueça do antigo ditado que diz que um vento forte pode destruir uma árvore robusta, mas o salgueiro verga, e o vento passa por ele. As grandes virtudes do karatê são a prudência e a humildade.”

É por isso que ensino meus alunos a estarem sempre alertas, mas nunca assumir a ofensiva com suas habilidades, e recomendo aos novos que em hipótese alguma usem seus punhos para resolver diferenças pessoais. Confesso que alguns dos mais jovens não concordam comigo: dizem acreditar que o karatê pode muito bem ser usado sempre que as circunstâncias o tomem absolutamente necessário.

Tento salientar que esta é uma concepção totalmente errada do significado verdadeiro do karatê, pois a partir do momento em que o karatê entra em cena, tudo se transforma numa questão de vida e morte. E como podemos nos permitir entrar em confrontos de vida e morte freqüentemente tendo tão poucos anos de vida sobre a terra?

Quaisquer que sejam as circunstâncias, o karatê não deve ser usado ofensivamente. Para ilustrar isto que exponho, dou o exemplo de um jovem que havia praticado durante pouco tempo no meu dõjõ de Meiseí Juku e que um dia decidiu testar seu chute no cachorro que fazia a guarda dos jardins da residência de Matsudaira, nosso vizinho, O chute do jovem falhou, e ele foi mordido gravemente pelo cachorro. Assim, digo que pervertem o sentido da arte aqueles que, tendo treinado karatê, acham que devem usar suas habilidades.

Outra frase que gostaria de comentar aqui é o assim chamado talho de karatê usado na luta profissional. Realmente, não é um assunto sobre o qual me sinta muito qualificado a falar, porque conheço pouco, para não dizer nada, sobre a luta profissional, e já que não gosto de fazer parte da multidão, nunca vi um confronto a não ser na televisão.

Este “talho de karatê” é a principal arma empregada por Rikido-zan, o homem mais diretamente responsável pela popularização da luta profissional no Japão atualmente, pelo

que o respeito muito. Eu queria saber onde ele havia aprendido karatê e me foi dito que quando era lutador de sumô estudou com Yukio Togawa, que havia treinado em meu dõjõ anteriormente. Assim, Rikido-zan estudou karatê antes de tomar-se lutador profissional, um fato que exemplifica claramente o quanto ele estava decidido a aprender todas as habilidades de sua profissão.

Quando vi seu famoso “talho de karatê” na televisão, percebi que não é nada mais do que uma variação do golpe shutõ do karatê. A palavra shutõ significa “mão em espada” e refere-se ao uso da mão como uma espada ou faca, com os quatro dedos e o polegar estendidos e mantidos unidos.

Apesar de sua aparente semelhança, entretanto, o “talho de karatê” e o shutõ são duas coisas bem diferentes. Quando vi Rikido-zan na televisão, ele parecia posicionar as mãos muito àmaneira como as crianças manejam uma “espada” de bambu. Nosso shutõ, todavia, é uma arma muito mais mortal: é como uma espada de aço aguçada. Um golpe de shutõ na lateral do pescoço de um adversário pode matá-lo instantaneamente. Se atinge a omoplata, pode esmigalhar o osso; e pode, como a lâmina de uma faca, perfurar o corpo de um oponente. É este mesmo shutõ que às vezes é usado para quebrar tábuas e telhas.

A despeito de que o “talho de karatê” seja um descendente do golpe shutõ, o karateca experiente perceberá várias diferenças. No karatê, por exemplo, raramente o braço é elevado acima da cabeça (embora se diga aos principiantes que façam isso ao praticar os katas para tomarem os movimentos mais livres). Mas um praticante nunca eleva os braços, como faz o lutador com seu “talho de karatê”.

Além disso, este último é feito com o braço quase totalmente estendido, enquanto o golpe shutõ é liberado com a dobra do cotovelo. Por ser dado sem abrir os lados amplamente, o movimento fisico envolvido é bastante pequeno quando comparado com o do “talho de karatê”, mas é claro que pode ser infinitamente mais mortal.

Dia após Dia

Muitas vezes os repórteres (e até mesmo membros da classe médica) me fazem aquela pergunta a que nós, pessoas mais velhas, devemos nos acostumar a responder. A que — todos querem saber — devo minha longevidade? E minha resposta singela é que não tenho nenhuma receita secreta — a não ser a moderação. Embora tenha noventa anos de idade, sinto-me tão bem física e mentalmente que não ficaria surpreendido se o dia de hoje marcasse o início de uma nova vida para mim!

Moderação, sim. No entanto, penso que, se mencionar aos leitores alguns de meus

hábitos diários, compreenderão mais claramente como me foi possível viver até essa idade avançada robusto e ativo. Como narrei no inicio deste livro, meu nascimento foi prematuro, e assim minha própria família e também os conhecidos na vizinhança anteciparam que eu não sobreviveria mais do que três anos. Hoje, noventa anos mais tarde, ainda ensino karatê e escrevo livros, e minha mente está tão ocupada criando novas atividades como se eu tivesse apenas a metade da idade atual.

Consideremos rapidamente o importante assunto da alimentação. Como parcimoniosamente, nunca a ponto de ficar cheio. Os vegetais são um ingrediente favorito em minha dieta, e embora goste de came e peixe alimento-me de ambos com restrição. Adoto como regra nunca ter mais do que um prato extra ou mais do que uma tigela de sopa. Penso que o controle da alimentação pode ser um dos motivos principais de eu ter conservado minha excelente saúde. Posso também mencionar que é meu costume, como sempre foi, ingerir comidas quentes no verão e comidas frias no invemo. Por exemplo, diferentemente das outras pessoas, nunca tomo sorvete ou suco de frutas em tempo quente.

Quanto ao traje, não gosto de roupas pesadas. Okinawa, é claro, é muito quente na maior parte do ano, por isso há pouca necessidade de roupas pesadas, mas mesmo hoje, nos invernos de Tóquio, visto-me o mais possível com roupas leves. Nunca usei aqueles braseiros de carvão que chamamos hibachi ou aquecedores a carvão (kotatsu), nem nunca me preocupei com algo como uma garrafa de água quente.

Durante as quatro estações do ano, durmo num só colchão, fino, com um travesseiro de madeira ou de rota, e mesmo no auge do inverno cubro-me apenas com uma colcha. Nunca usei cobertores extras. Pelo fato de minha família ser pobre, acostumei-me cedo a essa austeridade relativa, e nunca vi nenhuma boa razão para alterar o meu modo de vida. Mesmo hoje vivo numa casa alugada, e, além do mais, insisto em morar num quarto em andares de cima. Faço isso deliberadamente, porque acredito que subir escadas é um treinamento excelente para os músculos das pernas. Também este hábito pode ser um fator importante para minha boa saúde duradoura.

Sempre me levanto cedo. Imagino que meus leitores jovens, que estão acostumados a ter as coisas feitas para eles, possam achar isso surpreendente, mas logo que me levanto enrolo minha colcha e acomodo-a no guarda-roupa. Quando vivia em Okinawa, nunca deixava que minha mulher fizesse essa tarefa por mim, e nem permitiria hoje que meus filhos ou netos a realizassem. Meu costume sempre foi o de fazer as coisas eu mesmo, como varrer o quarto, pôr a colcha ao sol ou tirar a poeira dos livros. Acredito piamente na importância da limpeza, e insisto em fazer as tarefas de limpeza eu mesmo.

Este sempre foi meu costume.

Logo ao levantar, espano a poeira que pode ter-se depositado sobre o retrato do imperador Meiji em trajes da corte, um retrato que me foi dado por meus filhos, ou sobre o de Takamori Saigõ, o estadista e soldado Meiji. Este último me foi presenteado por seu neto Kichinosuke Saigõ. Isto feito, passo a vassoura no quarto, pratico alguns katas, lavo as mãos e o rosto e em seguida tomo meu desjejum, que, aliás, é bem simples.

Hoje, ocasionalmente, permito-me um capricho que não consideraria quando jovem: às vezes cochilo um pouco antes do almoço. Minhas tardes são dedicadas, geralmente, à caligrafia ou à leitura. Quase sempre a caligrafia é feita a pedido de alunos que, depois de graduar-se na universidade, assumiram um trabalho em distritos longínquos e desejam que eu escreva algum lema para eles.

Pratico caligrafia desde a infância, mas nunca permiti que alguém preparasse a tinta para mim, e nem permito isso hoje. Como meus leitores podem saber, os calígrafos japoneses usam varetas de pigmento sólido que transformam em tinta esfregando-as contra uma tigela de pedra que contém água. Este é um processo lento, e assim estou vários meses atrasado na entrega dos pedidos dos ex-alunos. Espero que percebam que não são meus anos que causam a demora!

Não necessito de óculos ao fazer caligrafia, mas preciso usá-los quando se trata de ler cartas escritas com pena e tinta. Meu sentido auditivo ainda é bastante agudo, mas devo confessar que os dentes já não são os naturais. Não tenho dificuldades com eles para comer, mas durante uma conversa, às vezes eles afrouxam e tenho medo que caiam; por isso pressiono-os contra as gengivas com um dedo, o que nem sempre contribui para a compreensão. Acho que vou ter de comprar um conjunto novo e melhor um dia desses.

Bem, afinal de contas, um homem mal consegue chegar à minha idade sem que outras pessoas o percebam. As vezes escarneço da mulher de meu filho mais velho com as palavras: “Avise seu marido para que tenha cuidado quando vai à cidade — há muitos carros e ônibus nas ruas, e seu homem não está ficando mais jovem!”

Ela retruca mordaz, “E que idade o senhor acha que tem, vô?”

Dois hábitos que nunca adquiri são fumar e beber. Quando jovem, meus professores de karatê me preveniram contra ambos, e eu segui fielmente seu conselho: “Se acontecer de estar com dez companheiros”, disse um professor, “ou vinte, ou trinta, nunca se esqueça de que todos podem, se ficarem bêbados, transformar-se em inimigos. No caso de beber, lembre-se sempre disso.”

Um hábito que mantenho desde pequeno é o de tomar um banho diário, mas diferentemente da maioria de meus conterrâneos prefiro água apenas moderadamente

quente. E também não gosto de ficar muito tempo dentro da água. No passado, quando costumava ir ao banho público, o serviçal se oferecia para fazer-me uma massagem, mas isso sempre me provocava cócegas, e então eu logo ~ia para parar. Hoje, os jovens da família me perguntam se eu gostaria de uma massagem, mas eu recuso, dizendo-lhes que, velho como sou, meus músculos se encontram em condições excelentes.

E isso é verdade, embora talvez não pensassem assim os estranhos que me vissem caminhar na rua, pois ainda adoto o modo de caminhar suave a que chamamos suriashi, que era o estilo quando eu era jovem. As pessoas jovens não-familiarizadas com esse costume antiquado podem pensar que tenho fraqueza nos joelhos, mas estariam erradas.

Viajo sozinho, indo com freqüência a Kamakura, por exemplo. Não preciso de ajuda para subir ou descer dos trens, e realmente acho lamentável que as universidades sempre me mandem um carro quando vou fazer uma palestra para os estudantes. Lastimável também é quando em meus passeios solitários me encontro com um ex-aluno, e ele invariavelmente insiste em me acompanhar até meu destino. Naturalmente, é um ato de grande bondade; mas, apesar de meu cabelo branco e do fato de que em menos de apenas uma década eu vá ser um centenário, não sinto necessidade da ajuda de ninguém.

Meu pesar maior é que minha memória já não é tão aguçada como outrora. As vezes esqueço coisas ou cometo erros bobos, como descer na estação de trem errada, mas as pessoas jovens, penso, às vezes cometem erros semelhantes, de modo que me recuso a aceitar isso como prova de senilidade.

Essa falha de memória se estende também aos alunos dos departamentos de karatê das várias universidades. Existem tantos! E às vezes esqueço não apenas seus nomes, mas ainda em que universidade estudam. Enquanto ainda são alunos, usando uniformes, a questão é relativamente simples, mas fica mais difícil quando se formam e passam a usar roupas civis.

Às vezes homens a quem ensinei há décadas me visitam quando vêm a Tóquio. Naturalmente eles se lembram de mim muito vividamente, mas o número de meus ex-alunos quase chega a dezenas de milhares. De modo que freqüentemente não sei como chamá-los, e me vejo forçado a repetir aquele chavão, “Como você cresceu!”

Então meus netos me cutucam e sussurram, “Vô, seu visitante é um cavalheiro elegante e próspero. O senhor não acha indelicado dizer que ele cresceu?” Mas quer me lembre deles claramente quer não, sempre fico feliz em receber visitas de meus ex-alunos, e sou profundamente agradecido a eles por ajudarem a popularizar o Karatê-dô.

Um de meus principais prazeres atualmente é ficar na companhia de jovens entusiastas do karatê. Há quatro ou cinco anos, um grupo desses me convidou a ir a

Shimoda, em Izu. Peguei o trem para Itõ e em seguida o ônibus, e quando meus jovens anfitriões me encontraram, acho que esperavam ver-me morto de cansado.

Com toda delicadeza me levaram ao hotel onde havia um quarto reservado para mim no andar térreo. Pedi ao gerente que trocasse esse quarto por um localizado nos andares superiores por causa da vista panorâmica e porque, disse-lhe, me sentiria melhor ao despertar. Ele se sentia feliz por agradar, mas o fator tomou-se mais uma fonte de apreensão para meus anfitriões e para a equipe do hotel, pois todos temiam que eu pudesse tropeçar e rolar pelas escadas. Tive então de demonstrar-lhes que um homem de noventa anos ainda pode subir escadas e também descê-las.

Soube que os habitantes da cidade pensavam que eu devia ser pelo menos vinte anos mais jovem do que realmente era, e toda a viagem a Shimoda foi realmente agradável. E os que me haviam convidado também pareciam ter gostado tanto quanto eu. A lembrança de suas faces sorridentes, que me acompanhou durante todo o caminho de volta, me fez perceber que o trabalho de minha vida estava longe de terminado. Embora o Karatê-dô tenha visto grandes progressos, ainda não é tão popular quanto eu gostaria que fosse. Assim, sinto que devo continuar vivendo por um tempo mais longo para ver concluído o trabalho que, há muito tempo, me propus realizar.

Cortesia

Alguns jovens acreditam que o karatê pode ser aprendido somente de instrutores num dõjõ, mas estes são simples técnicos, não karatecas verdadeiros. Há um ditado budista que diz que “qualquer lugar pode ser um dojô”, e esse é um ditado que nenhuma pessoa que queira seguir o caminho do karatê deve esquecer. O Karatê-dõ não é somente a aquisição de certas habilidades defensivas, mas também o domínio da arte de ser um membro da sociedade bom e honesto.

Saudamos nossos amigos dizendo “bom dia” ou “boa tarde”, e fazemos observações sobre o tempo. Isto é bem comum, e mal pensamos no assunto, mas não deveríamos pensar em algo que é bem mais importante?

Neste nosso tempo de liberalismo e democracia, sem dúvida serei tachado de conservador, e mesmo de reacionário, se sugerir que a cortesia que demonstramos a nossos vizinhos e conhecidos também deve estender-se aos membros de nossa família. É nisso que acredito, entretanto — que deveríamos mostrar mais solicitude para com nossos pais e avós, para com nossos irmãos e irmãs. E uma questão tão óbvia que em geral a

esquecemos.

Os jovens, em particular, deveriam mostrar um interesse maior por suas famílias, e isto, sem dúvida, é uma questão importante não apenas para o possível praticante de karatê, mas também para todo membro da raça humana. A mente do verdadeiro karateca deve estar imbuída de tais desvelos antes de voltar a atenção para o seu corpo e para o aperfeiçoamento de sua técnica. Amor ao karatê, amor a si mesmo, amor à família e aos amigos: todos levam ao amor à própria pátria. O verdadeiro sentido do karatê só pode ser alcançado através desse amor.

Como exemplo, tomemos uma das ocorrências mais comuns do dia-a-dia: a visita à casa de banho público. Ouso dizer que ninguém escapou da experiência desagradável de encontrar a tina ou a bacia de madeira que está prestes a usar com água suja, o que significa que antes de usá-la tem-se de limpar a sujeira de outro. A pessoa que o precedeu era indubitavelmente alguém desprovido de polidez comum. Algumas pessoas levam sua toalha de mão para a banheira comum e realmente chegam a lavar-se na água em que outras pessoas estão mergulhadas. Alguns homens que querem banhar-se não encontram espelho disponível e por isso, em vez de esperar até que um esteja livre, iniciam a prática perigosa de fazer a barba sem ver o que estão fazendo. Qualquer um com um mínimo de boas maneiras dará, depois de vestido, os dois ou três passos necessários para recolocar no devido lugar o cesto em que ficaram guardadas suas roupas, sem deixar que isso seja feito pelo empregado do estabelecimento. O banho público é um dos melhores lugares do mundo onde um homem pode demonstrar, no decurso de sua vida diária, o que verdadeiramente ele é.

Não me lembro há quanto tempo li a autobiografia do falecido Seíji Noma, fundador da Kodansha (a editora), mas nunca me esqueci do livro, e me dou conta de que aprendi muito com ele.

Uma passagem em especial me tocou. “Eu costumava ir à casa de banho público todos os dias ao anoitecer” - escreveu ele. “Ao entrar, o servente me saudava com as palavras, ‘Seja bem-vindo’, e, ao sair, dizia, ‘Muito obrigado’. Por muito tempo, não me incomodei em retribuir suas saudações, mas de repente me dei conta de que seria um ato de cortesia fazer isso.”

Ele continuou enfatizando a importância de sempre retribuir essas saudações, e eu decidi pôr em prática o seu conselho naquele mesmo dia. Entrando na casa de banho, ouvi as palavras de boas-vindas, ao que sorri e disse, “Boa tarde”. O recepcionista da casa, mais do que surpreso à minha inusitada resposta, retribuiu meu sorriso. Ao sair, eu disse “Boa noite” em resposta a seu “Muito obrigado”. Depois disso, nos tomamos muito amigos.

O tom de sua voz, que anteriormente fora mais do que negligente, tomou-se mais caloroso e mais pessoal, e a visita ao banho público se tomou, para mim, mais do que uma rotina diária apenas.

Uma das coisas que sempre digo aos meus novos alunos é que aquele que pensa só em si mesmo e não considera os outros não está qualificado a aprender Karatê-dõ. Descobri que os estudantes sérios da arte são sempre muito atenciosos um com o outro. Eles também demonstram a grande firmeza de propósito que é essencial para continuar o estudo do karatê durante todo o longo período de tempo que ele exige.

Todos os anos, no mês de abril, um grande número de novos alunos se matricula nas aulas de karatê dos departamentos de educação física das universidades — a maioria deles, felizmente, com o objetivo duplo de fortalecer seu vigor espiritual e sua força física. Entretanto, sempre há alguns que têm como desejo único aprender karatê para utilizá-lo numa luta. Esses quase inevitavelmente abandonam o curso antes mesmo da metade do ano, porque é quase impossível que qualquer jovem com objetivo tão tolo continue por muito tempo no karatê. Somente os que têm um ideal superior acharão o Karatê-dô interessante o bastante para perseverar nos rigores que ele requer. Os que persistirem descobrirão que quanto mais treinarem mais fascinados ficarão pela arte.

Pontos Importantes

Seis Regras

Com toda certeza, a melhor maneira de compreender o Karatê-dõ não é só praticando os katas, mas apresentando também o sentido intrínseco a cada um deles. Abordarei extensivamente a questão dos katas em Karate-dõ Kyõhan e por isso não retomarei o assunto neste livro. Gostaria, porém, de mencionar aqui seis regras; é absolutamente fundamental a sua estrita observância para quem quer que procure compreender a natureza da arte. (Embora Mestre Funakoshi fale de “seis” regras, a de número três não é citada, inexplicavelmente.)

1. Leve os treinamentos extremamente a sério. Quando digo isso, não quero dizer que você deve ser razoavelmente diligente ou moderadamente zeloso. Quero dizer que seu adversário deve estar sempre presente em sua mente, quer você esteja sentado, de pé, quer caminhe ou levante os braços. Quero dizer que se você estivesse em combate e devesse desferir um golpe, não deveria ter dúvida absolutamente nenhuma de que esse golpe decidiria tudo. Se cometer um único erro, você será vencido. Você deve estar sempre preparado para uma eventualidade dessas.

Você pode treinar por muito, muito tempo. Se, porém, apenas mexer as mãos e os pés e saltar para cima e para baixo como uma marionete, aprender karatê não será muito diferente de aprender a dançar. Você nunca chegará à essência; você fracassará em captar a quintessência do Karatê-dõ. Ser extremamente sério, então, não é algo da maior importância apenas para um karateca; é igualmente fundamental para a vida diária de todos, pois a vida é em si mesma uma luta pela sobrevivência. Quem for tão complacente a ponto de supor que depois de um fracasso terá uma nova oportunidade, raramente fará de sua vida um sucesso.

2. Treine com o coração e com a alma, sem se preocupar com a teoria. Muito freqüentemente um homem desprovido daquela qualidade essencial da seriedade absoluta refugiar-se-á na teoria. Como exemplo, digamos que alguém esteve praticando um determinado kata por alguns meses e então diz com um suspiro de desânimo, “Não importa o quanto treine, não consigo dominar esse kata. Que vou fazer?” Alguns meses! Como poderia dominar um kata em alguns meses?

A Kiba dachi (“posição de montar a cavalo”), por exemplo, parece extremamente fácil, mas o fato é que, provavelmente, ninguém poderia dominá-la mesmo se a praticasse todos os dias por um ano todo até que seus pés se tomassem tão pesados como o chumbo.

Quase absurdo, então, que alguém se queixe, depois de apenas alguns meses de prática, de ser incapaz de dominar um kata!

A prática verdadeira é feita não com palavras mas com o corpo todo. Outros dominaram o kata que você está praticando. Por que você não seria capaz de fazê-lo? Há algo errado com você? Essas são as perguntas que você deve se fazer; em seguida, deve treinar até cair de exaustão; e então, deve continuar, adotando o mesmo regime rigoroso. O que você aprender ouvindo as palavras de outros será esquecido rapidamente; o que você aprender com o seu corpo todo será lembrado para o resto da vida.

O Karatê-dó consiste num grande número de katas, de habilidades básicas e de técnicas que nenhum ser humano é capaz de assimilar num curto espaço de tempo. Além disso, a não ser que você compreenda o significado de cada técnica e de cada kata, nunca poderá se lembrar, por mais que pratique, de todas as várias habilidades e técnicas. Todas estão entrelaçadas, e se deixar de compreender cada uma completamente, você fracassará a longo prazo.

Mas desde que domine totalmente uma técnica, você perceberá sua relação estreita com outras técnicas. Em outras palavras, você chegará a compreender que todos os mais de vinte katas em ser reduzidos a alguns poucos katas básicos. Portanto, se se tomar mestre em um kata, em pouco tempo chegará à compreensão de todos os outros através da simples observação de sua execução ou pelo aprendizado num período de instrução.

Vou contar uma história antiga que, acredito, ilustra muito bem o que acabo de expor. Refere-se a um declamador de baladas famoso que tinha um professor muito severo quando estava aprendendo a arte na juventude. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, na verdade ano após ano, o jovem teve de recitar a mesma passagem da Taikõki (“a história de Toyotomi Hideyoshi”) sem jamais ser-lhe permitido passar para outra.

Finalmente o desespero tomou conta do jovem, que (se bem me lembro) estava destinado a tomar-se o famoso Mestre Koshiji. Convencendo-se a si mesmo de que não servia para a profissão, certa noite fugiu da casa do mestre, dirigindo-se para a capital do xogum, Edo, em busca de outra atividade.

Seguindo pela estrada de Tokaido, uma noite Koshiji parou numa pousada na prefeitura de Shizuoka, onde, por capricho da fortuna, estava se realizando um torneio de declamação naquela mesma noite. Não tendo nada a perder, Koshiji inscreveu-se no concurso e recitou, claro, a passagem da Taikõki que conhecia tão bem. Ao terminar, o patrocinador da competição expressou entusiasticamente sua admiração. “Foi magnífico!”, exclamou. “Diga-me quem você é, pois tenho certeza de que é um mestre muito famoso.”

O jovem Koshiji ficou satisfeito ao ouvir esse elogio, mas, ao mesmo tempo, um tanto perplexo, teve de confessar que era um simples principiante. Seu espantado ouvinte replicou, “Acho muito dificil acreditar nisso. Você, hoje, declamou como um mestre notável. Quem é, então, seu instrutor?”

Diante da pergunta, Koshiji contou a história de como tinha fugido porque seu mestre era muito exigente.

“Ah, que erro terrível você cometeu!”, exclamou o promotor do evento. “Ë precisamente porque esse seu professor é exigente que você foi capaz de recitar tão excepcionalmente bem essa noite depois de estudar somente por alguns anos. Se aceita meu conselho, volte imediatamente a seu mestre, ofereça-lhe suas escusas e peça-lhe que retome sua instrução.”

O jovem Koshiji assim fez, e antes de morrer tomou-se o mestre mais famoso do seu tempo. Conto esta breve história não meramente para estimular declamadores de baladas e nem mesmo possíveis entusiastas do Karatê-dõ; conto-a porque, como lição de tantas histórias que podem ou não basear-se em eventos reais, ela se aplica à vida em si.

4. Não seja pretensioso nem dogmático. Um homem que se enaltece em tons retumbantes ou que se pavoneia pela rua como se fosse dono dela jamais obterá o respeito verdadeiro, mesmo que tenha condições de realmente ser muito capaz no karatê ou em alguma outra arte marcial. E é ainda mais absurdo ouvir os auto-aplausos de alguém sem capacidade. No karatê, em geral é o principiante que não consegue resistir à tentação de gabar-se ou de exibir-se; agindo assim, ele desonra a si mesmo e à arte que escolheu.

5. Procure ver-se como é realmente e tente adotar o que e meritório no trabalho dos outros. Como karateca, você freqüentemente verá outros praticantes. Quando tiver oportunidade para isso e observar pontos fortes no desempenho de outros, procure incorporar esses pontos em sua própria técnica. Ao mesmo tempo, se o treinando que você está observando parece estar se empenhando pouco, ou menos do que lhe é possível, pergunte-se se você também não está sendo negligente em sua prática. Todos temos qualidades e defeitos; o sábio procura imitar as qualidades que percebe nos outros e evitar os defeitos.

6. Viva sua vida diária de acordo com as regras da ética, quer em público quer em particular. Este é um princípio que exige a observância mais rígida. Com as artes marciais, e de modo muito particular com o Karatê-dõ, muitos novatos apresentarão inevitavelmente grande progresso, e muitos poderão tomar-se karatecas melhores do que seus instrutores. Com grande freqüência, ouço professores se referirem aos treinandos como oshiego

(“aluno”), ou montei (“seguidor”), ou deshi (“discípulo”), ou kohai (“júnior”). Sinto que termos desse tipo devem ser evitados, pois pode muito bem chegar o tempo em que o treinando supere seu instrutor. Empregando expressões assim, o instrutor corre o risco da complacência, o perigo de esquecer que algum dia o jovem de que falou com certa leviandade poderá não somente alcançá-lo mas ainda ultrapassá-lo — na arte do karatê ou em outros campos da atividade humana. A fábula bem conhecida da lebre e da tartaruga não se aplica apenas às crianças. Freqüentemente digo a meus colegas jovens que ninguém consegue alcançar a perfeição no Karatê-dõ até que chegue à percepção de que ele é, acima de tudo o mais, uma crença, um modo de vida.

Quando um homem assume um empreendimento, reza com fervor para alcançar o sucesso. Além disso, sabe que precisa da ajuda de outros; não se alcança o sucesso sozinho. Com o Karatê-dõ, oferecendo sua ajuda aos outros e aceitando-a deles, o homem adquire a habilidade de elevar a arte ao estado de crença, em que possa aperfeiçoar corpo e alma e assim finalmente chega a reconhecer o significado verdadeiro do Karatê-dõ.

Gostaria de pensar que estou errado, mas receio não estar, pois com enorme freqüência ultimamente ouço jovens treinandos usarem expressões como jitsuryoku-gata (“um homem de verdadeira habilidade”), ou sentõ-gata (“um homem de luta”), ou jissen-gata (“um homem de combate verdadeiro”). Esses termos são absurdamente infantis e denotam uma ignorância abissal do sentido do Karatê-dõ.

O objetivo do Karatê-dõ é a perfeição da mente e do corpo, e por isso expressões que exaltem somente a perícia física nunca deveriam ser usadas em ligação com ele. Como um santo budista, Nichiren, disse tão apropriadamente, quem estuda os sutras deve lê-los não somente com os olhos que estão em sua cabeça mas também com os olhos da alma. Esta é a admoestação perfeita que o treinando de Karatê-dõ sempre deve lembrar.

Violação de urna Norma

Devo agora confessar que já me desviei da observância estrita das normas. Este incidente em particular aconteceu alguns anos depois do fim da Guerra do Pacífico.

Na época, eu estava só com oitenta anos, e era bastante mais ativo do que hoje, e assim certo dia fui a uma festa de declamação de poemas em Tamagawa. Como havia bastante do que beber (devido à comemoração de um aniversário), a festa durou até tarde, e eu mal cheguei a tempo de pegar o último trem para Tóquio.

O Japão, então, ainda vivia um estado caótico de pós-guerra, e as pessoas eram advertidas de que era perigoso caminhar sozinho à noite. Mas decidi que ninguém

molestaria um velho como eu, e assim, depois de descer do trem na estação Otsuka, tomei o caminho de casa. Essa região de Tóquio estava em ruínas e deserta; a casa onde residia, que felizmente escapara de todos os bombardeios, se localizava a certa distância.

Logo começou a chover, e por isso levantei a gola do paletó, abri o guarda-chuva e continuei o caminho. O incidente que vou narrar aconteceu em algum ponto entre Otsuka e Hikawashita; e começou quando um vulto vestido de preto saltou inesperadamente de detrás de um poste. “Ei, vovô! “, gritou, dando uma investida para pegar o meu guarda-chuva.

Pensando tratar-se de um amigo ou conhecido, retrocedi polidamente e tirei o chapéu, inclinando-me.

Esse gesto pareceu espantá-lo. Em seguida, depois de um momento de silêncio, disse numa voz incerta, “Que tal um cigarro, vovô?”

Eu podia agora perceber que era um ladrão, mas podia dizer também, pelo tom da voz, tratar-se de um amador — um principiante no negócio, por assim dizer, tentando simular dureza.

“Não fumo”, respondi.

Devo explicar que nunca levo pasta. Nessa noite, envolto na minha furoshiki preta, tudo o que tinha era minha lancheira agora vazia e alguns livros.

“Que idéia é essa de mentir, vovô?”, perguntou o homem. “Você tem cigarros na sua furoshiki.”

“Já lhe disse que não fumo. Pode agora me deixar passar, por favor?”

“Não se preocupe com isso!”, gritou o homem. “Desamarre sua furoshiki e vejamos o que tem nela!”

“Não há nada de valor nela”, eu disse.

“Isso é o que você diz!” Dizendo isso, o homem arrancou o guarda-chuva de minha mão, e me pareceu que iria bater-me com ele.

Sua posição estava cheia de aberturas. Quando brandiu o guarda-chuva, abaixei-me rapidamente e, com a mão direita, agarrei seus testículos. Não tenho dúvida nenhuma de que a dor foi quase insuportável. O guarda-chuva caiu no chão, e o homem, depois de um grito estridente, deu a impressão de desmaiar.

Felizmente, naquele exato momento apareceu no local um policial de ronda, e eu entreguei o assaltante a seus cuidados.

Ao continuar meu caminho, dei-me conta de que o suposto ladrão com quase toda a certeza era um veterano que teria retomado recentemente de algum front distante. Desempregado, decidira assaltar-me abrupta e impulsivamente, e eu, também movido pelo

impulso, havia feito o que constantemente digo a meus jovens treinandos para nunca fazerem: eu havia tomado a ofensiva.

Eu não me sentia nada orgulhoso de mim mesmo.

Karatê para Todos

Uma das características mais impressionantes do karatê é que todos podem praticá-lo, jovens ou velhos, fortes ou fracos, homens ou mulheres. Ademais, não há necessidade de ter um adversário para fins de prática. Claro, à medida que se evolui na arte, um oponente é fundamental para praticar o sparing (kumite) e o sparing livre (jiyü kumite), mas um adversário real não é necessário no começo. E também não há necessidade de um uniforme específico para a luta. Nem mesmo um dõjõ é necessário: a pessoa pode praticar karatê em seu próprio pátio. Certamente, quem esteja verdadeiramente decidido a dominar os vários katas deve treinar num dõjõ adequado, mas quem deseje somente continuar saudável e exercitar sua mente e espírito pode treinar sozinho.

Por esses diversos motivos, então, achamos que há um número maior de mulheres praticando a arte atualmente do que no passado, o que considero uma vantagem tanto para as mulheres como para o Karatê-dõ. Mas se as universitárias que estudam karatê escondem o fato, penso que nós que fomos responsáveis por sua divulgação podemos também nos responsabilizar por fomentar a idéia de que é uma arte a ser praticada somente por homens.

E, todavia, mesmo que o público pense negativamente das mulheres que estudam karatê, elas mesmas consideram a arte tão fascinante quanto os homens o fazem. Um dos motivos para isso, acredito, é que os katas são movimentos graciosos, semelhantes aos usados em vários tipos de dança. Atualmente, vemos na televisão o que chamamos de “exercícios de embelezamento” para mulheres e, vendo-os, pensei em como nossos katas poderiam ser empregados eficazmente para esse propósito, pois podem ser praticados em qualquer lugar.

Muitas vezes as pessoas me perguntam se uma mulher que aprende karatê não vai querer dominar seu marido depois do casamento. Eu diria que o mais provável é o contrário; uma esposa karateca fará todos os esforços para obedecer a seu marido porque o karatê começa e termina com a cortesia. Uma esposa que pratica o Karatê-dõ não sonharia em tentar impor-se sobre o marido.

Sabemos muito bem que o karatê pode aprimorar a aparência de meninas e adolescentes, tanto assim que muitos pais freqüentes vezes trouxeram suas filhas a mim

para aprenderem a arte. Em numerosas ocasiões, aceitei meninas adoentadas como alunas; depois de seis ou sete meses de treinamento haviam recuperado a saúde — mas a essas alturas o karatê se tomara tão importante para elas que já não queriam desistir.

Deve-se também levar em conta o fato inquestionável de que uma mulher com algum conhecimento de karatê pode defender-se mesmo contra um assaltante vigoroso. Entretanto, neste ponto gostaria de reiterar que o karatê não é, jamais foi, meramente uma forma bruta de autodefesa. Pelo contrário, quem quer que realmente domine a arte do karatê tomará cuidado para não aventurar-se em situações ou lugares perigosos onde possa ser forçado a usar a arte. Do mesmo modo que um homem treinado não procurará lutar, assim uma mulher treinada não se colocará numa situação em que precise usar sua habilidade para subjugar um suposto estuprador.

Muitas vezes digo a meus alunos uma coisa que acham confusa. Digo-lhes: "Vocês devem tomar-se fracos, não fortes." Logo querem saber o que quero dizer com isso, pois uma das razões que os levaram a escolher o Karatê-dõ é a possibilidade de se tomarem fortes. Não há necessidade de treinamento para se tomar fraco, dizem eles. Respondo então que o que estou dizendo é de fato difícil de compreender. "Quero que encontrem a resposta dentro de vocês mesmos", digo-lhes. "E prometo-lhes que vai chegar o momento em que vão compreender realmente o que quero dizer."

Estou convencido de que esse tempo chegará. Estou convencido de que se os jovens praticarem karatê com todo seu coração e toda sua alma, no fim chegarão a uma compreensão de minhas palavras. Aquele que está consciente de suas próprias fraquezas será senhor de si mesmo em qualquer situação; somente uma pessoa verdadeiramente fraca é capaz de coragem verdadeira. Naturalmente, um praticante verdadeiro deve aperfeiçoar sua técnica através do treinamento, mas nunca deve esquecer que somente através do treinamento será capaz de reconhecer suas próprias fraquezas.

O Passado, o Futuro

Muitas Armas

Muitas pessoas têm a impressão errônea de que as armas do karatê são apenas as mãos (fechadas ou abertas) e os braços, os pés e as pernas. Entretanto, não é exagerado dizer que todas as partes do corpo, desde o topo da cabeça até a ponta dos dedos dos pés, podem ser usadas como arma. Por exemplo, do pulso para baixo existem pelo menos dez armas possíveis: o seiken (punho normal), o uraken (o dorso do punho), o shuken (o punho da mão), o ipponken (o punho de ponto único), o chükõken (outro punho de ponto único), o tettsui (o punho-martelo), o shutõ (a mão em espada), o nukite (a mão em lança), o ippon nukite (a mão em lança de um dedo) e o nihon nukite (a mão em lança de dois dedos). E do tornozelo para baixo: koshi (a bola do pé), o shusoku (o arco do pé), o sokutõ (pé em espada), o tsumasaki (a ponta do dedo), o enju (o calcanhar) e o sokkõ (o topo do pé). Outras áreas dos braços e das pernas usadas como armas são os pulsos, os cotovelos e os joelhos. Quase não há parte do corpo que não possa ser usada como arma.

Gostaria de descrever rapidamente as partes usadas mais freqüenternente e também a maneira mais eficaz de usá-las. Para os que praticam o karatê apenas como uma forma de calistenia, gostaria também de explicar brevemente como essas várias partes sem ser fortalecidas através do treinamento.

Certamente, devemos começar com o seiken, o punho normal, pois esta é a mais básica de todas as armas do karatê, a que é usada com mais freqüência. É formado apertando os quatro dedos contra a palma e inserindo o polegar entre os dedos indicador e médio. Se inserir o polegar mais a fundo, você pode machucá-lo ao desferir um golpe; portanto, deve-se cuidar o máximo para que ele não vá além do dedo médio.

As juntas formam mais um ângulo agudo do que um ângulo reto. No início, você terá dificuldade em formar um punho assim e se cansará muito rapidamente, mas com prática continuada você se acostumará a ele e o fechará mais firmemente. Além disso, os nós dos dedos ficarão bem desenvolvidos e formarão uma saliência bastante semelhante a um calo, enquanto as bases dos dedos formarão, pelo menos, ângulos retos. Com praticantes bem-treinados, o ângulo se torna agudo.

Um momento propicio para praticar a conformação de um seiken é o do banho. Recubra as mãos com sabonete, de modo que os dedos fiquem escorregadios; a seguir, abra e feche os punhos, da maneira descrita, o maior número de vezes possível.

O novato perceberá que, ao liberar o golpe com o seiken, a mão dobra no pulso. Um

golpe dado com o pulso dobrado nunca é um golpe muito eficaz. Além do mais, sempre há o perigo de que o principiante torça o pulso ao desferir um soco desse tipo.

Quando o seiken é usado corretamente, a junta do dedo médio atinge o oponente num golpe direto, com toda a força do braço que o segue. O seiken pode ser apropriadamente chamado o coração do karatê e deve ser praticado todos os dias e com extrema meticulosidade. A menos que sejam completamente eficazes, todos os katas e kumite se tomam inúteis.

A maneira mais popular de treinar o seiken é usar um makiwara, um poste grosso coberto com palha de arroz. A propósito, o ,nakiwara pode ser usado também para fortalecer a mão em espada (shutõ), os cotovelos e os joelhos. Penso que não estou de modo nenhum exagerando quando digo que a prática com o makiwara éa base para a formação de armas vigorosas.

Com aproximadamente dois metros de altura e quinze centímetros de largura, o makiwara de madeira é enterrado firmemente no chão até que o topo fique da altura dos ombros do praticante. A palha de arroz é enrolada na parte superior da coluna até alcançar uma espessura de cinco a sete centímetros; a palha é firmada com corda fina. No início, o principiante, ao golpear a coluna, sentirá dor considerável nos punhos, e por isso recomendo que a palha seja recoberta com uma toalha.

Depois de preparar o makiwara, o treinando assume uma posição meio-frontal (hanmi) diante dele, assegurando-se de que a distância entre ele e a coluna seja suficientemente pequena para permitir que o punho alcance o alvo. Ele dobra os joelhos completamente e baixa os quadris. A mão esquerda está fechada e colocada á frente a uma distância de mais ou menos quinze centímetros do makiwara; a mão direita, também fechada, fica no quadril, palma voltada para cima. Os olhos estão fixos no makiwara, e sua força está concentrada no baixo abdome (o tenden). A parte do makiwara coberta de palha deve estar no nível do peito, pois se estiver mais alta ele precisará saltar e assim perderá força.

O ponto mais importante é a posição: as pernas devem estar plantadas firmemente no chão. O momento seguinte é o do golpe em si: arremessa-se o punho direito cerrado, que ficou próximo do corpo; simultaneamente, gira-se o quadril direito na direção do alvo, com toda a força possível, enquanto o punho esquerdo cerrado, que ficou a uns quinze centímetros de distância do makiwara, é jogado para trás no lado esquerdo. Ao dar o golpe, o punho direito deve girar rapidamente num movimento em saca-rolha ao tocar o alvo. Em outras palavras, é um golpe em saca-rolha, e isso faz com que seja mortal. Esta é uma ação difícil de controlar, e por isso o treinando deve exercitá-la indefinidamente.

Sugiro que o principiante golpeie o makiwara com pouca força no início, aumentando-a

gradativamente até que o punho se acostume a um golpe forte. No fim, obviamente, o treinando terá condições de golpear com toda a força. Mesmo que o novato soqueie o makiwara com toda leveza, ainda assim pode sentir dor na mão, ou pode apenas roçar o alvo (embora fique a um metro de distância), o que pode fazer com que a mão fique contundida ou inchada. O inchaço pode ser aliviado mergulhando a mão em água gelada, mas as contusões exigirão que se adie o treinamento até que os ferimentos sarem.

Reforço dois ou três pontos da mais alta importância relativos ao seiken: a posição deve ser baixa, os quadris devem girar com rapidez e vigor, e o punho deve aplicar toda a força de que o corpo é capaz. Uma observação mais: um treinando que se jacta de ter formado calos nas juntas dos dedos ainda não compreendeu o significado do Karatê-dõ. A propósito, quem pratica karatê como uma forma de calistema não precisa usar um makiwara: pode praticar e executar todas as ações necessárias sem desferir um único golpe.

Outro golpe importante além do seiken é aquele desferido pelo dorso do punho (uraken), em que a parte do punho que golpeia o adversário é principalmente a das juntas do primeiro e segundo dedos. Entretanto, se alguém treina com um makiwara, deve atentar para que as juntas dos quatro dedos atinjam o alvo. O uraken é uma arma muito eficaz para atingir a face, as axilas e os lados do tronco na hipótese de um oponente atacar pela lateral.

Em seguida temos o punho-martelo (tettsui). Fecha-se o polegar entre os dois dedos como num seiken, mas a parte do punho que golpeia não é a mesma. Aqui é a parte da palma localizada exatamente debaixo do dedo mínimo. Muitos dizem que este não é um golpe muito eficaz, mas garanto a meus leitores que um tettsui bem desenvolvido com o uso de um rnakiwara é verdadeiramente uma arma muito poderosa. Embora a área que de fato golpeia o alvo seja bem macia, ela não sofrerá maiores danos a despeito da rigidez do alvo. Por esse motivo, o tettsui pode ser usado mais eficazmente para golpear o punho ou outras juntas do adversário.

A mão em lança é uma arma que penetra o oponente com a ponta dos dedos. O shihon nukite emprega os quatro dedos, o nihon nukite, dois, e o ippon nukite, um. O polegar é dobrado dentro da palma enquanto os dedos são estendidos e mantidos unidos. Alguém pouco familiarizado com este golpe poderia supor que os dedos podem ficar seriamente feridos ao golpear o adversário, mas o fato é que com prática suficiente o nukite é uma arma muito útil contra o rosto e contra o plexo solar.

O shutõ, ou mão em espada, que já descrevi brevemente, tem diversas aplicações. Ele é formado do mesmo modo que o shihon nukite, com a diferença de que a área que

desfere o golpe é a parte macia da palma da mão localizada debaixo do dedo mínimo. O makiwara é muito adequado para fortalecer essa arma. O shutõ tem sua eficácia maior quando aplicado contra o pescoço, lados, braços e pernas do adversário.

Empi significa cotovelos, que são usados freqüentemente, ofensiva e defensivamente — quando o adversário procura agarrá-lo, por exemplo, ou quando ataca pelo lado ou pela frente; quando você se agacha para introduzir-se na defesa dele, ou quando segura o oponente para trazê-lo próximo a você. Os cotovelos são eficazes para golpear o rosto, a cabeça, o peito, os lados e as costas do adversário. Você pode utilizá-los também para proteger o peito e os lados, e, se for lançado ao solo, são úteis para golpear as pernas do oponente. Os ossos do cotovelo são fortes, e por isso mulheres e crianças também podem usá-lo muito proveitosamente, desde que haja prática adequada.

Se utilizados com a rapidez desejável, os movimentos da perna e do pé estão entre as armas mais importantes do karatê, pois com muita freqüência pegam o adversário de surpresa. A ação da perna consiste principalmente em chutar, mas às vezes as pernas e os pés são usados para bloquear. Naturalmente, as pernas são mais grossas e mais fortes do que os braços, mas apresentam maior dificuldade de uso eficaz sem uma carga bastante grande de exercícios. Existe também um perigo muito sério: se alguém chutar com uma perna e errar o alvo, perderá o equilíbrio, o que o fará abrir sua defesa para revide do oponente.

A palavra koshi faz referência a uma área específica da sola do pé que é usada para golpear um adversário que ataca de frente. Sua formação é semelhante à do seiken, mas deve-se observar que se o pé não é apontado para cima suficientemente ou se não se concentra força suficiente no tornozelo, o koshi se transforma numa fonte de perigo para aquele que o utiliza. O calcanhar (enju) é útil contra um adversário que ataca ou que tenta agarrar o corpo pelas costas.

Lembranças da Infância

Antes de concluir essas reflexões pinçadas a esmo sobre o Karatê-dõ e sobre mim mesmo, gostaria de dizer algumas palavras sobre outro esporte local de Okinawa, não apenas por ter me proporcionado muitas horas de divertimento quando jovem, mas também porque acredito que ele me ajudou a desenvolver aquele vigor muscular tão útil no karatê.

Estou me referindo ao esporte chamado luta corpo a corpo. Mas — dirá você — as pessoas lutam corpo a corpo no mundo todo. As crianças começam a brincar de luta tão

logo chegam à idade de entreter-se com qualquer tipo de jogo. Acontece, porém, que a luta corpo a corpo de Okinawa tem certas características que a tornam única. Como acontece com o karatê, a origem dessa luta também é desconhecida, e muitos habitantes de Okinawa acreditam que deve ter havido um certo relacionamento entre os dois.

O nome local para nosso estilo de luta é tegumi, e, na hipótese de precisar escrever a palavra, devem-se usar os mesmos dois caracteres chineses que são utilizados para escrever o kumite do karatê, com a única diferença de que são escritos na ordem inversa. Sem dúvida, o tegumi é um esporte bem mais simples e mais primitivo do que o karatê. Na verdade, as poucas regras que existem reduzem-se a algumas proibições: o uso dos punhos, por exemplo, para golpear o adversário, ou o uso dos pés e das pernas para chutá-lo. Além disso, os lutadores não podem pegar-se pelos cabelos e nem beliscar-se. Proibidos são também a mão em espada e o golpe de cotovelo usados no karatê.

Diferentemente da maioria das formas de luta, em que os participantes usam pouca roupa, os que se atracam num confronto de tegumi se apresentam totalmente vestidos. Além disso, não há ringue especial; o confronto pode acontecer em qualquer lugar — dentro de casa ou num campo próximo. Devo mencionar que quando era jovem em geral utilizávamos os ambientes externos para os confrontos, em primeiro lugar por serem mais animados, e em segundo porque nossos pais não gostavam de ver estragadas as portas de papel corrediças e os tapetes de tatame. É claro que quando lutávamos num campo, primeiro tínhamos de retirar todas as pedras e pedregulhos, os quais se constituem em característica predominante do terreno rural de Okinawa.

Como no sumô, o confronto começa com os dois oponentes se empurrando. Á medida que se desenvolve, são usadas técnicas de agarramento e arremesso. Uma das que me lembro bem era muito semelhante ao ebigatama (bloqueio da perna e Nelson de três quartos) da luta profissional atual. Quando assisto a lutas pela televisão, seguidamente me lembro do tegumi do meu tempo de juventude.

Em geral, os árbitros eram meninos que atuavam também como segundos dos adversários, e sua função principal consistia em assegurar que nenhum dos contendores fosse ferido gravemente ou golpeado até a inconsciência. Para interromper a luta, tudo o que o garoto que sentia que havia apanhado precisava fazer era bater de leve no corpo do oponente. Entretanto, alguns meninos eram tão arrojados que continuavam lutando até ser nocauteados. Nesses casos, era dever do árbitro tentar interromper a luta antes que isso acontecesse.

Como qualquer outro menino de Okinawa, passei muitas horas alegres envolvido em lutas de tegumi ou assistindo a elas, mas foi depois que passei a praticar karatê com

seriedade que cheguei a perceber que o tegumi oferece uma oportunidade única para treinamento, no sentido de que não precisa ser limitado a dois participantes. Um participante (em geral, é claro, um garoto de mais idade e mais forte) pode enfrentar dois ou três oponentes ou tantos quantos se sinta capaz de enfrentar.

Essas lutas começam com o protagonista deitado de costas e com os antagonistas imobilizando seus braços e pernas. Depois de decidir-me a ser um karateca, costumava reunir quatro ou cinco garotos para lutar corpo a corpo comigo, acreditando que tais confrontos fortaleceriam os músculos dos braços, das pernas e também os do estômago e dos quadris. Não sei dizer agora o quanto o tegumi realmente contribuiu para o meu domínio do karatê, mas tenho certeza de que ajudou a fortificar minha vontade.

Por exemplo, eu raramente tinha grande dificuldade em repelir um oponente individual, mas os obstáculos cresciam muito quando o número de opositores aumentava. Então, ao atacar um, os outros achavam uma brecha por onde contra-atacar. É dificil imaginar maneira melhor do que esta para aprender a defender-se contra mais de um adversário, e, se isso não parecer mais do que um jogo de crianças, posso garantir que os que se envolviam com o esporte o faziam com a maior seriedade.

Pelo que ouço, o tegumi está novamente se tornando popular entre as crianças de Okinawa — e isso não me deixa satisfeito em absoluto. O motivo é que onde costumávamos retirar pedras para formar uma arena, as crianças na Okinawa de hoje podem encontrar granadas ou bombas não detonadas deixadas durante a sangrenta batalha da Guerra do Pacífico. Essa possibilidade é algo muito doloroso sobre o qual se deve pensar.

O Karatê se Internacionaliza

Antes da guerra, muito poucos não-japoneses sabiam alguma coisa sobre o karatê, ou tinham o desejo de aprendê-lo. Os que acharam o caminho para meu dõjõ eram repórteres ou instrutores de educação fisica que tinham ouvido falar do interesse japonês pelo karatê. O fim da guerra trouxe a ocupação, e então muitos soldados americanos começaram a visitar-me e a solicitar instrução. Não sei dizer como chegaram a ouvir falar em mim.

Certo dia, o falecido Bunshiro Suzuki levou-me ao Hotel Imperial para um encontro com um editor americano. Naquele tempo, não era permitido aos japoneses entrarem no Imperial, a não ser que fossem convidados por algum americano que estivesse hospedado lá. Assim, quando entrei na sala onde nos encontraríamos, fiquei muito surpreso de vê-la

decorada à maneira japonesa, com biombos dobráveis e flores que sem dúvida haviam sido arranjadas por algum aluno de ikebana. Minha lembrança mais importante daquele encontro foi o espanto do cavalheiro americano diante de minha idade um tanto avançada. Como me foi traduzido, sua observação sobre a questão mencionava o fato de que enquanto no Japão estávamos transformando o Karatê-dõ de arte marcial em esporte, na América ele seria valorizado como um esporte para a longevidade.

Depois disso tive inúmeras outras experiências com americanos visitantes e da ocupação, e logo me acostumei a ver rostos estrangeiros (incluindo alguns do sexo feminino) no dõjõ da Karatê Kyõkai. Fui convidado a ensinar karatê ao oficial instrutor de educação física na base da Força Aérea Americana em Tachikawa, e um pouco mais tarde me foi solicitado que fizesse demonstrações de katas ao comandante da base em Kisarazu, prefeitura de Chiba.

Nessa última ocasião, o comandante, embora conhecesse pouco ou nada do karatê, pediu-me para demonstrá-lo da maneira realmente japonesa. Ele me recebeu com a maior cordialidade, acompanhou a demonstração com todo o respeito e ele mesmo me acompanhou à saída da base. Antes de despedir-se, levou-me a um santuário da base dedicada aos aviadores japoneses mortos em combate.

Havia uma estátua monumental em bronze de um jovem aviador japonês apontando para o oceano Pacífico, com uma águia com asas abertas a seus pés. Tanto o santuário em si como os torii que levavam a ele estavam numa condição imaculada. O comandante me disse que não o havia removido por respeito aos jovens aviadores japoneses que haviam dado a vida por sua pátria, embora essas vidas tivessem sido dadas em vão. Então perguntou-me se alguns dos meus ex-alunos haviam sido pilotos durante a guerra. Quando me inclinei profundamente diante do santuário, ele compreendeu minha resposta, e ele próprio fez sua saudação. Eis aqui, pensei, um verdadeiro cavalheiro, e foi com lágrimas nos olhos que me despedi dele no portão da base.

Depois de assinado o tratado de paz entre o Japão e os Estados Unidos, o karatê abriu seu próprio caminho de paz para o continente americano. Isso aconteceu quando um alto oficial americano pediu-me para fazer um giro de três pelas bases do continente, demonstrando o Karatê-dõ a aviadores americanos. Escolhi como assistentes Isao Obata (da Universidade Keio), Toshio Kamata (da Waseda) e Masatoshi Nakayama (da Takushoku). Para percorrer o circuito, tínhamos um avião especial à nossa disposição, e em vez de demonstrar diante de pequenos grupos de espectadores, como antes, agora praticávamos nossos katas diante de grandes grupos de aviadores americanos interessados. Não consigo expressar o prazer que senti.

Assim, o Karatê-dõ que, na minha infância, era uma atividade clandestina local de Okinawa, finalmente havia se transformado numa das artes marciais do Japão antes de criar asas e voar para a América. Atualmente é conhecido em todo o mundo. Enquanto escrevo essas notas, recebo pedidos de informações, e também de instrutores, de todos os lugares. Ainda admirado pela quantidade de pessoas que ouviram falar do karatê, dou-me conta agora de que logo que este livro esteja concluído precisarei dar início a um novo projeto — o de enviar especialistas de karatê japoneses a outros países do mundo.

KARATÊ-DŌ — O Meu Modo de Vida

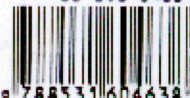
Gichin Funakoshi

Muito já se publicou no Japão sobre o eminente mestre de karatê, Gichin Funakoshi, mas esta é a primeira tradução de sua autobiografia para o português. Escrita pouco antes de sua morte, aos noventa anos, a obra descreve em detalhes sucintos a vida do mestre — sua infância e juventude em Okinawa, sua luta para aperfeiçoar e popularizar a arte do karatê, suas orientações para se alcançar a longevidade — e revela sua personalidade única e seu modo de ver a si mesmo, ao seu mundo e à sua arte.

Através da leitura deste livro, o praticante de karatê-dō chegará a uma compreensão maior do modo de viver e de pensar do mestre e, como conseqüência, da arte da autodefesa que ele tanto aperfeiçoou.

Karatê-Dō — O Meu Modo de Vida é um livro altamente recomendado não só para os que praticam essa arte marcial, mas também para todos os que se interessam pela cultura e pelo pensamento do Oriente refletidos na ética e na arte da autodefesa.

ISBN 85-316-0463-X



EDITORA CULTRIX